



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**PAULO SERGIO RODRIGUES DE PAULA**

**BAREBACKING SEX: DISCURSIVIDADES  
NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA E NA INTERNET**

**Florianópolis/SC  
2009**



**PAULO SERGIO RODRIGUES DE PAULA**

**BAREBACKING SEX: DISCURSIVIDADES  
NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA E NA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Área de concentração:** Práticas Sociais e Constituição do Sujeito

**Linha de pesquisa:** Gênero, gerações e diversidades

**Orientadora:** Dra. Mara Coelho de Souza Lago

**Florianópolis / SC  
2009**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da  
Universidade Federal de Santa Catarina

P324b Paula, Paulo Sergio Rodrigues de  
Barebacking sex [dissertação] : discursividades na  
mídia impressa brasileira e na internet / Paulo Sergio  
Rodrigues de Paula ; orientadora, Maria Coelho de  
Souza Lago. - Florianópolis, SC, 2009.  
210 p.: il., tabs., +; anexos

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. Psicologia. 3.  
Barebacking. 4. Biopolítica. 5. Discursividade. 6.  
Internet. 7. Mídia. I. Lago, Maria Coelho de Souza. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

**PAULO SERGIO RODRIGUES DE PAULA**

**BAREBACKING SEX: DISCURSIVIDADES  
NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA E NA INTERNET**

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago  
Departamento de Psicologia/UFSC  
Orientadora

---

Profa. Dra. Sandra Caponi  
Centro de Ciências da Saúde/UFSC

---

Prof. Dr. Tito Senna  
Dept° de Pedagogia/UDESC

---

Prof. Dr. Leandro Castro Oltramari  
Dept° de Psicologia/UNISUL



*Para minha mãe Floriza Rodrigues, pelo amor e respeito acima da compreensão.*

*Para Renato Souza, amigo, companheiro e parceiro sem o qual não teria sido possível chegar até aqui; por tornar esta jornada mais suave.*

*Para minhas irmãs Beatriz; Denize e irmão André, pela cumplicidade da nossa infância, pela presença intensa em minha vida e pelos presentes que me deram: Wellington, Lucas, Cayo, João, Artur, Andressa, Pedro, Ana e Manuela (in memorian).*

*Para minhas avós Maria Rosa Rodrigues de Lima Brito e Aureliana Maria de Paula, por me mostrarem a cada dia que viver e envelhecer é um privilégio de poucos.*





## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mara Coelho de Souza Lago, pela sabedoria e dedicação impar com que me orientou ao longo deste trabalho.

À Laci Souza e Lauzimar Terezinha de Mello pela acolhida, carinho, respeito, confiança e por me ensinarem que cada ser humano traz dentro de si um diamante bruto à espera de ser lapidado.

À Mariana Lukascheck Caramurú, por todas as preces, rezas e orações.

À minha amiga Eduarda Cristine de Mello, pela disposição em ouvir minhas leituras e relatos por horas a fio.

Às amigas Elisabeth Lukascheck Caramuru e Liliane Kobarg da Costa, pelo carinho e paciência ao longo desses anos.

Ao amigo Pablo Raimundo, com quem pude discutir o trabalho ao longo de sua execução, pelas sugestões e críticas sempre pertinentes.

À tod@s que participaram comigo da disciplina ‘Diálogos de Tese’ que, com atenção leram meus manuscritos e colaboraram com valiosas sugestões, em especial às amigas Keyla de Moraes, Maria Eduarda Ramos e Geórgia Benetti pelos incentivos desde o início desta pesquisa.

Às funcionárias das bibliotecas da UFSC: Neuseli Vieira Santos (BU-Central); Maria Raquel Souza (Setorial do CED); Maria da Glória (Sala de Leitura José Saramago).

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela disposição e presteza: *Janete* M<sup>a</sup> M. Bromer, Helena Del Fiaco, Léia Caetano Lima Leal.

Às colegas e amigas do Colégio São Camilo de Jacareí, pelo apoio e compreensão no início desta jornada: Uberlândia, Luiza, Eliane, Joice.

À amiga Verônica Almeida Siqueira, a fada dos livros que habita a Livros & Livros do CFH/UFSC.

Ao Professor Dr. André Queiroz do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), pela gentileza com que prontamente me atendeu e pelo envio das suas obras para apreciação.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, importante para a dedicação a este trabalho.



*“O homem normal pouco nos importa;  
eu diria que ele é suprimível,  
pois o encontramos em toda parte.  
É o máximo divisor comum da humanidade,  
e que em matemática, sendo dados uns  
números,  
se pode subtrair a cada algarismo  
sem lhe fazer perder sua virtude pessoal.*

*O homem normal (esta palavra me  
exaspera)  
é esse resíduo, essa matéria prima,  
que depois da fusão em que as  
particularidades se utilizam,  
se encontra no fundo das retortas.  
É o pombo primitivo que se consegue de  
novo  
pelo cruzamento das variedades raras,  
um pombo cinzento.  
As plumas coloridas caíram;  
não há mais nada que o distinga*

*O homem normal é aquele que encontrei na  
rua  
e que chamei pelo meu nome,  
tomando-o inicialmente por mim mesmo”*

*André Gide, in Paludes, p.68-69*



## RESUMO

Barebacking é um termo de origem Inglesa, que denomina um estilo de montar um cavalo sem o uso da sela e tem sido usado para descrever o envolvimento intencional, deliberado e consciente, em relações sexuais sem uso do preservativo, com risco de contrair HIV. Este estudo teve como objetivo analisar os discursos sobre a prática do bareback na mídia brasileira e da Internet. Ressalto que o objeto desta pesquisa não são necessariamente os Barebackers, mas o discurso sobre bareback no Brasil, ou seja, como têm se constituído as discursividades sobre esta prática no contexto social Brasileiro. O corpus da pesquisa é formado por artigos de pesquisas acadêmicas, artigos de revistas de grande circulação nacional (Veja, Época, Isto É) e outros documentos capturados na Internet, como os jornais, sites e blogs, todos publicados entre o período de 2001 a 2009 e tendo como tema principal o barebacking. Por tratar-se de um tema interdisciplinar e relativamente novo, acredito que os textos e conceitos de Michel Foucault foram fundamentais neste trabalho, especialmente os escritos sobre biopolítica, que direta e indiretamente, abrange todos os conceitos discutidos ao longo do trabalho como dispositivo de sexualidade, anormalidade, vigilância, disciplina, parrhesia. Com base nos documentos analisados, é possível afirmar que nas discursividades produzidas sobre a prática do barebacking no contexto brasileiro, predominam os discursos biomédicos prevencionistas, em que os meios de comunicação, de modos muitas vezes sensacionalistas, cumprem o papel de trazer o tema ao grande público. Entretanto, quando o assunto é o sujeito que pratica bareback, existe uma prevalência em caracterizá-lo via discursos patologizantes, como alguém anormal, portador de distúrbios neuro/psicológico/psiquiátricos; ou criminalizadores, que acabam contribuindo para a manutenção de estigmas que há séculos acompanham os indivíduos homossexuais, com críticas moralizantes, patologizadoras. Nestas discursividades, o homossexual adepto de barebacking é considerado um pré-doente, já que nesta prática, considerada de alto risco, a possibilidade de infecção pelo HIV é tida como certa, transformando seus praticantes em pessoas irresponsáveis e ou criminosas, passíveis de diagnósticos, qualificações e intervenções advindas dos discursos da verdade.

**Palavras-chave:** Barebacking; Biopolítica; Discursividade; Foucault; Internet; Mídia.



## ABSTRACT

Barebacking is a term of English origin, which he calls a style of riding a horse without the use of the saddle and has been used to describe the involvement of intentional, deliberate, and conscientious, have sex without using condoms, the risk of HIV. This study aimed to analyze the discourses on the practice of bareback in the Brazilian media and the Internet. It should be noted that the object of this research are not necessarily the Barebackers, but the discourse on bareback in Brazil, that is, as have been made speeches on this practice in the social context of Brazil. The body of research consists of academic research articles, magazine articles, a large national circulation (Veja, Época, Isto É) and other documents captured on websites such as journals, web sites and weblogs, all published between the period of 2001 to 2009 and having as main theme the barebacking. As this is a topic of interdisciplinary and relatively new, I believe that the writings and concepts of Michel Foucault were instrumental in this work, especially written on Biopolitics, by directly and indirectly cover all the concepts discussed throughout the paper as a device of sexuality, abnormality, monitoring, discipline, parrhesia. Based on documents reviewed, it is possible to order the speech about the practice of barebacking on the Brazilian context, dominated by bio-medical discourses prevention, in which the media in ways often sensational play the role of bringing the theme to the general public. However, when it comes to the guy who does bareback, there is a prevalence characterize it via discourses on diseases, such as an abnormal, holder of neuro / psychological / psychiatric, or criminalized, which end up contributing to the maintenance of stigma that has for centuries accompany homosexual men, with critical moralizing, pathological. In the speech, a supporter of gay barebacking is considered a pre-patient, as this practice is considered high risk, the possibility of HIV infection have taken place, turning its practitioners into irresponsible and criminal or liable to diagnostics, skills and interventions arising from discourses of truth.

**Keywords:** Barebacking; Biopolitics; Discourse; Foucault; Internet; Media





## RÉSUMÉ

Bareback est un terme d'origine anglaise, qu'il appelle un style de monter un cheval sans l'utilisation de la selle et a été utilisé pour décrire l'implication des intentionnelle, volontaire et consciencieux, avoir des rapports sexuels sans préservatif, le risque de VIH. Cette étude visait à analyser les discours sur la pratique du bareback dans les médias brésiliens et l'Internet. Il convient de noter que l'objet de la présente recherche ne sont pas nécessairement les Barebackers, mais le discours sur le bareback, au Brésil, qui est, comme cela a été fait des discours sur cette pratique dans le contexte social du Brésil. Le corps de recherche se compose d'articles de recherche académique, articles de magazine, une distribution nationale, de grande taille (Veja, Epoca, Isto É) et autres documents saisis sur les sites Web tels que: journaux, sites Web et les blogs, toutes publiées entre la période de 2001 à 2009 et ayant pour thème principal le bareback. Comme il s'agit d'un sujet d'interdisciplinarité et relativement nouveau, je crois que les écrits et les concepts de Michel Foucault ont contribué à ce travail, surtout écrit sur la biopolitique, directement et indirectement en couvrir tous les concepts abordés dans l'article en tant que dispositif de la sexualité, anomalie, la surveillance, la discipline, la parrhesia. Basé sur des documents examinés, il est possible de commander le discours sur la pratique du barebacking à l'contexte brésilien, dominé par les bio-médicales discours prevención, dans lequel les médias de façon souvent dramatique jouer le rôle de porte le thème pour le grand public. Toutefois, quand il s'agit de le gars qui ne monte à cru, il ya une prévalence caractérisent par des discours sur les maladies, comme une anomalie, le titulaire de la neuro-psychologique / psychiatrique, ou des délinquants, qui finissent par contribuer au maintien de la stigmatisation qui est depuis des siècles accompagner les hommes homosexuels, avec critique moralisante, pathologique. Dans le discours, un partisan du bareback gay est considéré comme un pré-patient, car cette pratique est considérée comme à haut risque, la possibilité d'infection par le VIH ont eu lieu, tournant ses praticiens en irresponsable et criminelle, ou susceptible de diagnostics, compétences et les interventions découlant de discours de vérité.

**Mots-clés:** Barebacking; Biopolitique; Discourse; Foucault, Internet, Médias



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Revistas .....	69
<b>Quadro 2</b> - Periódicos .....	69
<b>Quadro 3</b> - Weblogs .....	70



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>28</b>
<b>ALGUNS CONCEITOS FOUCAULTIANOS .....</b>	<b>28</b>
1.1 A ordem do discurso .....	28
1.2 O poder disciplinar .....	32
1.3 O sujeito e a ética .....	37
1.4 A Hipótese repressiva e o dispositivo da sexualidade.....	40
1.5 Biopolítica: Direito de vida e de morte .....	44
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>CRONOLOGIA DA EPIDEMIA.....</b>	<b>48</b>
<b>2 DA PESTE GAY E DO AZT AO BAREBACK E ARV: CRONOLOGIA DA EPIDEMIA DE AIDS .....</b>	<b>48</b>
2.1 Peste gay e metáfora.....	48
2.2 O sexo seguro como dispositivo.....	51
2.3 A deshomossexualização da AIDS.....	54
2.4 O barebacking sex. ....	59
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>62</b>
3.1 Critérios e comentários acerca dos resultados das buscas para captura de documentos. ....	62
3.2 Onde se diz? Caracterizando as fontes dos documentos .....	63
Revistas .....	63
a) Revista Veja .....	64
b) Revista Isto É .....	65
c) Revista Época.....	65
Periódicos .....	65
a) Jornal do Brasil .....	66
b) Jornal Folha de São Paulo.....	67
Weblogs.....	67
3.3 Corpus da pesquisa.....	68
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>DISCURSIVIDADES SOBRE BAREBACK .....</b>	<b>71</b>
4.1 AIDS, discurso e mídia .....	71

4.2 Quem diz? Os sujeitos do discurso .....	74
4.3 O que se diz? A profusão de discursos.....	76
4.3.1 Barebacking, pesquisas e discursos acadêmicos .....	76
a) Barebacking como tema de pesquisa nos Estados Unidos .....	76
b) O barebacking como tema de pesquisa no Brasil .....	80
c) O que nos dizem estas pesquisas acerca da prática bareback?.....	83
4.3.2 Barebacking e discursos midiáticos .....	85
a) Barebacking e Homossexualidade .....	86
b) Barebacking e normalização.....	92
c) Barebacking, delinquência e penalização .....	96
d) Videologs, barebacking e pornografia: do uso dos prazeres e do cuidado de si ao dispositivo da intimidade.....	103
e) Barebacking, barebackers e parrhesia cínica .....	115

## **CAPÍTULO V**

### **O RISCO COMO QUESTÃO ATUAL..... 123**

5.1 Risco, ciências sociais e mídia .....	124
5.2 Risco e saúde pública.....	132

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 142**

### **REFERÊNCIAS..... 147**

Referências Eletrônicas.....	155
------------------------------	-----

### **ANEXOS..... 167**

ANEXO I - Pacto Mortal: Prática De Sexo Sem Camisinha Para Contrair O HIV, Encontra Adeptos No Brasil, Inclusive Com Sites Para Encontros.....	169
ANEXO II - A roleta-russa da AIDS Nas festas do chamado <i>barebacking</i> , o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer .....	172
ANEXO III - A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha.....	176
ANEXO IV - O sexo na cidade.....	179
ANEXO V - 'Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública .....	181
ANEXO VI - Eles não gostam da borracha .....	189
ANEXO VII - Bareback pode dar cadeia, dizem juristas .....	191
ANEXO VIII - Bareback: a liberdade (des)embrulhada pra presente. 193	
ANEXO IX - Réu é condenado por passar Aids para a namorada.....	200

ANEXO X - Dois ativos querendo caras deliciosos para fudermos! Sempre com fotos/filmes sem aparecer rosto .....	201
ANEXO XI - Bareback, sexo sem camisinha: Entrevista com barebacker a aumentar o prazer.....	202
ANEXO XII - Barebacker' continua a se relacionar com quem o contaminou .....	203
ANEXO XIII - Procura-se HIV.....	206
ANEXO XIV - As alucinantes noites dos camicases.....	207





# 1 INTRODUÇÃO

A humanidade ao longo da história vem sendo assolada por várias doenças: peste negra, gripe espanhola, câncer, sífilis e, desde o início da década de 80 do século XX, o vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) que, ao provocar a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), torna o sujeito vulnerável a uma série de outras patologias. Com grande impacto no âmbito social, econômico e político, a AIDS tem feito milhares de vítimas em todo mundo.

Inicialmente associada a uma peste gay, pois as primeiras vítimas diagnosticadas eram indivíduos homossexuais, este *status* perdeu a validade quando se constatou a presença do vírus em pessoas de outras orientações sexuais. Mais do que uma simples doença, a AIDS pode ser considerada um fenômeno social que ocupa o lugar de doença mais estigmatizada da sociedade em todos os tempos, superando a sífilis e, apesar dos avanços da medicina e do sucesso dos tratamentos, ainda não tem cura.

Nas últimas décadas muito dinheiro tem sido investido em campanhas midiáticas de prevenção a AIDS para públicos diversos e em disponibilização de insumos, como preservativos masculinos, preservativos femininos, seringas descartáveis, capacitação de recursos humanos, medicação, pesquisas de medicamentos, financiamento de projetos de ONGs (Organizações não governamentais), etc.

Sendo as relações sexuais a principal forma de infecção da doença, em quase 30 anos de epidemia, o discurso predominante é o da prevenção como a única forma de se evitar a infecção. Desse modo o uso de preservativo em todas as relações sexuais e o uso de seringas descartáveis para usuários de drogas injetáveis (UDI), tornou-se imperativo nas práticas preventivas.

No Brasil, de 1980 a junho de 2008, foi identificado um total de 506.499 casos de AIDS, sendo 333.485 casos entre sujeitos do sexo masculino e 172.995 entre mulheres. Com relação às taxas de incidência segundo sexo e faixa etária, no sexo masculino as maiores taxas estão na faixa dos 30 a 49 anos, notando-se atualmente um aumento das taxas de incidência na faixa etária dos maiores de 50 anos, tanto entre homens como entre as mulheres. Ao longo do período de 1980 a junho de 2008, observou-se crescimento proporcional da subcategoria de exposição heterossexual, estabilização entre homo/bissexuais e redução entre

UDI<sup>1</sup>.

Entretanto, pesquisa realizada sobre atitudes e práticas da população brasileira em 2004 (PCAP-BR) <sup>2</sup>, mostrou que a incidência de HIV/AIDS na população de homens que fazem sexo com homens (HSH) <sup>3</sup>, girou em torno de 226 indivíduos para um grupo de 100.000 pessoas. No mesmo período, a taxa de incidência para a população em geral foi de 19,5 casos por 100.000 habitantes, indicando que a taxa de incidência da infecção é 11 vezes maior entre homens que fazem sexo com homens (HSH) <sup>4</sup>, em relação à população em geral, ou seja, apesar do crescimento do número de casos de AIDS relacionados à transmissão heterossexual, observa-se uma probabilidade maior de transmissão do HIV por meio de relações sexuais entre homens que praticam sexo com homens (HSH). Além disso, resultados de várias pesquisas têm apontado para uma diminuição significativa do uso do preservativo (CAMARGO; BOTELHO, 2007; PAIVA et. al., 2006; ANTUNES, 2005; SARAIVA 2002; TERTO Jr, 2002; RIOS, 2003; SANTOS et. al., 2002; PAIVA et. al., 2002; GONDIM; KEN PONTES, 2000). Com o advento da Internet, têm surgido comportamentos que colocam em cheque a questão da prevenção no Brasil, como o *Barebacking sex*.

*Barebacking* é um termo de origem inglesa que denomina um estilo de montaria de cavalo onde o *cowboy* não usa sela, e tem sido utilizado para designar a prática sexual anal desprotegida, ou seja, sem o uso do preservativo, principalmente entre indivíduos homossexuais.

Este trabalho teve por objetivo analisar as discursividades sobre a prática de bareback, sendo a Internet utilizada como principal ferramenta para a busca documental. Meu interesse em estudar AIDS e suas correlações vem desde a graduação, onde desenvolvi pesquisas

---

<sup>1</sup> Boletim Epidemiológico AIDS - Ano V nº 1 - 27ª a 52ª semanas epidemiológicas - julho a dezembro de 2007/janeiro a junho de 2008. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7B31A56BC6-307D-4C88-922D-6F52338D0BF4%7D/Boletim2008\\_vers%E3o1\\_6.pdf.>](http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7B31A56BC6-307D-4C88-922D-6F52338D0BF4%7D/Boletim2008_vers%E3o1_6.pdf.>)

<sup>2</sup> Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico- AIDS e DST. Pesquisa de Conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

<sup>3</sup> Esta denominação tem gerado críticas da sociedade civil, pois do ponto de vista político, a organização homossexual era um elemento central na luta contra a AIDS, e a opção pela denominação HSH, “anula” a visibilidade gay, tornando-se mais uma mostra de homofobia. Apesar desta crítica, optei por usar a sigla, pois considero que mesmo implicando em risco de generalização, seu poder de inclusão não deve ser minimizado.

<sup>4</sup> Para a estimativa de incidência de AIDS em (HSH) foi considerada a proporção de HSH por região do estudo PCAP-BR de 2004 e estimativas populacionais do IBGE.

sobre homossexualidade e mídia impressa<sup>5</sup>, cujos resultados sempre tiveram a AIDS como tema significativo. Solidificou-se após minha formação em psicologia, quando desenvolvi atividades como psicólogo em uma ONG de portadores de HIV e, posteriormente, como consultor do Programa Municipal de DST/AIDS do Município de Jacareí, Estado de São Paulo.

Nesta consultoria, minhas atribuições iam desde atendimento de pré-teste de HIV junto à comunidade, até a participação em capacitações técnicas ministradas a profissionais de vários níveis de formação, possibilitando-me uma diversificação de atuação e de experiências significativas, uma vez que o planejamento e execução dessas ações eram direcionados a um público heterogêneo. Este trabalho de consultoria viabilizou também a realização de vários cursos na área de prevenção e saúde pública, culminando com a participação na organização e publicação de dois manuais de técnicas profissionais com ênfase na prevenção às DST/AIDS<sup>6</sup>.

Considero o *barebacking* sex um tema polêmico da atualidade, principalmente por se configurar aparentemente como uma prática voluntária e consensual onde o sujeito, a despeito das informações básicas acerca da infecção pelo HIV, opta por praticar sexo sem preservativo. Isso implica dizer que, apesar dos investimentos e das medidas empreendidas por profissionais de saúde, órgãos governamentais, organizações não governamentais, militantes gays, etc., para que a prevenção seja efetivamente adotada por todos os segmentos da população, práticas como o *bareback* mostram que essas abordagens obtêm resultados apenas parciais e que algo escapa.

Apesar disso, cabe destacar que o objeto dessa pesquisa não são necessariamente os *barebackers*<sup>7</sup>, mas sim os discursos sobre *bareback* no Brasil, ou seja, como têm se constituído os discursos sobre esta prática no contexto social brasileiro. O corpus da pesquisa é formado por artigos de pesquisas acadêmicas, artigos de revistas de grande circulação nacional (Veja, Época, Isto É) e outros documentos

---

<sup>5</sup> PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de. A representação da homossexualidade nos periódicos Babado e Folha de São Paulo. Assis/SP, UNESP/ IC- FAPESP: 1999.

PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de. O homossexual, o reconhecimento de si e a construção da imagem corporal através de anúncios classificados. Assis/SP, UNESP/ IC- FAPESP: 2000.

<sup>6</sup> PAULA, P. S. R.; PORTO, D. P.; SOUZA, Jr. Manual de técnicas de limpeza. Jacareí/SP, PMDST/AIDS: 2003.

PAULA, P. S. R.; PORTO, D. P.; SOUZA, Jr. Manual de técnicas de enfermagem. Jacareí/SP, PMDST/AIDS: 2003.

<sup>7</sup> Barebacker: o sujeito praticante de bareback; Bareback: o sexo intencional e/ou com consentimento sem uso de preservativo; barebacking: a prática do bareback.

capturados em sítios da Internet, como periódicos, web sites e weblogs, todos publicados entre o período de 2001 a 2009 e tendo como temática principal o *barebacking*.

Por tratar-se de um tema interdisciplinar e relativamente novo, utilizei, além de algumas concepções de Michel Foucault, outros referenciais teóricos que se fizeram necessários para melhor compreensão e análise do corpus da pesquisa.

No *primeiro capítulo*, desenvolvo reflexões sobre algumas obras de Michel Foucault que dão suporte para a análise do corpus, compreendendo temas como: a ordem do discurso, o sujeito e a ética, poder disciplinar, biopolítica, hipótese repressiva, dispositivo da sexualidade, considerando o tema do poder como subjacente a todo o arcabouço teórico desenvolvido pelo filósofo.

No *segundo capítulo*, intitulado, “Da peste gay e do AZT ao barebacking e ao ARV: uma cronologia da epidemia de AIDS” tracei a cronologia e os principais deslocamentos da epidemia da AIDS, desde o surgimento da infecção pelo vírus HIV aos dias atuais, com o advento da prática bareback.

No *terceiro capítulo* trato das questões metodológicas, descrevo os procedimentos para a captura dos documentos do corpus da pesquisa, a caracterização das fontes, concluindo com as tabelas do corpus da pesquisa em suas respectivas fontes: revistas, periódicos, webvídeoblogs.

No *quarto capítulo* desenvolvo inicialmente reflexões sobre “AIDS, discurso e mídia”, em função da importância da mídia para a difusão dos discursos sobre AIDS e sua associação com práticas homossexuais e apresento as análises dos discursos produzidos pelos diferentes veículos de comunicação e seus respectivos desdobramentos, a saber: Barebacking e pesquisas/discursos acadêmicos; Barebacking e Homossexualidade; Barebacking e anormalidade; Barebacking, delinquência e penalização; Videologs, barebacking e pornografia, Barebacking, barebackers e pharresia.

No *quinto capítulo* faço reflexões sobre o risco e suas implicações, tomando a concepção do tema sob o ponto de vista das Ciências Sociais e Saúde pública e suas interfaces com os discursos preventivista.

No *sexto capítulo*, apresento algumas considerações que finalizam este trabalho de dissertação de mestrado, ressaltando que o tema e o interesse que o investe têm desdobramentos em muitas direções e em diferentes áreas de conhecimento, que transcendem/inter-

relacionam psicologia, ciências humanas/ sociais, ciências médicas.

# CAPÍTULO I

## REFERENCIAL TEÓRICO

### ALGUNS CONCEITOS FOUCAULTIANOS

Neste capítulo, me propus a sistematizar as elaborações de Michel Foucault sobre conceitos desenvolvidos em algumas de suas obras que me instrumentaram para analisar os discursos sobre *barebaking* que selecionei como corpus desta pesquisa.

#### 1.1 A ordem do discurso

Partindo da hipótese de que, por temer os efeitos das produções discursivas, toda sociedade disporia de meios para controlá-la, Michel Foucault, na obra *A ordem do discurso* (2007c), busca esclarecer a relação existente entre as práticas discursivas e o poder

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro muito provisório- do trabalho que faço: suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2007 c, p. 8-9).

Nesse sentido, o autor afirma existirem em nossa sociedade três grupos de procedimentos de controle e delimitação do discurso. O primeiro grupo pertence aos *procedimentos de exclusão*, que são externos aos discursos e colocam em jogo o poder e o desejo. São formados pela *interdição da palavra, segregação da loucura e vontade de saber a verdade*.

No referente à *interdição da palavra*, o autor destaca o fato de não podermos falar o que quisermos em qualquer momento e em qualquer lugar, sendo privilegiados para esta interdição os campos da política e da sexualidade.

[...] as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões

da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse lamento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes (FOUCAULT, 2007c, p. 09-10).

Sobre a *segregação da loucura*, Foucault diz que até o final da Idade Média o discurso do louco não podia circular como o dos outros, suas palavras eram consideradas nuas, sem importância, não possuíam valor de testemunho na justiça, sendo permitidas apenas no teatro

[...] excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito ela não existia. Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. (FOUCAULT, 2007 c, p. 11).

A respeito da *vontade de saber a verdade*, o autor ressalta que embora “no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta” (Foucault, 2007c, p. 14). A questão da vontade da verdade atravessou séculos de história centrada num sistema de exclusão, tendo ocorrido diversos deslocamentos<sup>8</sup>, podendo-se ler as mudanças científicas como novas formas de vontade de verdade.

O segundo grupo é formado por procedimentos internos ao discurso, que funcionam, sobretudo com base em princípios de classificação, ordenação, distribuição como se buscassem submeter outra dimensão do discurso ao acontecimento e ao acaso, sendo constituído pelos *princípios do comentário, do autor, da disciplina*.

Sobre o princípio do comentário, Foucault, diz existirem na sociedade os discursos

---

<sup>8</sup> No século VI “era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada um a sua parte”, no século VII a verdade se deslocou “[...] do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado”, estabelecendo-se uma separação do discurso verdadeiro e do discurso falso, sendo o discurso verdadeiro não mais desejado, pois não estava ligado ao exercício de poder (FOUCAULT, 2007 c, p.15). Já no século XIX, diferente da época clássica, a vontade da verdade “é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia”, exercendo pressão e poder de coerção sobre os outros discursos. (FOUCAULT, 2007 c, p. 17).

[...] que se dizem no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que o pronunciou; e os discursos que estão na origem de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. (FOUCAULT, 2007 c, p.22).

Dessa forma, o comentário desempenha dois papéis: permitir a construção de novos discursos e dizer o que estava articulado em silêncio no primeiro texto, não estando o novo presente no que foi dito, mas sim no acontecimento à sua volta (Foucault, 2007c, p. 26).

Sobre o *princípio do autor*, Foucault não nega a existência do sujeito que escreve e inventa um texto, entretanto, não se trata de quem escreveu ou pronunciou o texto, mas sim de quem "dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real" (Foucault, 2007c, p.28), ou seja, para Foucault o autor é uma função<sup>9</sup>.

O *princípio da disciplina* é formado pela oposição ao princípio do comentário e ao princípio do autor, pois no comentário algo precisa ser redescoberto, repetido; no princípio do autor a validade do discurso deve estar ligada a alguém, já o princípio da disciplina se constitui tanto "na possibilidade de formular indefinidamente novas proposições quanto num sistema anônimo de validação do invento", em suma

[...] a disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade. (FOUCAULT, 2007 c, p.31).

Assim sendo, cada disciplina irá reconhecer no seu interior as proposições verdadeiras ou falsas, fixando limites "pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras" (Foucault, 2007c, p.36).

Já o terceiro grupo de procedimentos de controle à delimitação do discurso, determina as condições do funcionamento do discurso através

---

<sup>9</sup> Na ordem do discurso, assim como a vontade da verdade, esta função não corresponde a uma mesma forma em todas as épocas. Na Idade média o autor era indicador de verdade, entretanto, a partir do século XVIII esta função no discurso científico enfraquece servindo apenas para dar nomes a teoremas, síndromes, etc., ao passo que no discurso literário ela passa a ser valorizada.



de regras e exigências que devem ser cumpridas para se ter acesso ao discurso. Seriam elas: *o ritual das palavras, a sociedade dos discursos, os grupos doutrinários, as apropriações sociais*.

O *ritual da palavra* irá definir a qualificação que deve revestir os indivíduos que falam, determinando as características adequadas para acompanhar os discursos, como gestos, comportamentos, a fim de se atingir um efeito sobre aqueles a quem o discurso é dirigido, estando presente principalmente nos discursos terapêuticos, judiciários e religiosos (Foucault, 2007c, p.39)

Os *grupos doutrinários* seriam o inverso das sociedades de discurso, pois o pertencimento ocorre através da partilha dos discursos, que pode ter um número inimaginável de falantes, e o sujeito é questionado a partir dos seus enunciados, que servem ao mesmo tempo para a ligação dos indivíduos entre si e para diferenciá-los de outros, realizando uma dupla sujeição, ou seja, dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo (Foucault, 2007c, p. 42-43).

A *apropriação social* do discurso diz respeito ao modo político pelo qual os sistemas de educação se apropriam dos discursos, os mantêm, ou modificam seus saberes e poderes de acordo com as oposições e lutas sociais (Foucault, 2007c, p.43).

De acordo com Foucault, para se analisar as condições do jogo discursivo e os seus efeitos, são necessárias três decisões: interrogar a nossa vontade de verdade; restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento; abandonar a soberania do significante, pois

O discurso nada mais é do que a reverbação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2007 c, p. 49).

Desse modo, o autor propõe que o discurso seja orientado pelo *princípio da inversão*, ou seja, o reconhecimento do jogo negativo e da rarefação do discurso no papel positivo que atribuímos ao autor, à disciplina e à vontade da verdade; pelo *princípio da descontinuidade*, no qual os “discursos devem tratados como práticas descontínuas, que se cruzam (...) mas também se ignoram ou se excluem”; pelo *princípio da especificidade*, pois não sendo o discurso cúmplice de nosso

conhecimento, deve-se concebê-lo “como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos”, e não um jogo de significações prévias; pelo princípio de exterioridade, pois são as condições externas de possibilidades do discurso que dão lugar à aleatoriedade do discurso e fixação de suas fronteiras (Foucault, 2007c, p.52-53).

Assim sendo, para se realizar análise do discurso, além de conhecimento acerca dos procedimentos de controle, é necessário tratar o discurso como acontecimento, sendo que

[...] o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é ato nem a propriedade de um corpo. (FOUCAULT, 2007 c, p.57).

Com base nestes princípios, Foucault propõe duas perspectivas de análise: a “*crítica*” e a “*genealógica*”.

A *perspectiva crítica* põe em ação o princípio de inversão, procurando distinguir as formas de exclusão, delimitação e de apropriação dos discursos, mostrando como é que se formaram e a que necessidades respondem, como é que se modificaram e se deslocaram qual o constrangimento que exerceram efetivamente, em que medida foram modificadas (Foucault, 2007c, p. 60).

A *perspectiva genealógica* se propõe a questionar como é que se formaram as séries de discurso, se por intermédio, se com o apoio, ou apesar dos sistemas de exclusão; qual foi a norma específica de cada série de discursos e quais as suas condições de aparecimento, de crescimento e de variação, ou seja, a genealogia estuda o discurso na sua formação dispersa, descontinuada (Foucault, 2007c, p. 60).

## 1.2 O poder disciplinar

Para Foucault (1995) a estrutura social é atravessada por múltiplas relações de poder, que são imanentes ao corpo social, atingindo realidades concretas dos indivíduos, penetrando as práticas cotidianas, de modo que pensar uma sociedade sem relações de poder seria abstração.

Partindo desses pressupostos, o autor questiona algumas preposições sobre a teoria do poder e apresenta a idéia de microfísica do poder, que segundo Roberto Machado (1981),

[...] significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas externalidades, a atenção as suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 1981, p.121).

Porém, o interesse de Foucault não estava voltado para a construção de um novo conceito, e sim para a análise do poder como prática social, historicamente constituída, e suas diferentes formas de aplicação na sociedade. Desse modo, mais do que responder “*o que é o poder?*”, para Foucault, o importante é indagar

[...] quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia. (FOUCAULT, 1999a, p.174).

Para Foucault (1999a) as concepções marxistas e jurídicas, representativas do pensamento liberal a respeito da teoria do poder tinham em comum uma forte ligação com a questão econômica, sendo que a teoria clássica jurídica considerava o poder

[...] como um direito de que se seria possuidor como de um bem e que se poderia, por conseguinte, transferir ou alienar, total ou parcialmente, por um ato jurídico ou um ato fundador de direito, que seria da ordem da cessão ou do contrato. (FOUCAULT, 1999a, p.174).

Sendo fundamentais para os questionamentos e o desenvolvimento das idéias de Foucault acerca da temática do poder, essas concepções fizeram com que ele buscasse outras visões, diversas daquelas fornecidas pelas análises econômicas do poder, das que tomam e daquelas que concebem como conquistas de guerra. Porém, segundo

Gilles Deleuze (2005), foi a partir das reflexões sobre poder no nível econômico, repressivo e de guerra, que Foucault começou a delinear uma nova forma de pensar o poder, sendo necessário que ele abandonasse alguns postulados acerca da questão, a saber: o postulado da propriedade, o postulado da localização, o postulado da propriedade, o postulado da subordinação, o postulado do atributo, o postulado da modalidade, o postulado da legalidade.

No *postulado da propriedade*, o poder seria ‘propriedade’ de uma classe que o teria conquistado. Para Foucault, o poder não é uma apropriação e sim, um conjunto de estratégias materializadas em práticas, técnicas e disciplinas diversas e dispersas.

O *postulado da localização* entende o Estado e a esfera pública como centro do poder. Ao contrário disso, Foucault, vê o poder microfisicamente disperso em múltiplas disciplinas e manobras táticas.

No *postulado da subordinação*, o poder, encarnado no aparelho de estado, estaria subordinado a um modo de produção ou, em última instância, a uma infra-estrutura econômica. Para Foucault, o poder é diretamente ‘produção’, ele é imanente à produção social e não comporta nenhum tipo de unificação transcendente ou centralização globalizante.

O *postulado do atributo*, segundo o qual o poder teria uma essência e um atributo. Para Foucault, o poder não tem essência, é operatório; ele também não é um atributo, mas uma relação de forças que envolvem dominadores e dominados e perpassa todo o campo social.

O *postulado da modalidade*, no qual, o poder agiria ora por coerção, ora por consenso. Segundo Foucault, o poder produz a verdade antes de escondê-la na ideologia; o poder produz a realidade antes de forçar o seu enquadramento através da violência.

O *postulado da legalidade*, segundo o qual a lei é expressão contratual do poder. Para Foucault, a lei não é uma regra normativa para regulamentar a vida social em tempos de paz, mas a própria guerra das estratégias de uma determinada correlação de forças.

Segundo Deleuze (2005), ao abandonar esses postulados Foucault desenvolve uma concepção de poder baseada em três afirmações:

[...] o poder não é essencialmente repressivo (já que ele incita, suscita, produz); ele se exerce antes de se possuir (já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos

dominantes (já que passa por todas as forças em relação). (DELEUZE, 2005 p.79).

Desse modo, o poder para Foucault (1995) coloca em questão relações entre indivíduos, em que o exercício de poder se configura quando há ação sobre ações

Não devemos nos enganar: se falamos do poder das leis, das instituições ou das ideologias, se falamos de estruturas ou mecanismos de poder, é apenas na medida em que supomos que ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros. (FOUCAULT, 1995, p.40).

Nesse sentido, uma relação de poder é a ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas sim, que age sobre sua própria ação, sendo que para Foucault, o exercício de poder

[...] pode perfeitamente suscitar tanta aceitação quanto se queira: pode acumular as mortes e abrigar-se sob todas as ameaças que ele possa imaginar. Ele não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita, ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p.243).

Segundo Roberto Machado (1988) essa construção teórica acerca do poder foi o resultado das questões colocadas pela pesquisa que Foucault realizava sobre a história da penalidade, pois

[...] apareceu então para ele o problema de uma relação específica de poder sobre os indivíduos enclausurados que incidia sobre seus corpos e utilizava uma tecnologia própria de controle. E essa tecnologia não era exclusiva da prisão; encontrava-se também em outras instituições como o hospital, a caserna, a escola, a fábrica [...]. (MACHADO, 1988, p.194).

A essa relação específica de poder, Foucault chamou *poder disciplinar*, poder este que caracterizaria determinada época, e uma forma específica de dominação, modificando gradativamente as técnicas relativas ao poder da soberania. O poder disciplinar substitui o poder que se exercia pela figura do rei e ao invés de destruir, produz e investe nas individualidades, classifica aqueles aos quais é aplicado. Para Foucault (1997) o poder disciplinar é garantido porque atua por meio de três instrumentos eficazes: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora, o exame.

Sobre a *vigilância hierárquica*, onde se podem enxergar tudo e todos são observados

[...] o bom adestramento (...) o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 1997, p. 153).

A *sanção normalizadora* visa a qualificar e reprimir todas as micro-penalidades: do tempo (atrasos e faltas); da atividade (desatenção e negligência); da maneira de ser (grosseria e desobediência); dos discursos (tagarelice e insolência), do corpo (atitudes incorretas e gestos não conformes), da sexualidade e “toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações” (Foucault, 1997, p. 159), ou seja, os mínimos atos desviantes do indivíduo são passíveis de penalização, via correção ou punição.

O *exame* seria uma combinação entre a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora.

[...] é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento a verdade. (FOUCAULT, 1997: 165).

O exame permite o controle minucioso das operações do corpo, inaugurando uma anatomia política, circunscrevendo uma relação de sujeição, pois implica no domínio do corpo do outro.

Entretanto, a partir da segunda metade do século XVIII, o poder disciplinar, passa a ser complementado pelo *biopoder*, não se operando uma substituição de um pelo outro e sim uma adaptação, onde o biopoder incorpora-se ao poder disciplinar, integrando a si a disciplina.

[...] eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. (FOUCAULT, 2005, p. 288-289).

Desse modo, ambos os poderes passam a ocupar o mesmo espaço, porém, ao passo que o poder disciplinar se faz sentir nos corpos dos indivíduos, o biopoder aplica-se em suas vidas. A disciplina promove a individualização dos homens, o biopoder sua massificação, uma vez que ele se dirige a “uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida”, ou seja, “algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas (...) uma ‘biopolítica’ da espécie humana (Foucault, 2005, p.289).

### 1.3 O sujeito e a ética

O sujeito é a grande questão apresentada por Michel Foucault em seu projeto que consistiu em “criar uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura” (Foucault, 1995, p. 321), sendo necessário “livrar-se do próprio sujeito, ou seja, é chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica”, sendo isto que Foucault chama de genealogia, ou seja,

[...] uma forma de história que considera a constituição de saberes, dos discursos, dos

domínios de objetos, etc., sem ter de se referir a um sujeito, quer ele seja transcendente em relação ao campo de acontecimentos, quer ele perseguido sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 1999a, p.7).

Para Foucault a noção de sujeito é histórica, tendo diferentes usos em diferentes epistemologias. Influenciado por Nietzsche que falou da morte de Deus, Foucault fala da morte do sujeito, sendo esta expressão uma crítica ao sujeito como ele é entendido pela fenomenologia, pelo positivismo e pelo marxismo que, ao suporem um sujeito livre e universal teriam caído no “sono antropológico”. Logo, se o sujeito é constituído historicamente “não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou por técnicas de si” onde a subjetividade, ou seja, “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo da verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” torna-se o ponto central (Revel, 2005, p.85).

Na obra *O uso dos prazeres* (2007a), Foucault apresenta o resultado dos estudos a respeito das tecnologias de si, desde a Antiguidade Clássica até os primeiros séculos do cristianismo, em textos que prescrevem estratégias relacionadas ao uso dos prazeres, onde propõe.

[...] analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos do desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade do seu ser, seja ele natural ou decaído. (FOUCAULT, 2007a, p. 11).

Neste contexto, importa a questão do sujeito em relação com a sua ética, constituindo-se através das práticas de si, ou seja, a questão central é saber como o indivíduo constitui a si mesmo, como um sujeito moral de suas próprias ações na relação de si para consigo. Para tanto, Foucault efetua um deslocamento do eixo teórico do poder, substituindo o conceito de poder pelo de governo, tornando possível a temática do governo de si, objetivando dar voz à resistência e manter o poder sobre controle. Foucault justifica este deslocamento dizendo

[...] gostaria de mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres sexuais foram problematizados através de práticas de si,



pondo em jogo os critérios de uma ‘estética da existência (Foucault, 2007a, p. 16).

Iniciando a problematização a partir da comparação de categorias gerais como paganismo, cristianismo, moral, moral sexual e acerca das oposições entre a moral sexual cristã e a moral sexual pagã, Foucault sugere alguns pontos de diferenciação: o ato sexual, que para os gregos antigos era algo revestido de significados positivos, para o cristianismo está associado ao mal e ao pecado; a delimitação do parceiro legítimo, já que diferentemente das sociedades gregas e romanas, o cristianismo só concebe, a conjugalidade monogâmica com finalidade procriadora<sup>10</sup>; por ultimo a relação entre pessoas do mesmo sexo que na cultura grega era exaltada e no cristianismo foi rigorosamente banida. Foucault acrescenta ainda uma oposição maior que seria “o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade” (Foucault, 2007a, p.17).

Foucault (2007a) alerta para que não tomemos como inferência de continuidade a moral sexual do cristianismo e do paganismo e que tenhamos em mente que a moral da Igreja cristã se constituiu de princípios universais, enquanto no pensamento antigo a moral era apresentada como um “foco disperso”, que não era imposto a todos da mesma forma.

É preciso não concluir dessas poucas aproximações que puderam ser esboçadas que a moral cristã do sexo estava de certa forma, ‘pré-formado’ no pensamento antigo: deve-se antes considerar que, bem cedo, na reflexão moral da Antiguidade, formou-se uma temática – uma quadrimática – da austeridade sexual em torno e a propósito da vida do corpo, da instituição do casamento, das relações entre homens e da existência da sabedoria (FOUCAULT, 2007a, p. 23-24).

Assim sendo, o autor procura dar conta desta problemática, ou seja, do porque justamente os quatro grandes domínios ligados ao sexual, onde o homem livre das sociedades antigas não encontrava

---

<sup>10</sup> Um dos exemplos citados acerca do modo de construção da virtude conjugal, utilizado por São Francisco de Sales a favor da doutrinação sexual, é sobre o mito do elefante virtuoso que tem apenas uma parceira a vida toda, nunca acasala diante dos outros da manada e só se reúne aos outros depois do banho (FOUCAULT, 2007a, p. 20).

nenhuma proibição ou objeção, tornou-se o foco de cuidados, reflexões e estilização. Para responder a esta e outras questões referentes a ela, Foucault direcionou seu estudo para as formas e transformações da moral.

Foucault reflete sobre a ambigüidade da palavra moral, priorizando a discussão sobre a moral como “um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos” que, por serem transmitidas de forma difusa, permitem escapatórias e anulação de certos pontos, e cujo conjunto prescritivo pode-se chamar de código moral. A moral foi tomada por ele como um “comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos”, ou seja, modos como os sujeitos se submetem, obedecem ou resistem, respeitam ou negligenciam certas prescrições (Foucault, 2007a, p.26).

A moral na Antiguidade Greco- Romana se orientava para a prática de si e não se dirigia para a codificação das condutas, nem para interdições quanto às relações. Nesse sentido, o conteúdo da lei tornava-se menos importante do que as atitudes que se destinavam a respeitá-las, sendo fundamental “[...] Não se deixar levar pelos apetites e pelos prazeres, (...) permanecer livre de qualquer escravidão interna das paixões e atingir a um modo de ser que pode ser definido pelo pleno gozo de si e pela soberania de si sobre si mesmo” (Foucault, 2007 a, p.30).

#### **1.4 A Hipótese repressiva e o dispositivo da sexualidade.**

Segundo Foucault (1997b), até o início do Século XVII ainda vigorava “certa franqueza” em relação à sexualidade e “as práticas não procuravam o segredo”, os corpos “pavoneavam” sem refreios, em gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias à mostra, crianças vagando entre adultos (Foucault, 1997b, p.11). Porém, no final deste século a sexualidade foi “cuidadosamente encerrada”, confiscada pela família conjugal e absorvida inteiramente pela função reprodutiva

Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador ditam a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de

cada moradia, um único lugar da sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais (FOUCAULT, 1997b, p. 10-11)

A partir deste momento, tudo que não é regulado para a geração é negado, expulso e reduzido ao silêncio e aquele que insiste “vira anormal” e com esse status “deverá pagar as sanções”. Crianças não possuíam sexo, razão para proibi-las de falar neste assunto. Atitudes próprias da repressão a distinguiriam das interdições produzidas pela lei penal, uma vez que a repressão atua não apenas como uma forma de condenar o que se proíbe ao desaparecimento, mas também

[...] como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (FOUCAULT, 1997b, p.10).

Coincidindo com o início do capitalismo, o sexo passa a ser considerado incompatível com o mercado de trabalho, revelando que um dos principais motivos da repressão sexual, foi controlar a população para manter uma economia a favor de seus dirigentes, ou seja, a família burguesa negociada. Outro argumento apresentado por Foucault foi o que ele denominou de benefício do locutor, que seria a gratificação em formular relações de sexo e poder em termos de repressão, pois “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição (...) o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (1997b, p.12), de modo que todo aquele que se utiliza da linguagem do sexo encontra-se fora do alcance do poder, tornando-se um desordeiro da lei.

Desse modo, a repressão sexual não é somente objeto de teoria, já que “vem acompanhada pela ênfase de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo” (Foucault, 1997b, p.13), e a esta tese sobre uma história da sexualidade que impõe à Europa um período de repressão proveniente do modo de ligação entre poder, saber e sexualidade, que só começou a ser colocado em cheque a partir do advento da psicanálise, Foucault chamou de hipótese repressiva.

Foucault recusa a imagem do poder como meramente opressor e contesta esta hipótese de que a sexualidade é reprimida, procurando mostrar que não existe silêncio e, ao contrário de uma repressão à sexualidade, o que aconteceu foi uma explosão discursiva da sexualidade, defendendo a idéia de que a sexualidade caminha junto com o poder,

[...] a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exerceria sobre o sexo e por motivos econômicos, revela-se insuficiente se for preciso considerar toda uma série de reforços e de intensificações que uma primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos, e discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação do despropósito sexual e constituição de dispositivos suscetíveis, não somente de isolá-lo, mas de solicitá-lo, suscitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discursos e de prazeres (...) de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade. (FOUCAULT, 1997b, p.70-71).

Mas quais seriam os procedimentos para se produzir a verdade sobre o sexo? Para Foucault, historicamente existem dois procedimentos: o da *ars erotica* e o da *scientia sexualis*. *Ars erotica*, própria de civilizações como Roma, China, Índia, Nações árabes e muçulmanas, buscavam extrair a verdade do próprio prazer, buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo, era um saber interno, que deveria permanecer em segredo, sob pena de perder sua eficácia caso fosse divulgado. A verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber. Já no ocidente configurou-se a *scientia sexualis*, em que a confissão é central para a produção dos saberes sobre o sexo.

No século XIX, o procedimento da confissão extrapola o domínio do religioso, ocorre uma sobrecarga de discurso e interferência das modalidades de produção da verdade: os procedimentos de confissão e a discursividade científica. Assim sendo, a confissão passa a desempenhar um papel fundamental na ciência sexual, seja porque foi através da confissão religiosa que se verificaram os primeiros sinais de uma atenção voltada aos prazeres do sexo, seja porque foi através da criação de métodos e estratégias de confissão científica para se extorquir a verdade sobre o sexo.

Desse modo, os sujeitos são levados a tudo confessar, expor seus prazeres estabelecendo-se uma relação de poder entre aquele que confessa, se expõe e produz um discurso sobre si, e aquele que ouve e interpreta o discurso, redime, condena, domina. A confissão se transforma num “ritual que se desenrola numa relação de poder” constituída a partir de uma *scientia sexualis*, que “atribui-se a tarefa de

produzir discursos verdadeiros sobre o sexo, e isto, tentando ajustar, não sem dificuldades, o antigo procedimento da confissão às regras do discurso científico” (Foucault, 1997b, p.66) e intensificando a autoridade do ouvinte, que terá que construir a verdade a partir do discurso de quem confessa, fazendo da figura do médico uma nova autoridade à qual é facultado conhecer melhor o paciente do que ele próprio:

Aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade (...) seu poder em relação à confissão não consiste somente em exigí-la, antes de ela ser feita, ou em decidir após ela ser proferida, porém em constituir, através dela e de sua decifração, um discurso de verdade. (FOUCAULT, 1997b, p.66).

Embora a confissão continuasse a ter lugar central no século XVIII, a partir do século XIX, com a ascensão da *scientia sexualis*, ela “emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria”, sendo de fundamental importância para a instauração de um dispositivo que vincula “a velha injunção da confissão aos métodos de escuta clínica” possibilitando o surgimento da sexualidade enquanto “verdade do sexo e dos seus prazeres” (Foucault, 1997b, p.67).

A história da sexualidade para Foucault não pode ser considerada como um regime de exclusão e rejeição, pois, o que se notou foi à proliferação de discursos, sustentado pelo *dispositivo da sexualidade*, concebendo dispositivo como

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1999a, p.244).

Sobre sexualidade, Foucault diz

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que poder tenta pôr em cheque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é

o nome que pode se dar a um dispositivo histórico. (FOUCAULT, 1997a, p.101).

O dispositivo da sexualidade tem “como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo mais global” (Foucault, 1997 a, p.101), estando diretamente relacionado com o desenvolvimento da sociedade disciplinar, ou seja, uma sociedade de vigilância e controle. Buscando compreender como o poder e o desejo se articula, uma vez que a imagem do poder repressor da liberdade é que nos permite aceitar sua vigência. Mas qual seria a visão de poder vital para uma história da sexualidade? Foucault responde:

Dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. (...) A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. (...) se deve compreender o poder (...) como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte (...) enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1997b, p. 88-89).

Contrariando a hipótese repressiva, não ocorreram imposições ao silêncio em torno do sexo, mas sim a proliferação de discursos de perspectivas individuais ou coletivas, tornando próprio das sociedades modernas não o fato de “terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o com o segredo” (Foucault, 1997b, p.36).

### **1.5 Biopolítica: Direito de vida e de morte**

Segundo Foucault (1997b), por muito tempo, uma das principais características do poder soberano teria sido o direito sobre a vida e

morte de seus súditos, provavelmente derivado da *patria potestas* romana, em que o pai de família tinha o direito de retirar a vida de filhos e escravos caso lhe conviesse. No caso do soberano esse poder era admitido quando sua existência estava exposta, como ameaça de inimigos externos, e os súditos deveriam tomar parte na defesa do estado, exercendo assim o soberano sobre eles, “um direito indireto de vida” sem propor “diretamente a sua morte”, porém, o poder direto sobre a vida era permitido caso houvesse falta de cumprimento das leis. Nesse tipo histórico de sociedade, o poder se exercia principalmente através do confisco, sendo possível desde a apropriação de riquezas, extorsão de produtos, de bens, de serviços, de trabalho até a própria vida (Foucault, 1997b, p.128).

Entretanto, a partir da Época Clássica, ocorreram grandes transformações nos mecanismos de poder. O confisco deixou de ser a mais importante expressão de poder soberano para ser “somente uma peça, entre outras com funções de incitação, de reforço, de controle, de vigilância, de majoração e de organização das forças que lhe são submetidas” e o direito sobre a morte se apoiou nas “exigências de um poder que gere a vida” (Foucault, 1997b, p.128). Para Foucault este deslocamento fez com que guerras fossem travadas em nome da vida, uma vez que foram “como gestores da vida e da sobrevivência dos corpos e da raça que tantos regimes puderam travar tantas guerras, causando a morte de tantos homens” (Foucault, 1997b, p.129).

Nesse contexto, “os que morrem no cadafalso, são cada vez mais raros, ao contrário dos que morrem na guerra”, ou seja, a partir do momento em que o propósito do governo é gerir a vida, a pena de morte já não pode ser mantida como resposta a quem desafia o poder do soberano. Sua aplicação tornou-se cada vez mais difícil, justificando-se apenas executá-la junto “àqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros”, pois “como um poder viria a exercer suas mais altas prerrogativas e causar a morte se seu papel mais importante é o de garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la em ordem?” (Foucault, 1997b, p.129-130)

Teria ocorrido uma desqualificação da morte, uma vez que o direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído pelo poder de causar a vida ou devolver à morte

Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação: a morte é o limite, o momento que lhe escapa: ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais ‘privado’. Não deve

surpreender que o suicídio - outrora crime, pois era um modo de usurpar o direito de morte que somente os soberanos (...) tinham o direito de exercer – tenha se tornado, no decorrer do século XIX, uma das primeiras condutas que entraram no campo da análise sociológica; ele fazia aparecer, nas fronteiras e nos interstícios do poder exercido sobre a vida, o direito individual e privado de morrer. (FOUCAULT, 1997b, p. 130).

Esse poder sobre a vida teria se desenvolvido a partir do século XVII, constituído por dois pólos “interligados por todo um feixe intermediário de relações”: o primeiro pólo centrou-se no corpo como máquina visando adestramento, ampliação de aptidões, extorsão de forças, crescimento de utilidade e docilidade, asseguradas por procedimentos da anátomo-política do corpo humano; o segundo pólo, formado em meados do século XVIII, centrou-se no corpo espécie, no corpo vivo como suporte de processos biológicos como nascimento, morte, saúde, longevidade, sendo todos esses processos assumidos mediante controles reguladores, ou seja, mediante uma biopolítica da população (Foucault, 1997b, p.131).

Desse modo, através da disciplinarização dos corpos e da regulação das populações desenvolveu-se a organização do poder sobre a vida, fazendo com que a morte, antes símbolo máximo do poder soberano, fosse “recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida” ocorrendo rapidamente o surgimento de numerosas e diversas técnicas para se obter a “sujeição dos corpos e o controle das populações”, surgindo assim, o biopoder, cuja articulação ocorreu “na forma de agenciamentos concretos que constituirão a grande tecnologia do poder no século 19: o dispositivo da sexualidade” (Foucault, 1997b, p.131-132).

Esse biopoder foi elemento fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, que só obteve êxito pelo ajustamento dos fenômenos da população e do controle dos corpos no aparelho produtivo, sendo que “o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento de grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do biopoder com suas formas e procedimentos múltiplos” (Foucault, 1997b, p.133).

Para Foucault “a entrada da vida na história” foi o maior fenômeno ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Entretanto, isso não quer dizer que um primeiro contato da vida com a história tenha se



produzido neste momento, mas sim que o desenvolvimento econômico e o aumento da produtividade agrícola no século XVII, aliados ao desenvolvimento dos conhecimentos sobre a vida, de medidas que visavam à sobrevivência dos homens, permitiu um relativo domínio sobre a vida e conseqüentemente um afrouxamento das ameaças de morte, ou seja:

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete o político; o fato de viver não é mais este sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai em parte, no campo de controle do saber e de intervenção de poder. Este não estará mais somente às voltas com sujeitos de direito sobre os quais o último acesso é a morte, porém com seres vivos, e o império que poderá exercer sobre eles deverá situar-se no nível da própria vida; é o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que ameaça de morte, que lhe dá acesso ao corpo. (FOUCAULT, 1997b, p.134).

Desse modo, têm-se a ruptura produzida no discurso científico, uma vez que o homem “em sua especificidade de ser vivo e em relação aos outros seres vivos” necessitou buscar um “novo modo de relação entre a história e vida” (Foucault, 1997b, p.135), resultando em sociedades reguladoras e normalizadoras que buscam através de constituições e códigos, tornar aceitável um poder normalizador, efeito histórico de tecnologias de poder centradas na vida.

Foucault nomeia de *bio-história* as pressões existentes quando os processos históricos e os movimentos da vida interferem entre si e chama de *biopolítica* os mecanismos que fazem com que a vida entre no domínio dos cálculos explícitos, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

## CAPÍTULO II

### CRONOLOGIA DA EPIDEMIA

#### DA PESTE GAY E DO AZT<sup>11</sup> AO BAREBACK E ARV<sup>12</sup>: CRONOLOGIA DA EPIDEMIA DE AIDS

##### 2.1 Peste gay e metáfora

Para Susan Sontag (1984, 1989), de tempos em tempos surgem na humanidade doenças que podem ser caracterizadas como metáforas. Desse modo, apesar de ainda não ter sido descoberta a cura para o câncer, a *Síndrome da Imunodeficiência Adquirida* (AIDS, em inglês) surgiu com o poder de ameaçar a sociedade científica e tecnológica, num momento em que o patamar da ciência estava tão elevado que não acreditava existir mais nada que pudesse derrotá-la ou colocá-la em xeque.

A AIDS foi descoberta no final dos anos 70, quando os serviços de dermatologia dos Estados Unidos da América depararam com um número acima do normal de pacientes adultos e homossexuais, portadores de tumores na pele (*Sarcoma de Kaposi*) e pneumonia transmitida pela bactéria *Pneumocytis Carini*, segundo Handy Shilts (1994), até então fato raro no Centro de Controle de Doenças (CDC) dos Estados Unidos da América (EUA).

Como a ciência num primeiro momento relacionou os sintomas a práticas homossexuais, com o auxílio da imprensa rapidamente a epidemia passou a ser conhecida como peste gay, sendo forte até os dias atuais os discursos que responsabilizam os homossexuais pela disseminação do **Vírus da Imunodeficiência Humana** (HIV, em inglês).

A partir desse momento, em que a ciência é capaz de identificar

---

<sup>11</sup>Também conhecido por zidovudina ou retrovir, foi sintetizado pela primeira vez por Horwitz da Fundação contra o Câncer de Michigan, apresentando atividade anticancerígena. No início da década de 70 sua atividade antiviral foi descrita pela primeira vez sendo, em 1985, o primeiro composto a apresentar atividade anti-HIV. Atualmente é usado no tratamento de infecções por HIV, em associação com outros medicamentos anti-retrovirais.(SOUZA,M.V.N; ALMEIDA,M.V., 2003)

<sup>12</sup> Combinação de medicamentos que utiliza drogas capazes de inibir diferentes etapas da replicação viral, esta abordagem é conhecida como terapia anti-retroviral. A American National Institutes of Health e outras organizações recomendam que se ofereçam tratamento anti-retrovirais (SOUZA, M.V. N; ALMEIDA, M.V., 2003)

anticorpos de HIV no organismo das pessoas, estabelece-se a maior parte dos preconceitos relacionados à epidemia de AIDS: sua marcação como uma doença moral (Souza, 2001). Desse modo, através de um discurso médico caracterizado por um saber que se impõe como verdadeiro, surge à denominação de grupo de risco<sup>13</sup>, ou seja, o vírus acomete apenas pessoas de determinado grupo, com determinados tipos de comportamentos considerados marginais.

No final dos anos 70, o sexo anônimo, com muitos parceiros, era facilmente disponível em lugares de sociabilidade gay, como saunas, bares e cinemas pornográficos, nas palavras de Susan Sontag (1989, p. 76) “as instituições da vida homossexual urbana se transformaram num sistema de entregas sexuais de velocidade, eficácia e volume sem precedentes”. Metaforicamente, a autora diz que a AIDS ocupou então a mesma posição da sífilis há séculos atrás, uma vez que ambas são doenças que desencadearam campanhas de castidade sexual e recuo na liberalização das atitudes sexuais.

Conforme Sontag (1989) é possível ainda traçar outros paralelos entre a sífilis e AIDS: as duas são causadas por um microorganismo, e embora sejam transmitidas pelo contato sexual e por vias não sexuais, a percepção social recai sobre a transmissão sexual gerando culpa e reprovação: ambas são interpretadas como violação das leis da natureza, com influência de classe, raça/etnia, opção/orientação sexual. Porém, comparar a epidemia de AIDS com outras epidemias não é a intenção de Susan Sontag. Para ela, fazer comparações da AIDS a metáforas de epidemias anteriores é um exercício que deve ser feito para nos tornar capazes de perceber os campos discursivos que a modelam. As metáforas são utilizadas para determinar não controles epidemiológicos, mas sim, controles discursivos.

Para Marcelo Secron Bessa (1997), fazer analogias e metáforas da AIDS com outras epidemias impede a percepção de singularidade, e “faz com que um modelo extremamente preconceituoso e perigoso seja encorajado, pois as metáforas – principalmente as da peste- não são acidentais, elas incorporam um tipo particular de operação ideológica” (Bessa, 1997, p.20).

De acordo com Eliane Showalter (1993), enquanto metáfora, a AIDS difere bastante da sífilis, sobretudo pelas transformações ocorridas nos últimos cem anos:

Em primeiro lugar e de maior importância, a sífilis era um mal do anonimato, que se mantinha

---

<sup>13</sup> Eram incluídas neste grupo: homossexuais, prostitutas e usuários de drogas injetáveis.

em segredo de família [...] tinha uma identidade, mas não tinha uma voz (...). Já a AIDS se tornou parte da identidade e da história coletiva dos homens gays (...) não pode ser compreendida isolada nem da cultura gay do final do século XX nem da homofobia que sempre visualizou o homossexualismo como uma doença (SHOWALTER, 1993, p. 249).

Nesse contexto, sendo a comunidade gay o grupo inicialmente mais afetado pelo vírus, rapidamente gerou-se uma política de ativismo com a criação de grupos, comitês e ONGs que se mobilizaram em torno de questões relacionadas à prevenção, testes sorológicos, diagnósticos e medicações entre os homossexuais dos EUA.

No Brasil, a AIDS chegou num momento de abertura política, após 20 anos de ditadura, contexto este que favoreceu o surgimento de vários grupos ativistas que lutaram pelo direito de afirmação e identidade homossexual, e de periódicos gays como o *Lampião de Esquina*, que veiculava idéias e impasses do movimento. Nas principais capitais do país, assim como no relato de Sontag sobre o mercado do sexo americano, eram abundantes lugares institucionalizados para encontros homossexuais, como bares, saunas, discotecas, fatores estes que tornavam a homossexualidade masculina mais visível e com diferentes formas de sociabilidade, além do conhecido modelo da “bicha louca” (Mac Rae, 1990).

Cabe ressaltar que o movimento homossexual brasileiro sofreu e sofre grande influência norte americana, entretanto, ao contrário do hemisfério norte que possuía uma subcultura gay organizada, visível e estruturada, no Brasil, o auge da popularização da epidemia como peste gay ocorreu num momento de mudanças políticas e sociais e com o movimento homossexual bastante enfraquecido.

De acordo com Luis Mott (2002), na época do surgimento da epidemia as palavras de ordem do movimento homossexual brasileiro (MHB) eram liberação e afirmação de identidade. Desse modo, algumas pessoas influentes no movimento gay e também alguns grupos, não aprovavam o envolvimento do MHB com a prevenção da AIDS, argumentando que a prioridade do movimento deveriam ser as conquistas legais contra a discriminação, assim como a luta pelo respeito à diversidade e independência em face de estrutura governamental. Isso mostra que no Brasil, nem sempre os grupos de direitos e defesas de homossexuais dialogaram ou serviram como ponte

para implantação de estratégias de enfrentamento a AIDS.

O autor também relata que na época ocorreu um “complô de silêncio”, evitando-se falar abertamente da AIDS como uma estratégia para se evitar o aumento do estigma contra os homossexuais. Também houve posicionamento contra a impropriedade do conceito “grupo de risco”, sendo que ele próprio confessa ter omitido estrategicamente a AIDS na comunidade homossexual em comunicação sobre “DST e homossexualidade” apresentada em 1982, no Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Campinas (Mott, 2002, p.29).

Com o avanço da epidemia entre os gays, com a associação da homossexualidade com soro positividade para HIV e conseqüentemente, à morte, lançou-se sobre os homossexuais um olhar coletivo de condição patogênica, refletindo no que Herbert Daniel (1994, p.22) chamou de morte civil, na medida em que estilo de vida, cultura, comportamento sexual e suas peculiaridades de socialização, associara-se a uma “mortalidade anunciada”.

Desse modo, convencidos de que o silêncio não solucionaria os problemas, os poucos grupos do MHB que sobreviveram como o Grupo Gay da Bahia (GGB), o Dialogay, o GRAB (Grupo de Resistência Águia Branca), o Dignidade, a exemplo dos grupos americanos, passaram a adotar e “inventar estratégias para evitar o estigma da associação AIDS à homossexualidade, e propor ações concretas e imediatas visando à prevenção e ao apoio dos portadores desta síndrome”, contribuindo para a formação de diversas organizações não governamentais de lutas contra a AIDS, como a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) fundada em 1986, no Rio de Janeiro (Mott, 2002, p.30).

Segundo Francisco Xavier Ramos Pedrosa Filho (2004), ao romper o silêncio, o MHB introduziu e valorizou “elementos e métodos norteadores de uma política de resposta comunitária à epidemia, como o *sexo seguro*, as oficinas de sexo seguro, a educação entre pares e a solidariedade” (Ibidem, p.104- grifos meus), possibilitando, a partir dessas ações e de seus reflexos sobre a comunidade homossexual, uma re-significação da epidemia.

## **2.2 O sexo seguro como dispositivo.**

Segundo Foucault (2005), depois de ter poder sobre o indivíduo, o poder também é exercido sobre um grupo (diz respeito entre outras coisas aos controles de natalidade, mortalidade, longevidade), sendo a

tecnologia chamada de “biopolítica da espécie humana”, aplicada, no final do século XVIII, nas endemias,

[...] doenças mais ou menos difíceis de extirpar, e que não são encaradas como as epidemias, a título de causa de morte mais freqüente, mas como fatores permanentes (...) de subtração de forças, diminuição do tempo de trabalho, baixa de energias, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamentos que podem custar. (FOUCAULT, 2005, p. 290 - 291).

É da natalidade, da mortalidade, das incapacidades biológicas, dos efeitos do meio (meio geográfico, climático, hidrográfico, problemas dos pântanos, das epidemias, etc.), que se ocupa a biopolítica, e é daí que ela vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção do seu poder. A biopolítica trata justamente da “população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (Foucault, 2005, p.293), ou seja, a biopolítica entre outras coisas vai prover mecanismos de previdência em torno de eventos aleatórios, que são inerentes a um grupo social, a uma população de seres vivos, e buscará aperfeiçoar um estado de vida, buscando estados globais de equilíbrio. Desse modo, considero o sexo seguro como um dispositivo do campo de ação da biopolítica em relação a AIDS.

De acordo com Lilia Rossi (2002) o sexo seguro foi uma criação da comunidade gay americana, que teve como objetivo divulgar um conjunto de cuidados e práticas sexuais que diminuíssem ou eliminassem os riscos de infecção pelo HIV. A partir daí varias técnicas e dinâmicas foram sendo elaboradas para estimular homossexuais a adotarem o preservativo nas práticas sexuais, assim como informações sobre seu uso correto.

Desta forma, se constituiu toda uma tecnologia de prevenção à infecção pelo HIV, da qual foram agentes e alvos preferenciais, os homossexuais masculinos.

Porém, a implantação de uma cultura de sexo seguro, ou seja, com uso do preservativo, não foi um processo que se deu de forma tranqüila, pois muitos acreditavam que a AIDS era uma invenção dos médicos contra a liberação sexual e até mesmo questionavam a transmissão sexual do HIV. Nestor Perlonguer (1987), em seu livro *O que é AIDS?*, considerou a AIDS um dispositivo de controle de corpos perversos, que transformaria os homossexuais em figuras assépticas,

onde “o abraço médico vai pousar nos esfíncteres seu ponto de apoio” (Perlonguer, p.75). O autor questiona, inclusive, o uso do preservativo

Pode-se perguntar se as dúvidas ainda imperantes a respeito da eficácia real das camisinhas e espermicidas não tendem a preservar como tributo a moral convencional, algum limiar de restrição. Seja como for, a introdução de uma fina película de látex ente os lascivos órgãos pode talvez adquirir, para além do terapêutico, algum valor simbólico - a maneira de uma inscrição que marcasse, no turbilhão dos fluxos, a presença transparente da lei. (PERLONGHER, 1987, p. 75-76).

Com métodos e objetivos bem elaborados, as oficinas de sexo seguro e o sexo seguro resultaram, assim, da organização política dos grupos homossexuais em respostas a epidemia de AIDS, que não apenas possibilitaram alternativas de prevenção entre homossexuais, como também foram adotados como políticas governamentais e comunitárias de combate à AIDS.

Mas porque associar a aplicação de técnicas de biopoder às práticas (homo) sexuais? Segundo Foucault (2005), a sexualidade se tornou um campo cuja importância estratégica é capital, porque é um comportamento corporal, que depende de um controle disciplinar, individual, em forma de vigilância permanente. Desse modo, a sexualidade e as práticas sexuais são importantes tanto porque dizem respeito ao individual, quanto à população, sobretudo quando essa sexualidade individual está ligada ao fenômeno da procriação e, acréscimo da AIDS.

Logo, em decorrência da utilização de mecanismos biopolíticos, a medicina e a higiene passam a ter grande importância a partir do século XIX, incidindo sobre os processos biológicos e orgânicos, sobre a população e sobre o corpo, significando que a medicina com sua propriedade de poder influir sobre o corpo e a população, terá efeitos disciplinares e efeitos reguladores. Para Foucault é a “norma”, empregada pelos agentes detentores do saber, que finalmente fará a ponte entre um e outro mecanismo (disciplina e regulamentação), sendo que a medicina será responsável pelo surgimento da idéia de normalização, onde

A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar (...) e a (...) sociedade de

normalização não é, pois, uma sociedade disciplinar generalizada cujas instituições disciplinares teriam se alastrado (...) é uma sociedade em que se cruzam (...) a norma da disciplina e a norma da regulamentação. (FOUCAULT, 2005, p.302).

Nesse contexto, o discurso do sexo seguro na luta contra o HIV/AIDS encontra um terreno propício para seu fortalecimento, pois no quesito prevenção, o uso do preservativo passa a representar a única maneira eficaz para evitar infecções e reduzir a transmissão do vírus, ou seja, vira uma norma que transforma a prática de sexo anal sem camisinha entre gays num tabu. É importante ressaltar que antes da descoberta do HIV/AIDS não existia uma distinção entre sexo anal com ou sem preservativo.

### **2.3 A deshomossexualização da AIDS**

Com o tempo, as estatísticas começaram a mostrar que a AIDS também infectava indivíduos 'fora' dos grupos de risco tradicionais, atingindo todos que adotavam comportamentos de risco, como manter relações sexuais sem o uso do preservativo, compartilhar seringas, receber transfusão de sangue não testado, etc.

Os estatutos de grupos de risco mudaram para comportamentos de risco ou práticas de risco, que embora avançassem em relação ao conceito anterior, retiveram a problemática visão individualista e culpabilizante em relação ao sujeito infectado pelo vírus.

Atualmente todas as discussões sobre HIV/AIDS giram em torno do conceito de vulnerabilidade, em que se consideram vulneráveis

[...] pessoas relativa ou absolutamente incapazes de proteger seus próprios interesses. De modo mais formal, podem ter poder, inteligência, educação, recursos e forças insuficientes ou outros atributos necessários à proteção de seus interesses (MACKLIN, 2003, p. 60).

O HIV deixou de ser uma infecção que afeta apenas homossexuais, atingindo qualquer pessoa, independente de orientação sexual, idade, gênero, etnia, religião, classe social. Assim sendo, discutir a relação de um indivíduo com AIDS implica falar de situação social e cultural, de status econômico, de crenças e valores, de auto-estima,



projeto de vida, situação legal e jurídica do país em que vive este indivíduo, condições de acesso aos serviços de saúde, e muitos outros fatores. Nas palavras de José Ricardo Ayres (1997):

O desenvolvimento do conceito de vulnerabilidade ao HIV/AIDS pode ser descrito, em linhas gerais, como um esforço de produção e difusão de conhecimento, debate e ação sobre os diferentes graus e naturezas de suscetibilidade de indivíduos e coletividades à infecção, adoecimento e morte pelo HIV, segundo particularidades formadas pelo conjunto dos aspectos sociais, programáticos e individuais que os põem em relação com o problema e com os recursos para seu enfrentamento. (AYRES, 1997, p.03).

Desse modo, o aumento das leituras sobre a visão de vulnerabilidade e exclusão social como forças centrais no desenvolvimento da epidemia, possibilitaram a inclusão do politicamente correto no campo de trabalho. O que resultou em nova denominação dos homossexuais, como homens que fazem sexo com homens (HSH), aludindo à conduta homossexual e não à identidade sexual, incluindo diferentes tipos de HSH com experiências distintas. Prostitutas e garotos de programa passaram a ser designados como profissionais do sexo (PS); pessoa vivendo com AIDS substituiu o termo aidético; soropositivo passou a designar a pessoa portadora do vírus, mas que não adoeceu; pessoas envolvidas em contextos de drogadição com uso de seringas passaram a ser identificados como usuários de drogas injetáveis (UDI) (Cáceres, 2004).

Embora ainda não se tenha encontrado a cura para a AIDS e pesquisas sobre vacinas tenham fracassado até o momento, em relação ao tratamento ocorreram várias evoluções desde que o AZT, foi aprovado pelo órgão norte-americano de controle sobre produtos farmacêuticos *Food and Drug Administration* (FDA), a partir de 1986, e passou a ser comercializado pelos laboratórios *Burroughs-Wellcome* em 1987. Indicado para o tratamento da AIDS e contágio por *Pneumocytis carinii*, foi uma das primeiras drogas aprovadas para o tratamento da AIDS no Brasil e atualmente é usada no tratamento de infecções por HIV, em associação com outros medicamentos.

Essa mistura conhecida como coquetel de drogas e apresentada em 1996, na 11<sup>a</sup> Conferência Internacional sobre a SIDA (Vancouver, Canadá), conseguiu diminuir em 100 vezes o ritmo de reprodução do

vírus em relação à mono terapia até então empregada. Conhecidas como Terapia Anti Retroviral (TARV, em português), ou *Highly Active Antiretroviral Therapy* (HAART), em inglês, esta combinação de medicamentos utiliza três ou quatro drogas capazes de inibir diferentes etapas da replicação viral. No Brasil, desde 1996<sup>14</sup>, quando os remédios passaram a ser distribuídos gratuitamente a toda a população doente, conseguiu-se reduzir em um terço o número de mortes pela doença. Quando surgiu o primeiro remédio Anti-HIV, o AZT, a sobrevivência de uma pessoa em tratamento era de um ano. Atualmente 21 remédios podem ser combinados em 1.300 terapias, possibilitando a existência de pacientes que sobrevivem com o vírus por mais de 15 anos. Até o fim da década de 80, um terço dos bebês nascia infectado e 50% das infecções aconteciam durante o parto, hoje, com o uso dos medicamentos durante a gravidez e no momento do parto, menos de 1% dos bebês nascidos de mães com HIV são infectados.

No início da década de 90, a AIDS cresce em direção às mulheres, às crianças e adolescentes e às camadas populares, ou seja, se feminiliza e pauperiza. Os homossexuais aparentemente não são mais as principais vítimas. Richard Parker (1994), analisando esse redirecionamento em relação a AIDS pelo viés da sociedade e dos governos, diz:

Do mesmo jeito que a imagem da AIDS como doença exclusiva dos gays permite que a sociedade negue sua responsabilidade diante da epidemia (supostamente a AIDS estaria atingindo uma população restrita, marginalizada e de menor importância em face da “população em geral”), a declaração de que a AIDS, hoje, tornou-se uma ameaça para os heterossexuais, produz semelhante efeito. Ironicamente, esse efeito não é o de reduzir o preconceito dirigido aos homossexuais, mas de atuar no sentido de desviar as atenções e a responsabilidade da sociedade e, em particular, das autoridades, perante a população homossexual. (PARKER, 1994, p. 52).

A esse processo, Parker (1994), denominou *deshomossexualização* da AIDS. Porém, ao contrário de ser algo positivo para os homossexuais, o autor considera essa des-

---

<sup>14</sup> Lei n° 9.313, de 13 de novembro de 1996. Assegura o tratamento integral dos soropositivos, incluindo a distribuição gratuita de medicamentos.

homossexualização como

[...] uma nova versão do velho preconceito que perpetua a imagem da AIDS como praga gay no imaginário popular. Passa a ser outra maneira de assegurar que a mentalidade estabelecida continue a negar a questão das diversidades sexuais, em vez de encará-las de frente. (PARKER, 1994, p.52).

Ainda segundo Parker (1994), a des-homossexualização da AIDS faz com que instituições, organizações e setores da sociedade ignorem os efeitos da epidemia na população homossexual masculina, dificultando ainda mais a situação de homossexuais soropositivos, que muitas vezes preferem se automedicar a procurar postos de saúde, onde profissionais homófobos submetem pacientes a situações constrangedoras.

Em boletim de 2006, a ONG Pela Vidda emitiu matéria defendendo serem frágeis as teses que sustentam a estabilização e controle do HIV entre homossexuais no Brasil, pois

Os critérios de notificação, vigilância epidemiológica e acompanhamento da epidemia no Brasil, a partir dos casos de AIDS notificados, dão um retrato do passado e não medem a propagação atual da infecção pelo HIV entre os homossexuais. (...) Passados 25 anos da epidemia do HIV, há evidências do ressurgimento de comportamentos de risco entre homossexuais, da dificuldade de adoção de práticas sexuais mais seguras e da necessidade de renovação dos esforços de prevenção para cada geração de homossexuais. (BOLETIM PELLA VIDDA, 2006).

Utilizando-me de estatísticas (outro recurso da biopolítica), onde são importantes “as observações dos procedimentos, mais ou menos espontâneos, mais ou menos combinados” (Foucault, 2005, p.290), os dados do Ministério da Saúde vão ao encontro deste enunciado.

No Brasil entre 1980 e 2006 foram identificados 433.067 casos<sup>15</sup>,

---

<sup>15</sup> Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico- AIDS e DST. Ano III nº01 -01º a 26º semanas epidemiológicas – janeiro a julho de 2006. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006 a.

tendo ocorrido um crescimento, acelerado até 1998, quando se verificou uma desaceleração. De 2002 a 2005 foram identificados, em média, 35.000 casos/ano com taxa de incidência de 19,4 por 100 mil habitantes. A estimativa é de que cerca de 600 mil pessoas, entre 15 e 49 anos de idade, vivam com HIV/AIDS no país. Apesar do crescimento do número de casos de AIDS relacionados à transmissão heterossexual, não se observa desde o final dos anos de 1990 uma redução da transmissão do HIV por meio de relações sexuais entre homens que praticam sexo com homens (HSH).

Em São Paulo, maior cidade do país e uma das maiores metrópoles do mundo, a divulgação da Prefeitura Municipal sobre notificações de infecção pelo vírus da AIDS, apresenta cálculos estatísticos mostrando que, entre 1983 e 2006, dos 7.937 registros de testes positivos para HIV coletados na cidade, a maior proporção de casos ficou entre homossexuais e bissexuais. Em 2006, por exemplo, 37% dos registros foram de homossexuais e 18%, de bissexuais; em 2005, a proporção era de 34% e 19%, respectivamente. Quando somados os dados de homossexuais e bissexuais de 2006, a proporção alcança 54% (LEITE, Fabiane, 2007).

Pesquisa realizada sobre atitudes e prática da população brasileira em 2004 (PCAP-BR) <sup>16</sup> estimou a população de HSH, de 15 a 49 anos, constituindo em torno de 3,2% da população, o que representa cerca de 1,5 milhões de pessoas. Com esta estimativa de base populacional de HSH, foi possível calcular a incidência de HIV/AIDS nesse segmento que, em 2.004, girou em torno de 226 por 100.000 HSH. No mesmo período, a taxa de incidência para a população em geral foi de 19,5 casos por 100.000 habitantes, indicando que a taxa de incidência para HSH<sup>17</sup> é 11 vezes maior à da população em geral.

Estudos realizados em 2004, com dados atualizados em 2005, pelo Sistema Nacional de Monitoramento em AIDS (Monitoraids) <sup>18</sup> da

---

<sup>16</sup> Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico- AIDS e DST. Pesquisa de Conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.

<sup>17</sup> Para a estimativa de incidência de AIDS em HSH foi considerada a proporção de HSH por região do estudo PCAP-BR de 2004 e estimativas populacionais do IBGE.

<sup>18</sup> “O MONITORAIDS é composto por um conjunto de indicadores que acompanham os principais aspectos relacionados ao HIV/AIDS e outras DST. São apresentados no MONITORAIDS os indicadores disponíveis para o Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Dependendo dos indicadores, eles podem ser desagregados segundo várias outras categorias, tais como: idade, sexo, e alguma variável que caracterize o nível socioeconômico,

Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), mostraram que apenas 25% dos brasileiros usam preservativo em todas as relações sexuais; 75% da população sexualmente ativa entre 15 e 54 anos não usam preservativo de forma regular com parceiros fixos e um a cada três indivíduos não usa preservativo com parceiros sexuais eventuais<sup>19</sup>.

Significativos também são os novos elementos que caracterizam a vida sexual e a cultura nas grandes cidades que desde o final dos anos noventa refletem diretamente na questão da epidemia da AIDS: a disponibilidade de tratamento; o aumento significativo da sobrevivência de pessoas soropositivas; a transformação da infecção em doença crônica e controlável, não mais letal; a proliferação de novas drogas “recreativas”, como por exemplo, o *extasy*, bastante utilizado por jovens, algumas vezes ingerido com o Viagra; a popularização da Internet, com enorme quantidade de produtos e serviços sexuais, possibilidades de interação em tempo real; difusão de clubes de sexo, ressurgindo como novas versões das saunas gays dos anos 70 e 80, culminando com as práticas de *bareback sex*, denominação para sexo sem uso de preservativos em contextos de risco de infecção pelo vírus HIV.

## 2.4 O barebacking sex

Michael Shernoff (2005), no estudo “*The sociology of barebacking*” [*A Sociologia do Barebacking*], diz que a primeira vez que o termo barebacking apareceu com a definição de prática sexual anal sem uso do preservativo, foi em 1997, na revista POZ Magazine<sup>20</sup>, em um artigo de Stephen Gerdin, intitulado “My Turn: Riding Bareback”, no qual narra a emoção de praticar sexo anal sem preservativo com outros homens HIV positivos.

Com a prática, surgiram novos termos e códigos a ela relacionados, como *Barebacking Parties*: festas de sexo onde não é permitido o uso do preservativo; *All Positive Barebacking Parties*: todos na festa são positivos; *All Negative Parties*: todos na festa são negativos; *Conversion Parties*: festa onde HIV negativos, desejam se infectar como vírus HIV e tornarem-se positivos; *Russian Roulette*

---

possibilitando a análise das desigualdades socioeconômicas”. Disponível em: <<http://sistemas.aids.gov.br/monitoraids2/frames.htm>>.

19 Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/monitoraids2>

<sup>20</sup> Revista Gay Americana destinada a soropositivos. No contexto americano POZ significa positivo, no caso, sorologia positiva para HIV.

*Parties*: festa mista com sujeitos soropositivos e soronegativos, onde não se sabe quem é positivo ou negativo.

Paralelamente a estas diferentes festas, uma variedade de novos termos vinculados ao barebacking vêm sendo difundidos: *Bug chasers*: caçadores do erro, homens dispostos a correr o risco de se infectarem com HIV; *The Gift*: o presente, o vírus HIV; *Bug brothers*: grupo de homens soropositivos; *Charged cum ou poz cum*: Sêmen de homem HIV positivo; *Fuck of death*: foda da morte (intercurso sexual onde ocorre a infecção pelo HIV) (Sowadsky, 1999).

Um fator relevante é que atualmente sabemos que homens e mulheres, gays ou não, fazem sexo sem usar preservativos, caso contrário não teríamos novos números de soropositivos, em especial com relação a mulheres heterossexuais com parceiros estáveis.

Shernoff (2005) chama atenção para esta questão, concluindo que os níveis de aprovação/desaprovação em relação ao barebacking, variam de acordo com o contexto onde é praticado e a população que o pratica:

If the individuals are married heterosexuals, there is little or no social disapproval for not using condoms during vaginal or anal intercourse. When the partners are unmarried but romantically involved heterosexuals, there's more social censure, but it is relatively mild. When unmarried heterosexuals who are not romantically involved, don't use a condom, there's more social censure and disapproval, even when the woman is employing other methods of birth control. The highest level of social disapproval for barebacking is when it occurs between gay mens, but the degree of censure varies greatly according to the situation. (SHERNOFF, 2005, p.33) <sup>21</sup>.

Além de o termo barebacking ser popularmente usado nos Estados Unidos para descrever sexo sem camisinha, ele também é empregado para designar a subcultura de homens que frequentam festas, clubes de sexo, saunas, dark-rooms, web sites, que crescentemente

---

<sup>21</sup> “Se os indivíduos forem heterossexuais casados, não existe quase nenhuma desaprovação social para não usar preservativo durante o intercurso vaginal ou anal. Quando os parceiros são heterossexuais solteiros, mas romanticamente envolvidos, há um censura mais social, mas é relativamente leve. Quando os heterossexuais solteiros que não são romanticamente envolvidos, não usam preservativos, há uma censura e uma desaprovação mais social, mesmo quando a mulher está utilizando outros métodos de anticoncepção. O nível mais elevado da desaprovação social para barebacking é quando ocorre entre homens gays, mas o grau de censura varia extremamente de acordo com a situação”. Tradução livre.

adotam identidades focadas na emoção de fazer sexo sem preservativo.

Dentro dessa variedade de definições, pode-se caracterizar o barebacking como o envolvimento deliberado, voluntário e consciente, em práticas sexuais sem o uso do preservativo, entre homens gays (mesmo a prática não sendo exclusiva de homossexuais), com o risco de contrair o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Devido à relação direta com o risco de contrair o vírus HIV, que no imaginário popular está diretamente relacionado à morte, uma vez que ainda não se encontrou a cura para AIDS, o barebacking praticado por homens homossexuais é controverso dentro e fora da comunidade gay.

Alguns condenam o barebacking e barebackers porque acreditam que a prática tem causado infecção entre jovens e sua divulgação traz uma publicidade negativa para a comunidade homossexual, outros condenam por acharem seus praticantes promíscuos e irresponsáveis.

Entretanto, apesar da polêmica e das controvérsias, a prática sexual bareback tem se tornado assunto de interesse da mídia e também de pesquisadores, como se verá posteriormente.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA

Para realização deste trabalho utilizei como metodologia a Análise Documental. Neste capítulo apresento a primeira etapa para a realização da análise proposta, ou seja, os critérios e os procedimentos realizados para a captura dos documentos, a caracterização das fontes, concluindo com as tabelas que compõem o corpus da pesquisa.

#### **3.1 Critérios e comentários acerca dos resultados das buscas para captura de documentos.**

Como critérios para a captura dos documentos que compõem o corpus de análise desta pesquisa, foram feitas buscas nos sites (Google, Yahoo), entre o período de março de 2007 a maio de 2009, utilizados os descritores ‘*sexo bareback*’; ‘*barebacking*’; ‘*barebacker*’; ‘*sexo e risco*’ com especificações “*somente páginas em português*”. A busca geral feita no Google ([www.google.com](http://www.google.com)) resultou em aproximadamente 734.000 indicações e no Yahoo ([www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br)), em aproximadamente 1.940.000 indicações, sendo que a maioria dos links que abordam o tema barebacking é referente a blogs, sites gays e produtoras de filmes pornográficos.

Com base nos resultados dessas buscas, pode-se considerar o artigo publicado pela *Revista Isto É* como um marco sobre a discussão/exposição do tema na mídia brasileira. O texto, de autoria da jornalista Celina Cortes (2002), foi publicado na Edição Nº 1719, de 30 de agosto de 2002, na seção comportamento e traz o título: “*Pacto Mortal: O bareback, a prática do sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com sites para encontros*”. Com conteúdo similar, a *Revista Veja* Edição 1767 de 04 de setembro de 2002 publicou na Seção Geral a reportagem do jornalista Leonardo Coutinho (2002) com o título: “*A roleta russa da AIDS: nas festas do chamado barebacking, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer*”. Mais recente, a *Revista Época* publicou na Edição 510 de 22 de fevereiro de 2008, a matéria “*A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar a camisinha*” da jornalista Suzane Frutuoso (2008).



Em relação aos periódicos de circulação nacional, a *Folha de São Paulo* foi a que mais produziu material sobre o assunto, com seis reportagens, seguida pelo *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) com uma série de três reportagens, ao passo que *O Estado de São Paulo* e *O Globo*, reproduziram matéria de agências internacionais.

Pesquisa realizada no site do *Programa Nacional de DST e AIDS* (PNDST/AIDS) resultaram em cinco arquivos, todos compilados de jornais e revistas, ou seja, nenhum produzido pelo PNDST/AIDS. Desses arquivos, três referiam-se ao filme “O presente”<sup>22</sup>. Quanto as ONGs, a pesquisa resultou em duas citações: uma sobre o capítulo de um livro e outra sobre conferência proferida em encontro de profissionais que trabalham com HIV/AIDS.

Buscas realizadas nos sites *The Scientific Electronic Library Online SCIELO* ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)) e no *Banco de Teses da CAPES* ([www.capes.org.br](http://www.capes.org.br)) não resultaram indicações, já no site da *Plataforma Lattes* (<http://lattes.cnpq.br>), resultaram em seis indicações, entre artigos e pesquisas, o que me levou a crer que pouco tem sido discutido ou pesquisado sobre esta prática no âmbito acadêmico.

### 3.2 Onde se diz? Caracterizando as fontes dos documentos

#### Revistas

O termo revista vem do inglês *rewiw* que significa rever ou fazer uma segunda leitura de alguma coisa, tendo sido utilizado pela primeira vez com este sentido em 1704, quando Daniel Defoe lançou em Londres “*A weeking Rewiw of the affairs of France*”. No Brasil, o gênero surgiu em 1812 com o lançamento em Salvador, Bahia, de “*As variedades ou Ensaio de Literatura*”, produzido pelo tipógrafo e livreiro português Manuel Antonio da Silva Seva (Henrique, 2002). Atualmente

[...] dá-se o nome de revista semanal de informação a qualquer edição que vá às bancas de

---

<sup>22</sup> The Gift, 2002, EUA, Documentário, 62 min. Este filme da diretora Louise Hogarth aborda a questão barebacking e tomou-se referência para o tema. Doug, um jovem gay de 19 anos, quer ser infectado com o HIV. Para ele, possuir o vírus HIV significa fazer novas amizades, não ser rejeitado nas salas de bate-papo e ter uma vida sexual intensa e sem preocupações. Para atingir seu objetivo ele conversa, via Internet, com homens HIV - positivos e pede que em nome de ajuda ao próximo se disponham a infectá-lo. Assim sendo, Doug faz sexo com um doador eleito que o fascinou ao dizer que iria energizá-lo com o vírus e conseguiu alcançar seu objetivo. Disponível em: <[http://www.documen.tv/asset/The\\_Gift.html](http://www.documen.tv/asset/The_Gift.html)>

sete em sete dias (óbvio, salvo exceções de edições antecipadas por feriados), em formato de revistas (papel couchê ou jornal), bem ilustrada (fotos e gravuras) e que traga não apenas o resumo das notícias da semana, mas assuntos gerais como serviço e comportamento, furos de reportagem, fatos e análises sobre os temas que os jornais vêm abordando diariamente (HENRIQUE, 2002, p. 135).

Já Bernardo Kucinski (1999) considera as revistas semanais como fundamentais para preencher a necessidade importante de leitura no Brasil, devido à sua longevidade e alcance nacional, especialmente entre as classes médias que não compram jornais diários, tendo função determinante na agenda e produção de consenso, atuando como usinas ideológicas dirigidas às classes médias, inclusive no reforço de seus preconceitos. Assim sendo, de 1812 aos dias atuais, muita coisa mudou neste gênero de impressão, revistas surgiram e sumiram, poucas permaneceram (Veja, Isto É) e outras continuam a surgir (Época).

### **a) Revista Veja**

Veja é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril. Foi criada pelos jornalsitas Victor Civitá e Mino Carta. Lançada em 11 de setembro de 1968, o primeiro número da publicação tinha por título *Veja e leia*. Em 1972 é implantada a operação de assinaturas, que ao final de quatro anos alcançou os primeiros 100 mil assinantes, número considerado significativo para uma publicação que pretendia alcançar todo o Brasil (Villalta, 2002).

Atualmente *Veja* é a revista de maior circulação no Brasil e a quarta maior revista semanal do mundo superada apenas pelas revistas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News & Report*, com uma tiragem superior a um milhão de exemplares.

Aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e, por vezes mundial, como política, economia, cultura, comportamento, guerras, bem como conflitos e negociações diplomáticas. Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas. Trata também temas como tecnologia, ecologia, religião com certa regularidade. Possui seções fixas sobre cinema, literatura, música e guias práticos sobre assuntos diversos, especialmente saúde.

## **b) Revista Isto É**

Isto É é uma revista semanal brasileira de informações gerais, publicada pela Editora Três. Lançada em 1976, atualmente possui uma tiragem de 150 mil exemplares e é considerada uma das quatro principais revistas semanais a circular no Brasil. Criada por Mino Carta<sup>23</sup>, inovou ao publicar um caderno especial sobre direitos do consumidor.

Tem sua história marcada por reportagens de qualidade e foi vencedora de prêmios importantes. No Brasil, o site da revista na internet foi, pelo segundo ano consecutivo em 2006, o mais acessado em sua área, com média mensal de 30 milhões de pageviews, além de publicar a edição especial Personalidades do Ano. Entretanto, apesar de todo sucesso, Isto É foi superada em termos de tiragens pela Revista Época.

## **c) Revista Época**

Lançada em 1998 pela editora Globo, a Revista Época é a segunda revista semanal mais lida no Brasil. A partir de uma campanha agressiva de marketing feita pelo Grupo Globo, cujo carro chefe é a Rede Globo de Televisão difundida por todo o Brasil, em 1999 a Revista Época atinge o público de 1 milhão de leitores. Em 2001 causou grande polêmica ao ter uma reportagem de capa como o título “Eu fumo maconha”, onde pessoas famosas assumiram publicamente o hábito, garantindo assim um recorde de cartas e e-mails jamais recebidos por uma revista nacional anteriormente (Henrique, 2002, p.148)

## **Periódicos**

De acordo com Nelson Traquina (2005) a partir do século XIX a introdução de anúncios publicitários nas páginas dos jornais fez com que eles passassem a ser pensados enquanto empresas e passíveis de obterem lucros com suas operações. Desse modo, ao assumirem um

---

<sup>23</sup> Como aconteceu com a Revista Veja anteriormente, Mino Carta saiu da Revista Isto É e em 1994 cria nova publicação, Carta Capital.

Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta\\_capital](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_capital) >

caráter capitalista as empresas jornalísticas passam a oferecer um novo produto: as notícias, que devem se basear em fatos e não em opiniões.

Nesta perspectiva o padrão utilizado pelos periódicos no Brasil é classificado de acordo com o Modelo Ocidental de Jornalismo, que segundo Jorge Pedro Souza (2002)

[...] preconiza que a imprensa deve ser independente do Estado e dos poderes, tendo o direito a reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder, inclusive dos agentes institucionais, sem repressão ou ameaça de repressão. Teoricamente, os jornalistas seriam apenas limitados pela lei (tida por justa), pela ética e pela deontologia. (SOUZA, 2002, p.33).

Desse modo, este modelo estaria baseado na liberdade de imprensa e na independência econômica em relação ao Estado, fato possível devido à venda de anúncios publicitários e venda de exemplares, possibilitando ao campo jornalístico um mercado onde a diversidade de idéias e opiniões pudessem ser expostas ao público de maneira imparcial.

Nota da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), diz que apesar da modernização tecnológica e da expansão de novas mídias, como a internet, o jornal impresso é apontado como a principal fonte de informações para leitores de diversas partes do mundo. Segundo a ABI, pesquisa realizada pela consultoria *Pricewaterhouse Coopers* (PwC), com a Associação Mundial de Jornais (WAN, sigla em inglês), a credibilidade seria a principal vantagem do jornal impresso frente aos outros meios de comunicação, sendo que “[...] sua periodicidade (24 horas) também é bastante elogiada, (...) é apreciado, ainda, por sua portabilidade: pode ser levado de um lugar a outro, sem a preocupação com cabos, conexões, eletricidade, baterias, entre outros aspectos” (ABI, 2009) <sup>24</sup>.

### **a) Jornal do Brasil**

Fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Souza Dantas, com intenção de defender o regime monárquico recém deposto. De nível elevado, contava com a colaboração de José Veríssimo, escritor; Joaquim Nabuco, político, diplomata, historiador, jurista, jornalista e um

---

24 Disponível em: <<http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?Id=3077>>

dos fundadores da Academia Brasileira de Letras; Aristides Spínola, advogado, político, abolicionista, espírita; Ulisses Viana, político; José Maria da Silva Paranhos Júnior, Visconde do Rio Branco; Oliveira Lima, escritor, crítico e embaixador dentre outros. O periódico inovou por sua estrutura empresarial, parque gráfico, pela distribuição em carroças e a participação de correspondentes estrangeiros, como *Eça de Queirós*. De orientação conservadora, defendia a monarquia recém-derrubada, até que Rui Barbosa (1849-1923) assumiu a função de redator-chefe (1893). Tradicionalmente tem sido voltado para as classes média e alta que se concentram na Zona Sul do Rio de Janeiro, uma elite diminuta mas com altíssimo poder de formação de opinião, a nível nacional<sup>25</sup>.

### **b) Jornal Folha de São Paulo**

“Fundada em 1921, a Folha é, desde a década de 80, o jornal mais vendido no país (no ano passado, a circulação média foi de 302 mil exemplares em dias úteis e 365 mil aos domingos). De acordo com os editores do site do jornal, seu crescimento foi calcado nos princípios editoriais do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência. Organizado em cadernos temáticos diários e suplementos, tem circulação nacional. Foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a adotar a figura do ombudsman e a oferecer conteúdo on-line a seus leitores”<sup>26</sup>.

### **Weblogs**

De acordo com Solange Gallo (1992) os *Weblogs* podem ser definidos como *web sites* pessoais estruturado numa ordem cronológica onde as informações podem ser atualizadas com frequência e são apresentadas em textos curtos, linguagem coloquial. Desse modo se pode produzir uma discussão contextualizada onde é possível refutar, reafirmar, desdobrar aquilo que foi escrito primariamente.

Para Maria Regina Momesso de Oliveira (2004) os weblogs são espaços que possibilitam interação e troca veloz entre pessoas, sobre temas do cotidiano, suas preferências, gostos, necessidades, opiniões e reações frente a situações, ou seja, permitem que visões internas de

---

25 Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Brasil)

26 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>

indivíduos sejam expostas e postas à prova, tornado os weblogs

[...] espaço garantido de expressão pública, servindo de álbum de fotografia, agenda virtual, exposição de idéias, fã clube, jornal on-line, diário pessoal, caderno de divulgação de serviços, de pesquisa, de artigos, etc. (Oliveira, 2004, p. 201).

### 3.3 Corpus da pesquisa

Os documentos que constituem o corpus desta pesquisa foram selecionados de blogs, weblogs, videologs, periódicos de circulação nacional, sites gays e de três revistas de grande circulação nacional, a saber: Isto É, Veja e Época. A escolha privilegiada das revistas se justifica, pela possibilidade de atingirem um público maior, inclusive aquele que não tem acesso à Internet, já que são vendidas em bancas de jornal em todo o país.

Nos quadros a seguir são apresentados os documentos que compõem o corpus da pesquisa com suas respectivas referências (título data, caderno, ilustração, fonte).

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Ilustração</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
“Pacto Mortal: O bareback, a prática do sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com sites para <i>encontros</i> ”.	30/08/2002	Sim	Celina Cortes	Revista Isto É Edição n° 1719
“A roleta russa da AIDS: nas festas do chamado barebacking, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer”.	04/09/2002	Sim	Eduardo Coutinho	Revista Veja Edição n° 1667

A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha	22/02/2008	Sim	Suzane Frutuoso	Revista Época Edição n° 510
As alucinantes noites camicases	01/10/ 2008	Sim	Adriana Dias Lopes	Revista VEJA Edição n° 2080

**Quadro 1** – Revistas

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Ilustração</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
O sexo na cidade	11/08/2003	Não	Contardo Calligaris	Folha de São Paulo
'Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública	03/01/2009	Não	Vagner Fernandes	Jornal do Brasil
'Bareback' pode dar cadeia, dizem juristas	07/01/2009	Não	Vagner Fernandes , Jornal do Brasil	Jornal do Brasil
Barebacker diz que continua a se relacionar com quem o contaminou	03/01/2009	Não	Vagner Fernandes	Jornal do Brasil
Documentário “The Gift” polemiza sobre a AIDS	15/02/2003	Não	Fabio Cipriano	Folha de São Paulo

**Quadro 2** - Periódicos

<b>Título</b>	<b>Data</b>	<b>Ilustração</b>	<b>Autor</b>	<b>Fonte</b>
Eles não gostam de borracha	20/06/2009	Sim	Marcelo Hailer	Blog A capa
Bareback: a liberdade (des) embrulhada pra presente	24/11/2008	Sim	Caco Ishak	Blog Over mundo
Réu é condenado por passar AIDS para a namorada	07/05/2009	Não	James Gavin	Blog Consultor Jurídico

Dois ativos querendo caras deliciosos para fudermos! Sempre com fotos/filmes sem aparecer rosto.	06/05/2009	Sim	João Batista Pedrosa	Blog dos morenos 1972
Bareback, sexo sem camisinha: Entrevista com barebacker	14/02/2004	Sim	Darlan Alvarenga	Blog Farofa digital
Procura-se HIV	31/08/2004	Sim	Iuri	Blog Baquiático

**Quadro 3** - Weblogs



## CAPÍTULO IV

### DISCURSIVIDADES SOBRE BAREBACK

Este capítulo é composto por dois momentos distintos, mas que interagem entre si: no primeiro momento, apresento algumas reflexões sobre “*AIDS, mídia e discurso*”, no tópico “*Quem diz? O sujeito do discurso*” **conceituo** *formação discursiva* e caracterizo os sujeitos das discursividades sobre bareback; no tópico, “*O que se diz? A profusão de discursos*” *analiso* pesquisas acadêmicas sobre o tema bareback produzidas nos EUA e no Brasil e, num segundo momento, no tópico “*Barecking nos discursos midiáticos*”, analiso os documentos capturados nas revistas, nos periódicos e weblogs.

#### 4.1 AIDS, discurso e mídia

Devido à velocidade com que surgem novas tecnologias, a mídia tem se tornado uma poderosa instância de produção de conhecimentos, transformando os meios de comunicação em massa numa instituição das mais influentes na sociedade atual, colaborando no processo de globalização (uma vez que através dos fluxos de informações ocorrem movimentos de aproximação, intercâmbios, mescla de culturas), transformando-se, constituindo-se num dos principais instrumentos de influência e construção social da realidade onde discursos veiculados podem acionar efeitos de verdade.

Em *Vigiar e Punir* (1997), Michel Foucault apresenta as noções de vigilância e controle. Pode-se afirmar que atualmente a mídia tem se aproximando cada vez mais do *panopticon*, uma vez que a interferência dos meios de comunicação de massa tem se tornado cada vez mais freqüente no cotidiano, permitindo controle, acompanhamento e vigilância das pessoas de modo tão eficaz quanto o poder disciplinar apresentado por Foucault.

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que ao invés de se apropriar e de retirar, tem a função maior de ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor (...) adestra as multidões confusas, móveis, inúteis corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais (...) a disciplina fabrica

indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumento de seu exercício (FOUCAULT, 1997, p. 143).

E se para Foucault o poder é constituído por relações de força que constituem verdades, pode-se dizer que os discursos midiáticos seriam atualmente um dos principais instrumentos de inserção de noções de verdade nas relações sociais.

Para Felix Guatarri e Sueli Rolnik (1986), a imprensa produz individualidades serializadas. Recebendo individualizações serializadas, milhares de indivíduos possuem a mesma sensação de que o veículo de comunicação está falando com ele, porém, a subjetividade é vivida em experiências pessoais únicas e não pertencentes a uma grande massa. Assim sendo, os meios de comunicação, partindo do princípio de que o público é heterogêneo, tentam transformar a heterogeneidade em homogeneidade, possibilitando que a imprensa delinear modos de conduta e de comportamentos, que constituirão modelos; modelos que são devolvidos ao público através de discursos capazes de impulsionar as ações de seus leitores, articular suas idéias, versões e verdades.

No que tange a AIDS, segundo Mary Jane P. Spink (2001), em 1985 quando a frase "*A AIDS é a primeira doença da mídia*" foi publicada na capa do jornal francês *Le Figaro*, instaurou-se a criação de um novo fenômeno social: a AIDS notícia. Segundo a autora, para além de uma doença e de uma epidemia, "[...] a AIDS tornou-se um fenômeno social marcado por tecnologias modernas no campo das pesquisas médicas, pelo ativismo social e pela impressionante dimensão midiática que assumiu" (Spink, 2002, p.852), sendo possível expressar essa dimensão midiática em termos do número de matérias e conseqüente destaque dado à AIDS na pauta de diferentes veículos de comunicação, no Brasil e no mundo. A autora cita como exemplo a pesquisa de Aureliano Biancarelli realizada em 1997, acerca de reportagens publicadas pelo periódico *Folha de São Paulo* que no período de setembro de 1987 a dezembro de 1996 encontrou 7.074 matérias que de alguma forma, faziam referência à AIDS. O autor verificou que ao longo de nove anos, foram publicadas, apenas neste veículo, a média de duas matérias por dia.

Paulo Cesar Castro de Souza (2001), em sua tese "*AIDS, mídia impressa e sexualidade: práticas e comportamentos sexuais em tempos de HIV nos discursos da Veja e Isto É nas décadas de 1980 e 1990*", diz que desde o início da epidemia as principais revistas semanais do país,

assim como jornais de pequeno e grande porte dedicavam capas e matérias sensacionalistas sobre a questão, exercendo um papel fundamental na divulgação da doença. Sempre tratando do tema de forma alarmista, trazendo à tona as práticas de comportamentos sexuais marginalizados, prostituição, homossexualidade, drogas e o preconceito com os portadores do vírus. Recentemente, ao ser abordado sobre o tema em entrevista concedida à jornalista Bruna Rosa (2007), da Revista Fórum, o autor diz que a situação é bem diferente, pois

Apesar do risco que ainda representa para a sociedade, a AIDS caiu, infelizmente, na rotina midiática. As notícias dos últimos anos demonstram que a AIDS, nas poucas matérias abordadas, tem sido tema da imprensa quase que exclusivamente em função das descobertas científicas acerca de medicamentos e tratamentos ou, no caso brasileiro, quando há uma ação governamental contra os laboratórios internacionais relacionadas, por exemplo, à quebra de patentes. (ROSA, 2007).

Segundo Nelson Traquina (1993) a mídia e, em especial o jornalismo, utilizam-se de narrativas e formas literárias elaboradas a partir de metáforas, frases feitas e imagens para organizar o acontecimento, fazendo da notícia o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção, transformação da matéria prima acontecimento no produto notícia. “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (Idem, p.168). Desse modo, a história do tempo presente passa a ser construída via aparelhos de comunicação em massa, produzidos no interior de uma prática que manipula o real, transformando o acontecimento jornalístico num produto resultante de escolhas de imagens e montagens que garantem a impressão de que tudo é vivenciado de perto.

Partindo do pressuposto de que a epidemia de AIDS atualmente é banalizada pela mídia, sem possuir o apelo polêmico de décadas atrás, apesar de ter sido desde seu início uma doença mediática, podemos reconhecer o discurso mediático como ocupante de “(...) um lugar estratégico que expressa uma dimensão extremamente significativa no próprio processo de construção/ explicação da doença”. Considerando a Internet como o *complexo das mídias*, onde “estruturas estariam, de uma forma autônoma ou dependente de outras fontes, a produzir e a disseminar conhecimentos passíveis de alterar e/ou subverter comportamentos que viessem a alterar o fluxo de avanço do vírus”

(Fausto Neto, 1997, p.139-141), podemos ressaltar a importância deste veículo na produção de discursos sobre as práticas sexuais.

## 4.2 Quem diz? Os sujeitos do discurso

Para Foucault (1987) a questão do sujeito não está desvinculada nem da noção de discurso, nem da noção de poder. Nesta abordagem, o sujeito é deslocado de um ponto onde se eliminava a prática discursiva, para outro no qual o sujeito e o sentido são da ordem da constituição discursiva. Assim sendo, tanto o sujeito quanto o discurso são tomados enquanto dispersão, rompendo com a idéia dominante de continuidade.

Em sua obra *Arqueologia do Saber* (1987), Foucault propõe o conceito de Formação Discursiva (FD) como uma possibilidade para descrever essa dispersão. Para Foucault, ao se relacionar uma FD a um sistema de dispersão, será possível perceber regularidades em relação aos objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas. Nesse sentido, um enunciado pertencerá a uma função discursiva, assim como uma frase pertencerá a um texto, sendo que um conjunto de enunciados, apoiados numa mesma FD, irá constituir o que Foucault chamou de discurso, conjunto de enunciados em que “podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (Foucault, 1987, p. 62).

Assim sendo, o discurso não é a manifestação de um sujeito que pensa e tem autonomia sobre o seu dizer, e sim a materialização das posições do sujeito definidas, “pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (Foucault, 1987: 59), de modo que a dispersão do sujeito ocorrerá em “diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (Foucault, 1987, p.61). Desse modo, configurar o discurso como um espaço que abarca diferentes lugares e diferentes posições implica apontar para a heterogeneidade que é inerente a todo e qualquer discurso. Assim, os discursos sobre o barebacking são um bom exemplo de uma prática discursiva na qual se desenvolve uma rede de lugares discursivos, sendo eles, o lugar dos acadêmicos, o lugar dos especialistas, o lugar dos leigos, o lugar dos barebackers, o lugar do jornalista.

A noção de sujeito em Foucault não pode estar dissociada da noção de discurso, já que é nas/pelas práticas discursivas, as quais são

determinadas pelas práticas sociais, que o ser humano se transforma em sujeito do discurso. Desse modo, cada um faz não o que quer, mas aquilo que pode na posição de sujeito que ele ocupa num dado momento, inserido numa certa ordem disciplinar.

Assim sendo, o jornalista, ao ocupar o lugar de sujeito do discurso sobre o barebacking, está submetido a outras ordens disciplinares, ou seja, os dizeres dos acadêmicos, dos especialistas, dos leigos, dos barebackers, ou seja, o sujeito do discurso jornalístico não é totalmente livre para dizer "o que bem entende". Porém, esses lugares, ocupados pelos sujeitos do discurso, não são estáticos, pois a rede está sempre se rompendo, de modo que o lugar que cada um ocupa está sempre sujeito a mudanças, que não são destituídas das influências das relações de poder-saber.

Como vimos anteriormente, ao tratar sobre os procedimentos de controle (interno e externo) e delimitações do discurso, em sua aula inaugural no **Collège de France**, Foucault (2007c) lançou questionamentos para pensar a questão do poder, buscando compreender como as normas institucionalizadas da sociedade interferem nas práticas discursivas, controlando-as, organizando-as. E essa forma de controle nada mais é do que uma das formas de exercício do poder, legitimada por um "modelo institucional", que determinadas regras impõe ao discurso e ao sujeito que o produz.

Deste modo, devemos aceitar o discurso pelo que está dito, buscando compreender como a vontade da verdade e os sistemas de exclusão se apresentam e exercem o poder de forma diferente em cada época já que "[...] não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'polícia' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos" (Foucault, 2007c, p. 35).

No caso dos discursos sobre a AIDS e, mais especificamente, sobre o barebacking, a mídia e a ciência seriam lugares institucionais legitimados socialmente, para administrar as regras e controlar o que deve ser dito.

Dentro dessa rede de relações entre dominador e dominado surgem formas de resistência, mesmo que esta resistência não seja fixa, mas atue em pontos móveis presentes em toda estrutura social, fazendo dos indivíduos sujeitos. A subjetividade - o modo como o sujeito se relaciona com os lugares sociais, ao se inscrever no discurso e ocupar uma posição - se apresentaria como uma forma de resistência às estruturas de poder.

Analisando as discursividades sobre bareback disponíveis na Internet, foi possível perceber que partem de lugares distintos, de modo

que julguei adequado classificá-los em: discursos de acadêmicos, discursos de especialistas; discursos de leigos e discursos de barebackers, não sendo raro encontrar todas as categorias num mesmo documento.

- a) Discursos de acadêmicos: São discursos produzidos por pesquisadores em universidades e centros de pesquisas, em geral, que buscam saber quais os motivos que levam o sujeito a praticar bareback.
- b) Discursos de especialistas: Proferidos por psicólogos, sexólogos, psiquiatras, militantes de ONG.
- c) Discursos de leigos: Por serem produzidos em blogs e sites pessoais, estes discursos têm como principal característica a interação entre os leitores.
- d) Discursos de barebackers: Em geral, as pessoas que os professam são praticantes que buscam justificar a prática e se defenderem dos “ataques” que recebem.

### **4.3 O que se diz? A profusão de discursos**

A partir de uma análise geral dos enunciados presentes nos documentos que compõem o corpus da pesquisa, além da classificação anterior dos sujeitos do discurso, categorizei as temáticas de maior destaque, ou seja, aquelas que emergiram dentro da proposta deste trabalho. Desse modo, destaquei os seguintes temas: Barebacking e pesquisas/discursos acadêmicos e Barebacking e discursos midiáticos.

#### ***4.3.1 Barebacking, pesquisas e discursos acadêmicos***

Embora o foco de minha pesquisa seja o contexto brasileiro, devido a pequena exploração acadêmica do tema no Brasil, decidi incluir neste item também as pesquisas desenvolvidas nos EUA, que foram utilizadas como fontes de consulta tanto nesta dissertação, quanto em pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a prática.

#### **a) Barebacking como tema de pesquisa nos Estados Unidos**

Rafael Madri (1997) pesquisador da ACRIA<sup>27</sup>, EUA, no artigo

---

<sup>27</sup> AIDS Community Research Initiative of America. A ACRIA foi fundada como a Comunidade Iniciativa de Investigação sobre a Sida (CRIA), em Dezembro de 1991 por um

“Harm Reduction for Barebacking?” [“Redução de Danos para barebacking?”] insiste na necessidade de se encontrarem formas de prevenção que abordem a redução de danos, uma vez que fazer com que os sujeitos abandonem práticas e comportamentos com 100% de risco, como o barebacking, por um comportamento que elimine todos os riscos de um momento para outro, é algo irreal.

Éric Rofes (1999), militante gay e professor de educação em Bowdoin College, no Maine, EUA, no artigo “Barebacking and the new AIDS hysteria” [“Barebacking e a nova histeria da AIDS”], diz que os esforços nos trabalhos de prevenção ao HIV/AIDS entre homossexuais são ineficazes porque se mantém fixados em modelos que não levam em consideração as mudanças que se operaram nas homossexualidades nas últimas décadas. As estratégias continuam a confiar num modelo de saúde pública baseado no terror, no pânico e na culpa como ferramentas preliminares e o autor ressalta que tal desafio exige respostas diferentes da saúde pública. Para Rofes, o fato de homens gays relatarem que praticam sexo anal desprotegido, somente poderá ser considerado um problema se for mantido o mesmo pensamento da década de 80, em que se dizia que homens gays bons usavam preservativos em todas as relações sexuais. Em sua concepção, não é porque mais homossexuais estão relatando que fazem sexo desprotegido ou porque alguns gays soropositivos estão mantendo relações sexuais com outros, que isso significará um aumento alarmante na transmissão do vírus.

Como os cientistas sociais são profissionais cientes de que as respostas de uma pessoa em relação aos questionamentos a ela dirigidos estão sempre relacionadas às normas culturais da atualidade o autor acredita que um homem gay responderá aos investigadores o que pensa que se quer ouvir. Rofes (1999) sugere ainda que na década de 80, devido à pressão de ativistas e ONGs, os gays se representavam e respondiam a questionamentos de pesquisas, como praticantes de sexo seguro em 100 % das relações. Atualmente, quando alguns homens falam abertamente sobre sexo inseguro, surgem os debates sobre o barebacking. Sua conclusão é que os gays estão mais conscientes dos baixos níveis de infecção na comunidade homossexual, podendo avaliar os riscos de infecção e o autor pondera também sobre a possibilidade de os gays estarem neste momento falando a verdade sobre a forma como praticam sexo, algo que não ocorria na década de 80.

---

grupo de médicos, ativistas e pessoas vivendo com o VIH, que foram frustradas pela lentidão do governo e da investigação acadêmica sobre a AIDS.

Disponível em: <<http://www.acria.org/index.php?q=about/mission-history>>

Na pesquisa “The process of seeking sex partners online and implications for STD/HIV prevention” [“O processo de busca online por parceiros sexuais e suas implicações para a prevenção de DST/HIV”], Salyers S. Bulls et al (2004), pesquisador do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Colorado, nos EUA, recrutou online 1.776 homens que fazem sexo com homens. Eles foram convidados a preencher online um questionário acerca de um estudo de avaliação do risco; questionário este que abrangia dados demográficos, comportamentos sexuais, risco e atitudes na Internet para procurar parceiros sexuais. Quase todos os homens tinham vivenciado encontros com parceiros que haviam conhecido em salas de bate-papo, porém muitos deles costumavam encontrar parceiros através de perfis publicados em sites específicos, sendo comum, a partir de contatos online, a ocorrência de encontros reais (cerca de 86 % em banheiros públicos, 74% na casa do parceiro e 57% em sua própria casa). Os autores vêem esses resultados como úteis para desenvolver intervenções de prevenção ao HIV/AIDS tanto online, quanto off-line.

No estudo “Barebacking Among Gay and Bisexual Men in New York City: Explanations for the Emergence of Intentional Unsafe Behavior” [“Barebacking entre Gays e Bissexuais Masculinos em Nova York: Explicações para o surgimento de Comportamento Intencional Inseguro”], Perry N. Halkitis et al (2004), do Departamento de Psicologia Aplicada da Universidade de New York, EUA, tiveram como objetivo verificar qual a frequência de envolvimento sexual desprotegido intencional entre homossexuais e bissexuais da cidade de Nova York. A maioria dos entrevistados já estava familiarizada com o termo, sendo que os soropositivos estavam mais tranquilos para relatar que tinham feito sexo desprotegido intencionalmente que os soronegativos e também que é mais comum haver sexo bareback entre soro-concordantes que entre soro-discordantes. Outros dados significativos em relação à propagação da prática bareback foram: a possibilidade de encontrar pessoas com as mesmas orientações nas salas de bate-papo (Internet); a disponibilidade de tratamento do HIV e a fadiga emocional a respeito do HIV.

Alex Carballo-Diegeiz et al (2004) do HIV Center, Universidade de Columbia, EUA, no estudo “Barebacking and the Internet: Ethnography of popular sites used by gay men to meet others for intentionally unprotected anal sex” [“Barebacking e Internet: Etnografia de sites populares utilizados por homens gays para encontros de sexo anal intencional sem proteção”], buscaram compreender as variáveis psicológicas, sociais e contextuais da prática bareback no espaço virtual



e concluíram que, em Nova York, parte significativa dos praticantes utiliza-se de sessões da Internet para agendar encontros, tornando-se a compreensão da cena bareback na Internet um pré-requisito fundamental para o desenvolvimento de atividades de prevenção.

Christian Grov (2006), pesquisador do National Development and Research Institutes (NDRI) <sup>28</sup>, em Nova York, EUA, no trabalho “Barebacking websites: electronic environments for reducing or inducing HIV risk” [“Sites Barebacking: meios eletrônicos para redução ou indução ao risco de HIV”] pesquisou mensagens de saúde em torno dos riscos do sexo desprotegido em sites que hospedam perfis bareback. Na maioria dos sites pesquisados os autores negam a gravidade do HIV e de outras DST, podendo gerar um efeito negativo nas pessoas que frequentam esses espaços virtuais. Para o autor esta análise mostra a necessidade de se desenvolver programas que possam explorar a Internet como instrumento viável de prevenção ao HIV.

Na pesquisa “Intentional Unprotected Anal Intercourse among Sex Who have Sex with Men: Barebacking—from Behavior to Identity” [“Intercurso anal sexual entre Homens que fazem sexo com homens: Comportamento e Identidade Barebacking”], Jeffrey T. Parsons e David S. Bimbi (2006), do Departamento de Psicologia Aplicada, Centro de Saúde, Identidade, Comportamento e Estudos de Prevenção da Universidade de Nova York, E.U.A., realizaram um estudo sobre o que determina uma identidade barebacker numa amostra de 687 homens gays/bissexuais. Os sujeitos relataram o uso frequente de metanfetaminas e *poppers*<sup>29</sup> durante as relações sexuais desprotegidas, sendo que os HIV negativos foram a maioria em relação à compulsividade sexual, ao passo que os HIV positivos trataram a questão de forma romantizada, tendo o álcool e outras drogas

---

<sup>28</sup> Criado em 1967, o NDRI é uma ONG, que possui pesquisadores das ciências sociais. A principal missão do NDRI é fazer avançar o conhecimento científico nas áreas de tóxico-dependência, saúde mental, HIV / SIDA, e outras relacionadas com preocupações sociais e de saúde, a fim de contribuir para a prevenção e solução dos problemas sociais. Disponível em: < <http://www.ndri.org/about/mission.html>>

<sup>29</sup> “Os poppers consistem num líquido amarelo claro vendido em pequenos frascos ou ocasionalmente em pequenas ampolas de vidro que são partidas sobre lenços de modo a que os seus vapores sejam inalados. O vidro quando se parte, faz um ruído um estalido característico, e é daí que provem o seu nome no mercado negro. Devido a esta característica, os poppers tornaram-se a designação de rua do nitrito de amilo, um antigo vasodilatador, ressuscitado dos anos setenta. O nitrito de amilo é utilizado no tratamento da angina e da constrição dos vasos sanguíneos com destino ao coração. Ele dilata os vasos sanguíneos provocando um ímpeto de sangue através do corpo e do cérebro que pode ser vivido como um efeito euforizante. Os efeitos pretendidos são intensos, mas vividos com muita brevidade, pelo que às vezes é usado durante o ato sexual.”. Disponível em: <<http://sobriedade.tripod.com/drogas/id11.html>>

influenciando suas expectativas sexuais. Para os autores, seria fundamental desenvolver programas e campanhas mais eficazes direcionadas a este público, assim como fomentar o debate sobre barebacking na comunidade homossexual.

Rigmor C. Berg (2007) do Departamento de Quinesilogia<sup>30</sup>, da Universidade de Rice Houston, Texas, E.U. A, em “Barebacking among MSM Internet Users” [“Barebacking entre homens que fazem sexo com homens (HSH) usuários da Internet”] explorou o fenômeno entre homens que fazem sexo com homens (HSH) utilizadores da Internet. Os resultados apontam que 40% dos homens desta amostra relataram serem adeptos de sexo bareback. A pesquisadora percebeu também que estes HSH eram mais propensos a usar álcool em contextos sexuais, utilizar a Internet para encontrar parceiros sexuais e também a relatar menor percepção de relações sexuais mais seguras. Para Berg, o barebacking é um neologismo que serve como uma manifestação da natureza sexual de risco mutável entre homossexuais.

## **b) O barebacking como tema de pesquisa no Brasil**

No Brasil a primeira pesquisa desenvolvida sobre este tema data de 2003, “Conversando com a morte: barebacking (sexo intencional sem camisinha), transgressão e os imperativos da saúde pública”<sup>31</sup>, pesquisa

---

30 Quinesilogia se refere ao estudo do movimento. No ensino superior americano, quinesilogia é um nome comum para a faculdade e departamentos universitários especializados que incluem muitas áreas como: biomecânica e desporto, história, filosofia, fisiologia, bioquímica e molecular / celular fisiologia, psicologia e sociologia; comportamento motor; medição; aptidão física e medicina desportiva. Uma abordagem interdisciplinar envolvendo várias destas áreas é freqüentemente utilizada para enfrentar os problemas de importância para a sociedade.

Disponível em: <<http://kinesiology.rice.edu/>>

31 Esta pesquisa resultou na publicação de dois artigos, através dos quais tomei conhecimento e tive acesso à mesma, sendo um produzido pelo orientando e outro produzido pelo orientador, a saber:

DIAS, L. F. M... In: XV Salão de Iniciação Científica e XII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, 2003, Porto Alegre. Anais do XV Salão de Iniciação Científica e XII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, 2003 ULBRO Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE/det.asp?cod=61670&type=P>>

SANTOS, L. H. S.. Educação e pesquisa de práticas sexuais de risco (barebacking sex). In: RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO Jr., Veriano. (Org.). Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. 1 a. ed. Rio de

de Iniciação Científica desenvolvido por Luis Felipe Machado Dias e orientado por Luís Henrique Sacchi dos Santos, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS. A pesquisa teve como objetivo destacar os discursos postos em circulação na mídia com ênfase nas posições dos discursos pautados nas ciências biomédicas e na psicologia; os discursos pautados em um histórico de lutas pelos direitos sexuais e de saúde dos homossexuais; e os discursos dos praticantes pautados no direito de decidir sobre os usos do corpo etc., cujas reflexões finais apontam para os sentidos do barebacking como um problema de saúde pública e um desafio para a educação em saúde.

Também em 2003, durante o Congresso Internacional *Theoria Aesthetica*, promovido pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, São Paulo, apresenta a comunicação “A propósito das barebacking parties: a morte voluntária como possibilidade normal da existência”. O estudo enfoca o barebacking como uma nova conduta sexual de caráter autodestrutivo cuja motivação seria o prazer na iminência do perigo de contração do vírus HIV, e/ou pela necessidade de reintegração de indivíduos soro negativos à comunidade gay, junto ao seu grupo de referência.

Leandro Castro Oltramari, docente do Departamento de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), no artigo “Barebacke: Roleta russa ou ética Sadeana” publicado nos Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), busca relacionar o barebacking, ao que chama de “ética sadeana”, ou seja, a pressupostos já defendidos pelo Marquês de Sade como, por exemplo, a individualização do prazer, que pode inclusive levar à morte. Para este trabalho o autor realizou buscas na Internet sobre o tema, relacionando-a a obra “120 dias de Sodoma”, de Marques de Sade.

“Com-sentidos: reflexões sobre a prática do barebacking” é o título do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais, de José Seronni Neto, defendido em 2006, sob a orientação de Custódia Selma Sena do Amaral, junto ao Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia. Foi apresentado no Simpósio Temático Gênero,

corpo e diversidade sexual (sexualidades), do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, também em 2006. Embora a pesquisa tenha sido desenvolvida numa instituição brasileira, o autor discorre sobre o resultado de uma pesquisa realizada em Barcelona, Espanha, no ano de 2005, tendo como objetivo principal verificar o sentido e significado que homens que praticam bareback imprimem a suas ações e como eles resignificam concepções sobre vida, morte, corpo, prazer, doença e saúde na formação de uma identidade barebacking.

Adriana Nunan do Nascimento Silva, na Tese “Homossexualidade e Discriminação: o Preconceito Sexual Internalizado”, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC - Rio em 2007 produziu um capítulo intitulado “Comportamento sexual de risco: barebacking e bug chasing”<sup>32</sup>. A pesquisa mostra que a disseminação de práticas sexuais de risco tais como o barebacking era de conhecimento da maioria dos entrevistados, que condenavam o comportamento por considerá-lo uma ‘roleta russa’ que disseminava o HIV. Com relação ao bug chasing, alguns sujeitos estavam apenas cientes da existência do fenômeno, enquanto que outros foram capazes de estabelecer diferenças entre ambas as práticas. A autora busca correlacionar a prática do barebacking um grau elevado de preconceito sexual, porém sugere que pesquisas mais específica sejam realizadas.

Mais recente é a tese “Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia em 2008, por Luis Augusto Vasconcelos da Silva. O autor apresentou trabalho no Simpósio Temático Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências barebacking, no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, também em 2008. Com o título “Masculinidades transgressivas: uma discussão a partir das práticas de barebacking” desenvolveu reflexões sobre aspectos da dinâmica homoerótica masculina e suas transformações identitárias a partir de práticas e sentidos do barebacking entre usuários da internet no contexto brasileiro, considerando as novas possibilidades das tecnologias de informação, de trocas de experiências e encontros eróticos, sob a forma de uma cibersexualidade. O autor ressaltou que a

---

<sup>32</sup> Bug chasing são sujeitos HIV negativos que procuram parceiros sexuais soropositivos para relações sexuais sem preservativos com objetivo de soro conversão.

troca de fluidos corporais, principalmente sob a forma de esperma ('porra ou leite'), tem sido uma das marcas dos discursos e práticas do barebacking, onde o sêmen ou esperma aparece como signo importante de intercâmbio e compartilhamento da masculinidade, intensificando o prazer, por ser altamente transgressivo.

### **c) O que nos dizem estas pesquisas acerca da prática bareback?**

Tanto as pesquisas americanas, quanto as pesquisas brasileiras têm como temas comuns: homossexuais como sujeitos de pesquisa, alto risco de infecção pelo HIV, Internet, prevenção. Entretanto existem diferenças significativas no modo como estes temas são significados em cada contexto, a saber:

- a) *Sujeito homossexual*: Nos EUA, as pesquisas vêem o sujeito barebacker como alguém que possui um estilo de vida diferente, inclusive nas práticas sexuais, onde a justificativa para a prática estaria na fadiga do discurso do preservativo e nos tratamentos anti-retrovirais. Nas pesquisas brasileiras o sujeito barebacker é visto como alguém que possui algum tipo de patologia psíquica.
- b) *Alto risco de infecção*: Nos EUA, alguns pesquisadores não concebem o barebacking como responsável pelo aumento de infecção pelo vírus, já que os adeptos em sua maioria são sujeitos soropositivos, ou seja, já infectados. No Brasil a tendência é apontar a prática como um problema de saúde pública.
- c) *Internet*: Tantos nos EUA, como no Brasil é vista como espaço privilegiado para a difusão e disseminação da prática, porém, no contexto americano, sugere-se que seja utilizada também para intervenções de prevenção, ao passo que no Brasil, os pesquisadores a utilizaram apenas como instrumento para busca de documentos (como nesta pesquisa, por exemplo) ou como espaço de interação (chat) para encontrar potenciais sujeitos para realização de entrevistas sobre o tema.
- d) *Prevenção*: Nos EUA algumas equipes de pesquisadores propõem estratégias de prevenção que levem em conta a realidade dos contextos de práticas sexuais de risco, propondo, inclusive, a redução de danos. No Brasil, não se questionam as estratégias de prevenção em vigor até o momento, mesmo que estas estejam se mostrando ineficazes, ou seja, as falhas na

prevenção são apontadas como ‘culpa’ do sujeito e não das estratégias de prevenção.

- e) *Drogas*: Nos EUA, as pesquisas apontam que o uso de drogas aumenta a probabilidade de sexo sem preservativo, no Brasil nenhuma pesquisa foi realizada neste âmbito, sendo sabido que o uso de drogas torna qualquer sujeito, gay ou não, mais vulnerável, e não apenas em relação ao sexo sem preservativos.

Diante do exposto, pode-se perceber que toda esta produção discursiva sobre barebacking no âmbito acadêmico, quer seja no Brasil, quer seja nos EUA, caracteriza-se, em geral, como discurso preventivista<sup>33</sup>, voltada para as questões de saúde pública e centrada nas preocupações com as práticas de prevenção para o controle e a cura das doenças, no caso a infecção pelo HIV.

Segundo Foucault (1997b), a grande novidade do século XVIII nas técnicas de poder foi o surgimento da “população” como um problema econômico e político. Governantes percebem que não devem lidar apenas com sujeitos, mas com uma população “com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias”, tudo convergindo entre a vida pessoal do sujeito e os efeitos particulares das instituições. Entendeu-se que controlar o sexo era de certa forma controlar a natalidade, idade de casamento, filhos legítimos e ilegítimos, frequência das relações, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o celibato, entre outros. Desta forma, através da economia política da população, forma-se toda uma teoria de observação sobre o sexo, de análises de condutas, seus efeitos, no limite entre a biologia e o plano econômico, tornando o sexo objeto de disputa pública entre o Estado e o indivíduo.

Nos últimos séculos a saúde tornou-se cada vez mais um importante eixo articulador entre Estado e população, sendo talvez neste sentido que Foucault tenha traduzido a vida num evento político, uma vez que

[...] Foi a vida, muito mais que o direito, que se tornou objeto de lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito (FOUCAULT, 1997b, p.136).

---

<sup>33</sup> Sergio Arouca (2003) conceitua preventivismo como “o conjunto de noções e técnicas visando o conhecimento e manipulação dos processos sociais e psico-sociais do comportamento humano que dizem respeito à implantação de padrões racionais de saúde”, sendo que alguns autores definem a medicina preventiva “como aquelas atividades relativas à prevenção das doenças e à proteção e promoção da saúde que são de direta responsabilidade do indivíduo” (AROUCA, Sergio, 2003, p. 35).

A biopolítica emerge como uma resposta econômica e política a fenômenos específicos e variáveis próprias da população, como, morbidade, expectativa de vida, estado de saúde, incidência de doenças, condições de habitat, criminalidade, dentre outras. Para Foucault (1997b) a modernidade instalada no final do século XVIII implicou em mudanças da ordem religiosa para a ordem racional, através do conhecimento científico e da regulação da vida em sociedade.

Nota-se atualmente o crescimento da ênfase no desenvolvimento de autodisciplina, de regras e normas para se promover a saúde, compensar deficiências, prolongar a vida. Nesse sentido, a biopolítica enxerga o corpo como espécie, para gerir e dispor sobre a vida e sobre a morte, administrar processos biológicos, assegurar sua regulamentação, via políticas de saúde que visam “intervir nas condições de vida, para modificá-las e impor-lhes normas” (Foucault, 1997a, p. 86).

Assim sendo, torna-se necessário refletir “sobre uma série de estratégias biopolíticas estarem transformando escolhas pessoais em dispositivos morais” (Bagrichevsky, Marcos, 2007, p.01-02), onde estudos epidemiológicos se multiplicam sobre a égide do comportamento de risco que, aliado ao conceito de estilo de vida, “sustenta o não questionamento a tal estado de coisas e intensifica uma quase imperceptível aversão a qualquer forma crítica à norma social vigente”.

As pesquisas acadêmicas apresentadas, pautadas no discurso prevencionista, respaldado pelo conhecimento epidemiológico moderno, cujo objetivo principal é controlar a transmissão de doenças infecciosas, buscam entendimentos sobre o que levaria os sujeitos (apenas os homossexuais) a praticarem bareback, quais as situações que os tornariam mais vulneráveis, além de apresentarem uma tendência a associar a prática a atitudes negativas em relação ao preservativo, homofobia internalizada e uso de drogas.

#### ***4.3.2 Barebacking e discursos midiáticos***

Neste tópico são apresentadas as análises dos temas que emergiram nas revistas, periódicos e weblogs. A saber: a) Barebacking e Homossexualidade; b) Barebacking e normalidade; c) Barebacking, delinquência e penalização; d) Videologs, Barebacking, pornografia: do uso dos prazeres e do cuidado de si ao dispositivo da intimidade; e) Barebacking, barebackers e parrhesia.

## a) Barebacking e Homossexualidade

Para Castiel e Diaz (2004, p. 25), os discursos sobre saúde, especificamente os discursos sobre saúde e risco nunca se referem somente à dimensão da saúde, tornando necessário situá-los historicamente a fim de saber que razões econômicas, políticas e sociais os legitimam, geram, sustentam, replicam a ajustam. Sem nenhuma exceção, em todos os documentos que compõem o corpus desta pesquisa, quer sejam, revistas, jornais ou blogs, os enunciados têm os sujeitos homossexuais como atores principais do barebacking, conforme vemos a seguir:

Enquanto a humanidade luta em várias frentes para deter a AIDS, um grupo cada vez maior de homossexuais rema contra a maré num movimento suicida e alarmante. A onda se chama bareback. Propõe relações sexuais sem o uso de preservativos. A prática, segundo adeptos, chega agora ao Brasil depois de conquistar milhares de gays nos Estados Unidos e na Europa. Celina Cortes, Jornalista, Revista Isto É (ANEXO I).

Há dois anos, o centro de vigilância sanitária da França realizou uma pesquisa e constatou que, entre 5.000 homossexuais de nível superior ou matriculados em universidade, 1.500 tinham feito sexo sem proteção recentemente e, nesse grupo, 1.050 agiram motivados pela excitação da possibilidade de contrair a doença (...). Além das festas de barebacking, registram-se casos de gays que se contaminaram voluntariamente, para ter no relacionamento uma situação equivalente à dos parceiros e para se livrar do uso do preservativo. Leonardo Coutinho, Jornalista, Revista Veja (ANEXO II).

Para não pegar AIDS, o que funciona é camisinha. Essa é uma lição básica ensinada nas escolas, nos anúncios de TV, em quase todo lugar. Quem não gosta de usar preservativo gostaria de descobrir uma forma mágica de proteção. A mais recente aposta é tomar anti-retrovirais antes do sexo na tentativa de impedir a infecção. Esse comportamento vem sendo observado nos Estados



Unidos, principalmente em comunidades e boates gays de São Francisco, na Califórnia. Pessoas saudáveis tomam um comprimido todas as manhãs. Outras acreditam que uma única pílula antes da balada já garante imunidade na hora do sexo. Suzane Frutuoso, Jornalista, Revista Época. (ANEXO III).

Nos últimos anos, tornou-se freqüente, no mundo gay de Nova York e de muitas metrópoles, a prática do "barebacking", transar analmente sem preservativo. Há numerosos sites na internet consagrados aos prazeres do "barebacking" (por exemplo, barebacksex.com). Nos perfis que indicam as preferências sexuais nas salas de bate-papo, é banal que seja indicada uma preferência ou expressada à exigência de que o sexo seja sem proteção. Contardo Caligaris, Psicanalista, Jornal Folha de São Paulo (ANEXO IV).

Procuram-se HIVs'. Impresso em um caderno de classificados dos jornais das grandes metrópoles, o anúncio não passaria despercebido. Do ponto de vista conceitual, HIV é uma sigla que desperta interesse e hostilidade, fascínio e medo, paixão e ódio. Estigmatizada até então como o acrônimo da morte, ela vem ganhando novos contornos etimológicos devido a um grupo de homens que praticam sexo com homens (os HSH), absolutamente crentes na teoria de que o vírus da AIDS, se contraído numa relação sexual, pode trazer benefícios para seu cotidiano, libertando-os, de uma vez por todas, do uso do preservativo, aumentando o prazer, proporcionando uma liberdade só experimentada no auge da revolução sexual, na década de 70. Vagner Fernandes, Jornalista, Jornal do Brasil, 2009 (ANEXO V).

Bareback foi um termo criado pelos cowboys dos Estados Unidos, e significa "montar sem sela". Há competições onde os montadores, seja em boi ou em cavalo, o fazem sem o aparato: direto nos pêlos do animal. Vence a disputa aquele que ficar mais tempo em cima do bicho, direto na pele. No

mundo do sexo, os adeptos desta prática não utilizam o preservativo. O fetiche aqui está relacionado ao sexo direto na carne. Na Europa e Estados Unidos, o bareback está amplamente disseminado no meio gay. Pesquisas e levantamentos de mercado apontam que filmes pornô, hêteros ou gays, nos quais os atores não se protegem, são os mais procurados e vendidos. Marcelo Hailer, Jornalista, Blog A Capa, 2008 (ANEXO VI).

Conforme foi discutido no Capítulo I, sobre o dispositivo da sexualidade e a hipótese repressiva, no final do Século XVII não se podia falar sobre sexo e as regras eram de silêncio e discrição absoluta, entretanto, principalmente a partir do século XVIII, o fenômeno foi inverso, ou seja, o cerceamento das regras de decência gerou uma multiplicação de discursos sobre o sexo. Também no campo do exercício do poder, ocorreu tanto uma “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais”, como uma “obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma de articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado” (Foucault, 1997b, p. 22).

A instituição pedagógica concentrou-se, então, nas formas de discurso sobre o tema, codificando conteúdos, qualificando locutores, fazendo do sexo das crianças e adolescentes um importante foco em torno do qual se dispuseram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas. Médicos orientam diretores de escolas, professores e pais a respeito de educação sexual, intensificando a multiplicação dos discursos, mudando a estratégia familiar na educação sexual das crianças. A confissão, a sexualidade infantil, a polícia sexual, polícia da população, e outros focos foram identificados como fomentadores dos discursos sobre o sexo, tomando forma nas diversas disciplinas

Inicialmente, a medicina, por intermédio das ‘doenças dos nervos’: em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – o lado da ‘extravagância’, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das ‘fraudes contra a procriação’, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes

‘crapulosos’ e antinaturais, (...) assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo, eles irradiam os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele. (FOUCAULT, 1997b, p.32).

Esse discurso racional sobre o sexo vai demonstrar que a verdadeira intenção da repressão sexual não é uma questão de moral, mas sim uma forma de controle e regulação social da população, em função de interesses políticos e econômicos. O sexo tornou-se assunto de Estado e a procriação deixou de ser uma questão familiar para se constituir em uma questão social, tornou-se questão de polícia, não como repressão da desordem e sim como “necessidade de regular o sexo por meio de discursos e não pelo rigor da proibição”, desse modo, a polícia tinha como papel principal a “rotulação” dos que não seguiam o discurso da época: sexo não se julga, administra-se (Foucault, 1997b, p. 22).

A medicina, comprometida com o evolucionismo, com forte ligação a racismo, à moral da assepsia e da conexão entre o patológico e o pecaminoso, passou a produzir as verdades sobre o sexo.

Arvorava-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas da assepsia, o grande mito evolucionista às modernas instituições da saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardadas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais iminentes. E os fundamentava como verdade. (FOUCAULT, 1997b, p.54).

Neste mesmo período ocorreu também uma associação da medicina sexual com a biologia da reprodução, e essa associação do discurso do sexo com o discurso científico biológico deu à medicina sexual maior legitimidade e garantia de longevidade. Entretanto, para Foucault, isso não é o mais importante

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei e de

interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade sobre o sexo tenha se tornado algo essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida: em suma, que o sexo tenha se constituído em objeto de verdade. (FOUCAULT, 1997b, p.56).

Além disso, segundo o autor, foram elaboradas quatro estratégias globais de dominação, constituintes do dispositivo da sexualidade: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do corpo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer "perverso", surgindo uma nova tecnologia sexual que fomentou uma relação entre degenerescência, hereditariedade e perversão (Foucault, 1997b: 100). Logo, o homossexual que antes estava sob o jugo da heresia, passou a ser visto como uma espécie, tornando se

Um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida [...] Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...] É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. (FOUCAULT, 1980, p.43).

Sendo a AIDS uma doença que demanda medidas de saber e poder (requer uma vigilância que envolve toda a sociedade na vida dos sujeitos portadores do vírus HIV e um saber que visa medidas preventivas de aderência às normas como formas para se evitar a propagação da doença), os discursos produzidos sobre ela, ao mesmo tempo buscam alertar sobre a propagação da epidemia, favorecem “formas de se extrair verdade sobre os indivíduos e sua conduta sob a capa da técnica e da qualificação para se falar sobre a doença, controlá-la”, onde o poder “opera separando, filtrando, equacionando, normalizando” (ARAUJO, Inês de Lacerda, 2008, p.172).

Judith Butler considera que “se a homossexualidade é patológica desde o começo, então qualquer doença que os homossexuais podem às vezes contrair será desfavoravelmente associada à doença que eles já são” (Butler, 2008, p. 104). Segundo a autora, embora seja certo que sexo não causa AIDS, existem regimes discursivos e institucionais que ao atuarem como reguladores da sexualidade acabam por puni-la e conduzir bem rapidamente à morte, pois “nas decisões políticas que administram os recursos científicos, tecnológicos e sociais para responder à epidemia (...) as vidas a serem salvas estão insidiosamente diferenciadas das que se deixará morrer” (Butler, 2008, p. 107).

Nesse sentido estas estratégias devem ser concebidas como a própria produção da sexualidade, considerando sexualidade

[...] o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997b, p. 100).

Logo, esses discursos que buscam associar o barebacking à homossexualidade, se encaixam na categoria de pânico moral caracterizado por Richard Miskolci (2008) como

[...] fenômenos coletivos que surgem como evidência de uma preocupação social profunda sobre temas como moralidade sexual, consumo de droga ou outras formas de comportamentos considerados ameaçadores para a sociedade em determinado momento (...) surgem em contextos históricos específicos e se espalham com o apoio da mídia, de órgãos governamentais ou grupos organizados a partir do que consideram ser um perigo contra o qual se deve lutar. Logo, um caso isolado é alçado à condição de ameaça e se torna de interesse público pauta reportagens, livros, relatórios governamentais e ações efetivas para erradicá-la. (MISKOLCI, 2008, p.231-232).

Muito diferente da concepção grega sobre o amor entre homens, a homossexualidade presente nos discursos sobre barebacking, figura a imagem do sujeito homossexual instaurada a partir do século XVIII pelo dispositivo da sexualidade “mantendo-o dentro de um imaginário biopolítico da coletividade sob ameaça” (Miskolci, 2008, p.137), buscando a todo custo a partir de análises de condutas e de biotipos, a sua patologização, categorizando assim, as práticas homossexuais e seus praticantes como anormais.

## b) Barebacking e normalização

No livro *Os anormais* (2001), Foucault apresenta uma reconstrução genealógica do conceito de ‘anormal’, buscando mostrar como os discursos médicos, na ânsia por construir um saber neutro e científico, acabaram por ocupar o lugar dos discursos formulados pela Igreja e pelo direito canônico, caminhando assim para a psiquiatrização do desejo e da sexualidade, em finais do século XIX. Nesse contexto, com a medicina se sobrepondo à esfera jurídica, os corpos passam a ser medidos, observados, numa busca para se descobrir infrações da lei, vícios e desvios sexuais, em que os discursos especialistas (de juízes, médicos, psiquiatras) transformaram as ‘sexualidades periféricas’ em espécies catalogáveis, identificáveis, casos médicos.

Nesta obra, Foucault (2001) discorre sobre as três figuras que irão sedimentar o terreno para os discursos sobre a anormalidade, ou seja, o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. De acordo com Foucault, o “monstro humano” constitui sua existência e sua forma “não apenas como uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza”, combinando o impossível com o proibido (Foucault, 2001, p. 69). O “indivíduo a ser corrigido” é característico dos séculos XVII e XVIII e está presente tanto na família, quanto em suas relações com instituições vizinhas. Ao contrário do monstro que pertence ao domínio da teratologia, o indivíduo a ser corrigido é um fenômeno normal, que demanda a criação de tecnologias para sua reeducação, tornando possível sua vida em sociedade. É a partir desta figura que emerge a criminologia como um domínio disciplinar de saberes sobre o crime. A “criança masturbadora” envolveu a família burguesa na passagem do século XVIII para o XIX, sendo esta família entendida como um dispositivo de poder responsável por velar pela masturbação: “[...] o segredo universal, o segredo compartilhado por todo mundo, mas que ninguém comunica a ninguém” (Foucault, 2001, p. 74). De acordo com o ideário médico burguês vitoriano, qualquer patologia mental, debilidade física ou vício moral poderia ser desencadeado devido à prática da masturbação.

Entretanto, essas três figuras permaneceram delimitadas até Morel (1857) desenvolver, em meados do século XIX, a “teoria de degeneração”. Essa teoria, que é considerada a mãe de todas as teorias eugênicas que se desenvolveram durante o período vitoriano, considera todo tipo de anormalidade como atribuída a uma “fonte orgânica difusa” que perturba constitutivamente as funções mentais e/ou físicas de certos indivíduos e, de modo cada vez mais grave, de seus herdeiros

biológicos.

Foucault não atribuiu aos médicos o principal papel na colocação em prática da medicalização, sendo esta definida primeiramente como uma forma de vigilância dos comportamentos incorretos e patogênicos da criança no seio da família, sendo essa vigilância exercida pelos próprios pais

Foi valorizando a sexualidade da criança, mais exatamente a atividade masturbatória da criança, foi valorizando o corpo da criança em perigo sexual que se deu aos pais a diretriz imperativa de reduzir o grande espaço polimorfo e perigoso da gente da casa, e constituir com seus filhos, com sua progeneritura, uma espécie de corpo único, ligado pela preocupação com a sexualidade infantil, pela preocupação com o auto-erotismo infantil e com a masturbação (FOUCAULT, 2001, p. 315).

Nesse processo, a família passou a atuar como agente de vigilância e controle disciplinar, sendo responsável pelas ações no ambiente familiar, cabendo ao médico o controle exterior, ou seja, em nome da doença esta família é investida

[...] de uma racionalidade que a liga a uma tecnologia, a um poder e um saber médico externos. A nova família, a família substancial, a família afetiva e sexual é ao mesmo tempo uma família medicalizada (FOUCAULT, 2001, p. 317).

Porém, os pais e adultos também são alvos do controle externo exercido sobre a família, já que desejos e comportamentos incestuosos constituem perigos à progeneritura

[...] a sexualidade, ou antes, a sexualização da família a partir do apetite incestuoso e perigoso dos pais ou dos mais velhos, essa sexualização em torno do incesto possível vindo de cima, vindo dos mais velhos, também chama um poder externo. [...] Mas, desta vez, não é em absoluto uma decisão de tipo médico: é de tipo judiciário (FOUCAULT, 2001, p. 345-346).

Neste curso, Foucault também reconstitui o modo pelo qual a psiquiatria adota o princípio do “instinto” como substituto do “delírio”

na identificação da loucura, ao mesmo tempo em que se apóia na “teoria da degeneração” de Morel, para definir etiologicamente o objeto da psiquiatria enquanto tal, produzindo, a partir deste movimento, efeitos de poder na sociedade como um todo, constituindo-se como ciência dos anormais e das condutas anormais.

Podemos perceber em trechos dos textos selecionados para corpus da pesquisa que esta biologização ou medicalização das condutas tidas como anormais, prevalecem até os dias de hoje:

Há dois impulsos operando sobre os neurônios quando alguém tem um estímulo sexual [...] Um empurra o organismo na direção do prazer, da recompensa. O outro mede os prejuízos que podem decorrer dessa atitude. Insetos não têm esse mecanismo e tornam-se presas fáceis para seus predadores durante a cópula. Quando o homem age do mesmo modo, está havendo, portanto, uma falha neurológica. Grifos meus. (M. M. Psiquiatra, Revista Veja ANEXO II).

Isso pode ser considerado um comportamento doentio tanto quanto o da pessoa que só obtém prazer mantendo relações sexuais quase em público, sob o risco de ser descoberta. Os problemas são a dose de adrenalina e as conseqüências [...] estão lidando com a necessidade de sentir medo, mas o que se arrisca a contrair AIDS age como se desse um passo atrás na história da evolução, como um animal que perde um instinto. (L.C. M, psicanalista, Revista Veja ANEXO II).

Vários fatores que originam esse comportamento. Um deles, paradoxalmente, é o medo de contrair o HIV com o seguinte raciocínio: Vou pegar de uma vez e acabar com essa ansiedade. Outras razões são a sensação de isolamento, os problemas emocionais e a falta de informação. É um comportamento suicida, como se fosse um pacto com a morte, [...] Uma das soluções apontadas por ela para evitar que os homossexuais sejam empurrados para esses grupos seria a aprovação da lei de parceria civil entre gays. Muitos querem um relacionamento de papel passado e se frustram. Acabam desequilibrados por não colocar



em prática seu lado afetivo. (MCM, Psicóloga, Sexóloga, Revista Isto É ANEXO I).

A esperança de proteção é o que transforma teorias médicas em práticas de risco, diz o psicólogo R. P., coordenador do Centro de Educação Sexual, uma ONG carioca. Quando surge algo que parece milagroso, os hábitos de prevenção acabam ainda mais renegados, afirma. É uma fantasia, baseada em informações que chegam desconhecidas e sem referências. É a mesma lógica do jovem na faixa dos 20 anos que usa Viagra acreditando que alcançará um desempenho sexual melhor. Uma ilusão cheia de riscos. (R.P., psicólogo, Revista Época ANEXO III).

Tendo como sujeitos da fala profissionais especialistas que representam socialmente os discursos da verdade, os enunciados acima, ao associarem o homossexual praticante de bareback a alguém possuidor de distúrbios neuropsiquiátricos, reeditam visões estigmatizantes sobre a homossexualidade, indo de encontro a discursos sobre a moral e os bons costumes, que se ligam à noção de responsabilidade, consistindo numa “[...] idéia normativa que enseja e sustenta ordenações essenciais à organização dos coletivos humanos”, sendo “[...] conhecida e inevitável a associação de ‘risco’, ‘responsabilidade’ e ‘culpa’, especialmente no que se refere ao descumprimento das obrigações” (Castiel e Diaz, 2004, p.29).

Desse modo, considerando o caráter moralista das sociedades, e sua respectiva preocupação com a responsabilidade e a culpabilização, cujos princípios norteadores determinam como devem comportar-se os corpos humanos, todos aqueles que se insubordinarem, serão considerados desviantes, anormais, “passíveis de serem objetos de discursos moralistas”, irresponsáveis por sua falta de auto cuidado, mesmo antes “de se constituírem em possíveis vítimas de suas próprias atitudes, eventualmente consideradas negligentes em termos de saúde” (Castiel e Diaz, 2004, p.46).

Entretanto, além do dispositivo de sexualidade e da biopolítica, a medicina não é a única instituição a exercer essa vigilância sobre os corpos e os indivíduos: no âmbito do poder disciplinar a justiça penal também se faz presente, pois como veremos posteriormente, há todo um movimento para penalizar práticas como o bareback sex.

### c) Barebacking, delinquência e penalização

Ao investigar o direito penal à luz dos regimes absolutistas europeus e contrastá-lo com os regimes democráticos consolidados na Europa no final do século XVII, Foucault (1997) apresenta duas modalidades de poder: a soberana na qual o exercício do poder se reafirmava pelo viés da punição e pela autoridade judiciária subordinada à figura do rei, “o poder soberano representa um instrumento monárquico de combate ao feudalismo, sendo a guerra substituída pelo litígio judiciário” (Ferreira, 2005, p.50) e a modalidade disciplinar, surgida pós Revolução Francesa e território de legitimação dos poderes das Ciências Humanas, da Medicina e Psiquiatria, através do exame, tendo como ligação ao direito penal a preocupação com a disciplina e a vigilância, onde

A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade. É o poder de individualização que tem o exame como instrumento fundamental. O exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder. (FOUCAULT, 1999, p.107).

No regime do poder soberano, todo delito era considerado uma afronta ao poder do rei, que atuava via decretos, códigos inflexíveis e tinha no suplicio<sup>34</sup> característica central. Sendo uma prática regulada, a punição tinha como objetivo punir o crime, mas também mostrar aos súditos o que ocorreria com aqueles que desafiassem a vontade do soberano, ou seja, o suplicio funcionava como um mecanismo de revitalização do poder.

A partir do século XVIII, começam a proliferar manifestações

---

<sup>34</sup> O suplicio é uma pena corporal, dolorosa e atroz e também uma técnica “que não deve ser equiparada aos extremos de uma raiva sem lei”. Uma vez concluído o inquérito pela autoridade real e constatada a autoria do delito, impunha-se ao réu um suplicio, onde se correlacionava o tipo de ferimento, quantidade, tempo e intensidade, não apenas em relação ao tipo de delito cometido, mas também à pessoa do criminoso e ao nível social da vítima. (FOUCAULT, 1997, p.31).

contra o suplício e aos poucos surge a idéia de se abrandar as punições e de se criar mecanismos que garantissem a diminuição de delitos com punições que tivessem efeitos educativos. Constituiu-se então, no final do século XIX, o que Foucault chamou de sociedade disciplinar, caracterizada pela distribuição dos indivíduos em espaços fechados (hospitais, fábricas, casernas, prisões), controle do tempo através de sistemas de vigilância e por um modo de atuar sobre os corpos, buscando um registro do indivíduo e de sua conduta, a fim de garantir o máximo de utilidade e docilidade.

Desse modo, entre o final do século XVIII e início do século XIX instaurou-se na Europa o que Foucault chamou de poder *panóptico*, derivado do *panopticon* do jurista britânico Jeremy Bentham, prisão modelo, cuja arquitetura foi idealizada para controlar e vigiar a ação de todos os indivíduos que lá estivessem, sem que estes pudessem ver seu observador, já que as celas eram dispostas em torno de um círculo com uma torre elevada ao centro.

Entretanto, para André Queiroz (1999, p.85), não se deve reduzir o panóptico de Bentham a um projeto arquitetônico de prisão do século XVIII, pois segundo este autor, 'o panóptico de Bentham' é a formalização do poder disciplinar, pois a partir deste modelo é que se engendrou o que iria caracterizar o mote da sociedade contemporânea, ou seja, o controle, a vigilância e a correção dos indivíduos. Desse modo, a vigilância representou uma nova modalidade de poder, um poder que não opera através da punição, mas sim

[...] age, sobretudo através do olhar, da vigilância que impõe ininterruptamente, da luminosidade que, voltada para o detento (leia-se prisioneiro, estudante, operário, paciente, soldado), promove a inversão do limiar político de individualização: ao detento, o foco das atenções, a claridade dos espaços, a exposição máxima de si. (...) Olho do poder que faz ver, que tudo avalia, hierarquiza, diferencia, captura, mas que não é visível aos detentos. (QUEIROZ, 1999, p.85).

Este modelo se legitimou e proliferou, perpassando diversas instituições, como hospitais, escolas, fábricas, instaurando uma nova tecnologia de poder, implicando no surgimento de novos saberes (como a criminalística, a medicina social, a nova pedagogia), que passaram a

recobrir todos os domínios da sociedade moderna.

Desse modo, uma das principais características que se operou na passagem da sociedade soberana para a sociedade de controle, a sociedade disciplinar, foi o deslocamento do foco das atenções. No poder soberano, as práticas de poder tinham como objetivos exaltar a potência e reforçar a força pública do rei; nas sociedades disciplinares, o efeito esperado do poder é a produção de corpos dóceis e almas subservientes

Já não importa imprimir na ação a insígnia de seu signatário. O olho que tudo vê parece se descolar do rosto, como se restasse apenas o olho, ou, ainda mais precisamente, o efeito e a função do olhar. Não é perceptível porque não é necessário que se esclareça quem observa. Apenas se sabe que se é observado por um olho que ninguém vê. O que traz já a marca da disciplina: o poder se torna anônimo (...) é anônimo porque se descolou da pessoa do rei e se imiscuiu no corpo da sociedade. É anônimo porque se faz automático, na medida em que produz efeitos constantes, apesar de sua invisibilidade. (QUEIROZ, 1999, p. 86).

Foi através deste tipo de poder considerado repressivo, que se produziram práticas, objetos, instituições e sujeitos, como o operário, o louco, o enfermo, que se produziram sintomas e comportamentos que, por sua vez, produziram verdades e saberes. Muitos discursos que proliferam na Internet, tentam enquadrar praticantes de bareback na categoria de delinquentes, infratores da lei, passíveis de serem condenados à prisão como forma de punição eficaz, aumentando ainda mais a polêmica do sexo sem camisinha, como podemos ver nos enunciados abaixo:

Bareback pode dar cadeia: Jurista diz que artigo 130 do Código Penal pune transmissão do vírus, intencional ou não (...). Isso é crime, e a pessoa que tem a intenção de infectar o próximo pode ser enquadrada no artigo 130 do Código Penal. Se condenada, poderá cumprir pena de um a quatro anos de reclusão. Se não houver intenção, a pena será de três meses a um ano (...) as duas hipóteses representam ação dolosa. Se o praticante do bareback soropositivo mantém relação sexual sem preservativo está cometendo o crime de perigo de

contágio venéreo. Os artigos 131 e 132 do Código Penal também punem a prática. (Jornal do Brasil, ANEXO VII).

A prática do Barebacking não é considerada crime. Porém, segundo o artigo 131 do Código Penal: o perigo de contágio de moléstia grave, como AIDS e sífilis o são. Segundo o jurista e advogado criminal, José Carlos Tórtima, portador do vírus HIV que mantém relações sexuais sem proteção, ainda que o parceiro saiba, pode ser condenado a até quatro anos de prisão. Ele afirma que não há casos de processos conhecidos no Brasil e que é uma pena difícil de aplicar, mas não impossível. (Blog Overmundo, ANEXO VIII).

Réu é condenado por passar AIDS para a namorada: O Conselho de Sentença do 2º Tribunal do Júri de São Paulo condenou José Luís Corrêa de Moura a oito anos de reclusão, em regime integralmente fechado, por tentativa de homicídio qualificado feito por meio insidioso. O julgamento foi presidido pelo juiz Tércio Pires. O réu -- que era portador do vírus da AIDS -- repetidas vezes, durante o período de dois anos, manteve relação sexual com Marta Margarete Joffre, contaminando-a com a doença. Os jurados entenderam que ele assumiu o risco de causar a morte de Marta, agindo de “animus necandi” eventual. A vítima ainda não morreu. Na denúncia, o promotor de Justiça Sérgio de Assis argumenta que o acusado tinha relacionamento amoroso com a vítima e que, sabendo ser portador do vírus, manteve várias vezes relações sexuais com ela sem a devida proteção e deixando de informá-la da doença. Insatisfeito com a decisão do 2º Tribunal do Júri o réu, representado pelo advogado Luiz Carlos Magalhães, recorreu da sentença ao Tribunal de Justiça. (Consultor Jurídico, ANEXO IX).

Estes enunciados trazem pontos interessantes para análise. Primeiramente nos mostram que não existe um consenso na possibilidade ou não da condenação do praticante de bareback e na

criminalização da prática: um jurista considera barebacking como crime; outro considera o barebacking crime, mas vê dificuldades na condenação do praticante, por último, um deles apresenta o relato de uma condenação. Entretanto, esta condenação não diz respeito ao barebacking, que eu considero como uma prática consensual, cujo risco de infecção é tido um dos motivadores da prática. Diz respeito a um homem conhecedor de seu status sorológico, que não comunicou à sua parceira sua condição e com ela manteve sexo sem preservativo. De acordo com a lei é considerada crime a transmissão de moléstia grave apenas quando há intenção de infectar o outro, e neste caso, a lei poderá ser aplicada. Ainda sobre esta condenação é importante ressaltar que o condenado não é um indivíduo homossexual, não correspondendo à tendência da mídia em atribuir a prática de 'sexo inseguro' apenas a sujeitos homossexuais.

Os enunciados mostram também não existir uma conceituação sobre o que configura o barebacking, apontando possibilidades de se denominar qualquer prática sexual sem preservativos como barebacking, independente do estatuto da relação entre os sujeitos envolvidos.

Outro destaque em relação à criminalização da transmissão do vírus HIV, diz respeito às formas de transmissão. Desse modo emergem na Europa, correntes de pensamentos que buscam determinar como estas questões devem ser geridas.

Sobre as de formas transmissão, segundo a ONG inglesa AVERT<sup>35</sup>, este enquadramento deve basear-se em categorias gerais, que designam a prática como: intencional ou deliberada, envolvendo pessoas que utilizam agulhas e outros instrumentos para intencionalmente infectar outras pessoas com o HIV; imprudente, isto é, onde o HIV é transmitido através de um ato negligente e não deliberado, (por exemplo, uma pessoa que sabe que tem HIV e faz sexo sem camisinha com uma pessoa negativa, mas não informa sua condição sorológica); acidental, onde uma pessoa transmite o HIV acidentalmente, (ou porque não se sabia soropositiva ou porque mesmo consciente de seu status sorológico, utilizou a camisinha, mas esta falhou de algum modo).

Dentre estas correntes encontram-se as que defendem a não criminalização de todas as formas de infecção, as que defendem a criminalização de todas as formas de infecção, a as que apóiam a criminalização apenas de transmissões intencionais.

Para as correntes contra a condenação esses argumentos não se sustentam, pois acreditam que a lei tem pouco efeito sobre o

---

<sup>35</sup>Disponível em: <<http://www.avert.org/criminal-transmission.htm>>

comportamento sexual da população, argumentam também que:

- A criminalização da transmissão permitirá que a lei possa ser usada como uma forma de vingança.
- Criminalizar pessoas soropositivas não abordaria as complexidades envolvidas na divulgação dos casos e aumentaria o estigma, particularmente quando as pessoas HIV positivas fossem levadas a julgamentos e demonizadas pela imprensa;
- Possuir o HIV não é uma sentença de morte, pois com as modernas drogas as pessoas soropositivas sobrevivem saudáveis por muitos anos;
- A prisão não faz nada para ajudar as pessoas a tomarem uma atitude em relação a sexo seguro, e a partilha de agulhas para injetar drogas e alta incidência de estupro e sexo entre homens nas prisões também significa que a transmissão pelo HIV ainda é perfeitamente possível, mesmo atrás das grades.

Acredito que este debate mostra a complexidade e as polêmicas que ainda estão por vir em relação a este tema. No Brasil, como vimos anteriormente, embora tenha ocorrido uma condenação pela transmissão do vírus HIV, que teve ampla divulgação na mídia, não existe nenhuma lei específica sobre a questão, sendo utilizada com frequência a referência ao Artigo 131 do Código Penal, que segundo Leonardo Alquimino de Carvalho e Luciana Jordão da Motta Armiliato Carvalho (2005), estabelece de forma mais abrangente uma possibilidade de tipificação de comportamentos como o barebacking, pois

[...] apresenta a idéia prática de um ato capaz de produzir contágio de moléstia grave. O ato não se resume ao de natureza sexual: logo, o artigo permite outras modalidades de transmissão de doença acrescida das relações sexuais e de atos libidinosas. Neste tipo penal, o desejo de transmitir moléstia grave deve estar presente. (CARVALHO, L.A, CARVALHO, L.J.M. A, 2005, p.86).

Apesar da infecção pelo HIV ainda não ter cura, a ligação entre contaminação pelo vírus e morte não são mais diretas. Porém, segundo os autores acima citados (2005), embora práticas como o bareback “atentem contra a integridade física ou a vida sua ou de outrem” e “uma leitura ampliada do direito penal pode resultar em punição para os

envolvidos”, um dos questionamentos que deve ser feito é se este comportamento deve ou não ser considerado integrado ao conjunto de liberdades individuais, sendo os autores enfáticos ao dizer que

”a persecução penal do Estado não pode se fundar em critérios morais e hipócritas (...). A transmissão do vírus HIV entre pessoas maiores, capazes e conscientes, que buscam essa finalidade como uma forma de inserção social, não pode ser questionada pelo Estado e o consentimento do ofendido neste caso deve ser admitido como forma de exclusão da antijuricidade da conduta. (CARVALHO, L.A, CARVALHO, L.J.M. A, 2005, p.90-91).

Assim sendo, a disciplina consiste na articulação do poder-saber, abarcando produções discursivas e não discursivas, materializando-se em noções e conceitos que configuram controle social, como a fiscalização, os exames, as comparações à norma, ficando evidente que o poder disciplinar faz funcionar relações de saber poder que produzem a verdade do sujeito sujeitado através de práticas disciplinares, onde a prisão serve “tanto como última tentativa falha de ressocializar como para demarcar um grupo de exclusão, frágil, controlado e moldado, ao qual se deu o nome de delinqüente” (Domith, 2005, p. 110).

Nesse sentido, a descrição e categorização de fenômenos considerados como comportamentos de risco não servem apenas para que a população amplie seu conhecimento e conseqüentemente sua capacidade de prevenção, possuem também um caráter de discurso da verdade que irá dividir o mundo entre os especialistas que sabem e os leigos que não sabem (Moraes, 2002).

Entretanto, ainda que os valores tradicionais de uma cultura tenham impacto sobre o cotidiano das pessoas, as normas e as leis possuem um impacto bem maior ao definirem situações especiais referentes tanto ao espaço público quanto ao espaço privado, pois a suposição de que se baseiam em conhecimentos superiores e objetivos lhes garantem a legitimidade que torna possível a definição de situações como melhores ou piores inaceitáveis e até ilegais. Este é o caso do barebacking e de outras práticas sexuais (pedofilia, zoofilia, necrofilia) que, antes consideradas blasfemas e imorais, passaram a ser vistas como crimes ou doenças.



## **d) Videologs, barebacking e pornografia: do uso dos prazeres e do cuidado de si ao dispositivo da intimidade**

### **O uso dos prazeres e o cuidado de si**

Na obra *O uso dos prazeres*, Michel Foucault (2007 a) distingue quatro pontos em que a moral sexual pagã clássica e cristã se diverge. Seriam eles: cuidados e esquemas para manter a saúde; o ideal de amor, casamento, família e papéis das mulheres; homossexualidade masculina; abstinência sexual e finalidade última do amor e do sexo. Foucault classifica esses pontos em categorias que são desenvolvidas ao longo desta obra: a dietética, a econômica, a erótica, o amor verdadeiro.

Para Foucault, na Grécia clássica a moralidade era centrada na dinâmica interna do indivíduo em sua relação consigo e com a sociedade. Entre os gregos não se encontravam definições para o que nós chamamos de sexualidade. Existiam diferentes categorias morais que englobariam o campo do que hoje concebemos como sexualidade: a noção de *aphrodisia*, a utilização de *chresis*, a noção de *enkratéia*, a noção de *sophrosyne*. *Aphrodisia* dizia respeito ao reconhecimento do comportamento sexual, prazer e desejo como substância ética reflexiva sobre a moral sexual, em que formas particulares de desejo eram consideradas como intemperanças no prazer e não efeitos de uma natureza anormal (Foucault, 2007a, p. 43). O uso de *chresis* referia-se à utilização que o sujeito fazia dos prazeres, ou seja, a importância que se atribuía à atividade sexual, onde se apreendia que tipo de sujeição a prática do prazer deveria submeter-se para ser valorizada (como a temperança), isto é, saber aguardar o momento oportuno para o uso dos prazeres (Foucault, 2007a, p.51). *Enkrateia* seria o autocontrole, o poder e a atitude diante de si para se constituir enquanto sujeito moral e se manifestaria a partir do bom uso de *aphrodisia* (Foucault, 2007a, p. 60); *Sophrosune*, era caracterizada como a liberdade, seria a sabedoria e o conhecimento do sujeito moral, que tornaria possível as práticas de *aphrodisia*, de *chresis*, e *enkrateia* em suas plenas realizações (Foucault, 2007a, p. 73).

Sobre o uso dos prazeres em relação aos rapazes, os gregos escolhiam livremente entre ambos os sexos, sem que isso desvalorizasse o indivíduo, pois do ponto de vista moral o mais importante era a temperança que deveria ter um homem senhor de si, de modo que amar os rapazes era uma prática livre, permitida por lei e admitida pela opinião pública (salvo em algumas circunstâncias, envolvendo a diferença de idades entre os homens e a passividade após determinada

idade). Ou seja, na sociedade grega as práticas sexuais entre homens<sup>36</sup> tinham funções pedagógicas, nas quais o mais velho era o mestre do mais jovem.

Sem uma instituição que a estabelecesse, a relação sexual entre homens era tida como uma relação aberta que se configurava também em amor e amizade, regulada pela conduta da própria relação, embora do ponto de vista da conduta do rapaz, existissem códigos que determinavam o que era honroso e o que era vergonhoso. Mas quais atitudes poderiam desonrar um rapaz? Foucault responde:

[...] não convinha (sobretudo aos olhos da opinião) que o rapaz se conduzisse passivamente, aquele que se deixasse levar e dominar, que cedesse sem combate, que se tornasse o parceiro complacente das volúpias do outro, que ele satisfizesse seus caprichos, e que oferecesse seu corpo a quem quisesse, e da maneira pela qual quisesse por lassidão, por gosto pela volúpia ou por interesse. “É nisto que consiste a desonra dos rapazes que aceitam o primeiro que chega que se exhibe sem escrúpulos, que passam de mão em mão, e que concedem tudo ao que mais oferece”. (FOUCAULT, 2007a, p.187).

Essa referência diz respeito ao conceito socrático do cuidado consigo que, juntamente com a temperança, irá constituir na moral grega elementos delicados e difíceis para o jovem no momento de transição entre infância e fase viril, pois a honra depende do uso que se faz do corpo e determina a reputação do indivíduo, assim como o seu papel no futuro.

Desse modo, a ética sexual grega era direcionada ao homem livre, jovem ou maduro, refletindo um jogo político que determinava as diferenças entre este homem livre e os demais (como a mulher, o escravo, a criança), e as condições para este comandar a polis, onde o dominar a si mesmo e aos seus prazeres era fundamental, pois só os que cuidam de si e não são escravos dos seus desejos e paixões, podem comandar os outros

O que na ordem da conduta sexual parece, assim, constituir para os gregos, objeto da sua reflexão

---

36 Foucault considerava pouco adequada a noção de homossexualidade para denominar as práticas sexuais entre homens na sociedade grega, uma vez que os tipos de experiências e suas formas de valorização pertenceram a um sistema muito diferente do nosso (FOUCAULT, 2007a, p.167).

moral não é, portanto, exatamente o próprio ato (visto sob suas diferentes modalidades), nem o desejo (considerado segundo sua origem e direção), nem mesmo o prazer (avaliado segundo os objetos ou práticas que podem provocá-lo); é sobretudo a dinâmica que une os três de maneira circular (o desejo que eleva o ato, o ato que é ligado ao prazer, e o prazer que suscita o desejo). A questão ética colocada não é: quais desejos, quais atos, quais prazeres? Mas: com que força se é levado pelos ‘prazeres e pelo desejo’? A ontologia a que se refere esta ética do comportamento sexual não é, pelo menos em sua forma geral, uma ontologia da falta e do desejo; não é a de uma natureza fixando a norma dos atos; mas sim de uma força que liga entre si atos, prazeres e desejos. É essa relação dinâmica que constituiu o que se poderia chamar o grão da experiência ética dos aphrodisia. (FOUCAULT, 2007a, p.42).

O regime grego de saúde era associado à medicina e a toda uma maneira de se constituir enquanto sujeito que tem cuidado com o próprio corpo. Esta prática de si era estendida ao sono, aos exercícios, à alimentação, à bebida, às relações sexuais, condutas estas justificadas pelo jogo da vida e da morte, onde os prazeres deveriam ser comedidos, com idade adequada, época do ano mais conveniente, evitando-se o dispêndio de energia.

Segundo Foucault, a liberdade, ou seja, o poder que caracteriza o homem temperante, não pode ser concebido sem uma relação com a verdade, sendo impossível para os gregos a prática da temperança sem uma forma de saber, pois

[...] não se pode praticar a temperança sem uma forma de saber que constitui pelo menos uma de suas condições essenciais. Não se pode constituir-se enquanto um sujeito moral no uso dos prazeres sem constituir-se ao mesmo tempo como sujeito de conhecimento. (FOUCAULT, 2007a, p.80).

Logo, a temperança é o princípio que deverá governar o homem, habilitando-o a um exercício de domínio sobre si, que lhe permitirá no futuro o poder sobre os outros e deve ser entendida como uma virtude daquele que tem que exercer o domínio sobre os outros, a virtude de

elaboração de si enquanto um sujeito moral que instaura em si e para consigo uma estrutura viril, onde o domínio de si é o caráter viril da temperança e a liberdade, sua virtude. A temperança é a grande verdade prescrita pelos filósofos, o homem livre é aquele que não está à disposição e nem é subjugado pelos prazeres.

Nos primeiros séculos da era cristã, segundo Foucault (2007 b), o que se questionava, não era o ato sexual e sim as circunstâncias que o cercavam, ou seja, não existiam códigos qualificando o ato sexual. Importava mais a posição social do parceiro e os locais onde se davam as práticas, a elaboração de uma estética da existência onde a estrutura jurídica da relação era mais importante que a descrição dos atos em normais ou contra a natureza, proibidos ou maus.

Cada um é juiz de suas ações, importa o sujeito com seus atos, é na relação para consigo mesmo que se deve ser rigoroso e austero. Entretanto, para Foucault, esta tendência ao individualismo, valorização de aspectos privados da existência, austeridade moral, relacionava-se a algo mais amplo e mais abrangente do que uma filosofia ou moral, relacionava-se ao que ele chamou de cultura de si.

O casamento era objeto de uma legislação rígida, representava a melhor combinação entre utilidade e afetividade, um lugar privilegiado para relações sexuais prazerosas, sendo o adultério condenado. A fidelidade era considerada adequada ao papel social do casamento, entretanto, não era vista como uma prescrição e sim como opção do homem virtuoso, pois ao ocupar-se e preocupar-se consigo mesmo, o marido valorizava a esposa, ou seja, existia uma cultura de si onde o outro, no caso, a esposa, era valorizada por excelência.

A questão sexual aparece nesta cultura a partir da atenção médica ao corpo, mas não havia proibições como uma condição para a vida moral. Entretanto, devia-se evitar o dispêndio do princípio vital através das relações sexuais, demandando uma regulação para o regime dos prazeres, com a utilização de bebidas, comidas e exercícios adequados e saudáveis. O corpo não deve exceder sua capacidade e a alma deve conduzir o desejo para o que é de melhor ao corpo e não deixar-se levar por representações que potencializam o desejo e levam o corpo ao adocimento.

Para que a prática sexual não fosse motivo de perturbação da relação de si para consigo, o autocontrole, a temperança e o casamento eram a garantia para ser sujeito moral de suas ações e também para que o corpo não sofresse danos advindos da atividade sexual desregrada.

## Videologs, barebacking e pornografia

Nos últimos anos temos acompanhado uma explosão de criação e aperfeiçoamento de equipamentos digitais de informação que, aliados à internet, têm provocado não apenas uma revolução informacional, mas também uma revolução no modo de configuração das relações sociais e pessoais, com implicações significativas no modo de se viver e se pensar o público e o privado. Christine Hine (1988) vê a Internet como um contexto social e como um artefato cultural, e propõe investigar não somente como as pessoas utilizam a Internet, mas também as práticas que tornam os usos da Internet significativos.

Esta combinação entre Internet e revolução da tecnologia digital, produz aparelhos cada vez mais multifuncionais (telefones, filmadoras, câmeras digitais), com recursos que permitem armazenamento de grandes quantidades de arquivos em seus *gigabytes*<sup>37</sup>. Desse modo, além da infinidade de criação e veiculação de produtos imagéticos, esta combinação “possibilita uma inédita democratização no campo da produção e do compartilhamento de imagens” (Cardoso, 2009, p. 156).

Deste modo, através de sites de relacionamentos como Orkut, Face Book, de weblogs dos mais diversos, de sites de compartilhamento de vídeos como o You Tube, Porno Tube, imagens fotográficas e cenas amadoras podem ser compartilhadas por milhões de pessoas em todo mundo, poucos segundos após terem sido capturadas, bastando para isso que o sujeito tenha na mão um aparelho de celular e acesso a Internet.

No Brasil, de acordo com dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) existem aproximadamente 160 milhões<sup>38</sup> de aparelhos celulares em uso, sendo o país o sexto maior mercado do mundo em telefonia celular. Quanto à Internet, segundo o Ibope, dados de março de 2009 mostram que existem 62,3 milhões de

---

<sup>37</sup> Gigabytes são unidades de medidas como Kilômetro, Litro, Grama. O giga é usado para se medir a memória de um aparelho, sendo que memória é toda a informação que se tem em um aparelho, o byte é a unidade primária de medida de um aparelho de memória. Desse modo, tem-se: Kb= Kilobyte, vale 1024 bytes, vem do grego “khiloi” e significa 1000; Mb= Megabyte, vale 1024 kilobyte, vem do grego “mega” e significa “grande”; Gb= Gigabyte, vale 1024 megabyte, vem do latim “gigas” e significa “gigante”. Para efeito de comparação, um cd possui capacidade para armazenar 0,7 gigabytes. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Byte>>

<sup>38</sup> Dados de junho de 2009 referentes à quantidade de acessos, incluindo planos de serviços pré e pós-pagos, em todo o Brasil. Disponível em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/verificaDocumentos/documento.asp?numeroPublicacao=230031&assuntoPublicacao=Total%20de%20Acessos%20Móveis%20Pré-pago%20e%20Pós-pago%20Por%20UF%20&caminhoRel=Cidadao-Telefonia%20Móvel-dados%20do%20SMP&filtro=1&documentoPath=230031.pdf>>

brasileiros com acesso à internet em todos os ambientes, incluindo, além de residências, o local de trabalho, os pontos públicos pagos e os gratuitos, como lan houses, escolas, bibliotecas, tele centros<sup>39</sup>.

Informação da Wikipédia<sup>40</sup> diz que o termo weblog surgiu em 1997, nos Estados Unidos quando Jorn Barger<sup>41</sup> utilizou a palavra para designar seu site, uma *home page* pessoal caracterizado por uma coleção de comentários com links para outras páginas da internet, que terminava com uma seção na qual o autor mantinha um diário. O termo *blog* foi cunhado posteriormente por Peter Merrholz, fundador da Adaptive Path's, uma empresa de inovação e pesquisas no campo da Internet.

As grandes vantagens apresentadas pelos blogs estão relacionadas à sua fácil utilização, não sendo necessário ter grande conhecimento técnico; sua linguagem simples e a velocidade com que os textos, ao serem criados, podem ser postados e atualizados. Segundo Guilherme de Queiroz Mattoso (2003) os blogs podem ser classificados em duas categorias: a de entretenimento, que possui características de diários pessoais e a de informação, caracterizado por elementos jornalísticos. Além disso, segundo o autor, o terminologia blog possui quatro acepções fortemente vinculadas entre si: coleção de links com comentários, diários on line, home page pessoal na internet e página na internet disposta em ordem cronológica.

Segundo Oliveira (2004), quando surgiram, os blogs foram muito utilizados pelos adolescentes como 'ciberdiários', como também são conhecidos, constituindo-se numa

[...] ferramenta digital que propicia um espaço na Internet para que seus usuários a utilizem como

---

<sup>39</sup> Internet para as massas. Artigo publicado pelo IBOPE Mídia no jornal Meio & Mensagem, na edição de 22 de junho de 2009. Disponível em:

<<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=cald&comp=Noticias&docid=8411DFBF6DFF8E02832575EB004ED394>>

<sup>40</sup> Wikipédia é uma enciclopédia multilíngüe online livre, colaborativa, ou seja, escrita internacionalmente por várias pessoas comuns de diversas regiões do mundo, todas elas voluntárias. Por ser livre, entende-se que qualquer artigo dessa obra pode ser transcrito, modificado e ampliado, desde que preservados os direitos de cópia e modificações. Esta possibilidade de modificação tem gerado certa desconfiança de professores universitários em relação sua utilização em trabalhos acadêmicos. A revista Nature, publicou o resultado de um estudo, em que se comparou e analisou o conteúdo de várias categorias contidas na Wikipédia e na tradicional Enciclopédia Britânica. Concluiu-se que a maior diferença entre as duas é a forma como são redigidas, além do valor que se paga para obter informações da Enciclopédia Britânica. A pesquisa definiu a Wikipédia como tão confiável quanto a Enciclopédia Britânica. In: VIEIRA, Marli Vick; CRISTOFOLETTI, Rogério. Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar. Itajaí: Univali, 2008

<sup>41</sup> Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Jorn\\_Barger](http://en.wikipedia.org/wiki/Jorn_Barger)>

uma forma de expressão aberta, de temática livre e de atualização freqüente. Tornaram-se um espaço garantido de expressão pública (...) um campo de interdiscursividades e de intertextualidades em todos os sentidos (OLIVEIRA, 2004, p.201-202).

Entretanto, Mattoso (2003) considera que os blogs irão ter tanto destaque que a visão como ciberdiários ou confidências abertas tendem a se tornar estigmatizadas, pois este rótulo virá abaixo quando se perceber que “pode ir muito além dos desfiles de egos, criando arte, literatura, humor, jornalismo... a lista é infundável e as opções só dependem da criatividade e qualidade que cada um pode exprimir e canalizar para a tela do computador” (Mattoso, 2003, p.27).

Como já foi citado, um dos locais onde a prática do bareback tem encontrado maior respaldo e repercussão é a Internet, que propiciou e propicia a esta e outras práticas ‘marginais’ uma visibilidade inimaginável até pouco tempo atrás, visibilidade esta propiciada tanto pelos ‘novos’ aparelhos de tecnologias de informação, quanto pelas ordens discursivas estabelecidas.

Daniel Ruoso (2006) diz que o ciberespaço, por se constituir num espaço de sociabilidade, gera modos de relações sociais com códigos e estruturas peculiares, mas não necessariamente inéditas, ou seja, as condições do tempo e do espaço virtual seriam adaptações de formas conhecidas de temporalidades e espacialidades.

Maria Regina Momesso de Oliveira (2004) e Ieda Tucheran (2007) consideram que os blogs funcionam como uma técnica de si, na qual, por meio da escrita, é possível o sujeito encontrar seus pares e compreender o que são, já que os discursos produzidos subjetivamente trazem à tona conteúdos que nem sempre são abordados no dia a dia, constituindo-se assim em jogos da verdade (Foucault, 1992).

Minha intenção não é associar barebacking e internet, mas sim sinalizar como se constituíram alguns enunciados sobre barebacking em comentários postados pelos internautas, já que o assunto tem despertado interesse e sido objeto de postagens em inúmeros blogs. Para tanto, não fiz a correção gramatical dos comentários, pois esta ação descaracterizaria o veículo que tem na linguagem informal uma de suas marcas, podendo-se ainda dizer que estes erros podem também ser resultados das situações vivenciadas pelo sujeito no momento da escrita.

Assim sendo, os posts que compõem o corpus desta análise foram

extraídos do blog “*morenos1972*”<sup>42</sup>, e se referem a um *videolog* caseiro com cenas bareback. A escolha de um *videolog* se justifica por três motivos, a saber:

- a) Geralmente, sites e weblogs possuem ferramentas que facilitam as buscas dos internautas, sendo a maioria penal o único pré-requisito para se efetuar o registro, ter perfil publicado, acesso ao conteúdo. Uma vez cadastrado, o internauta é livre para consumir aquilo que lhe interessa, podendo fazer *download* ou vê-lo *on-line*, com ausência de qualquer tipo de constrangimento.
- b) O *videolog* é uma evolução do weblog e nesse sentido, os filmes passam a substituir e/ou complementar a produção de textos que gerarão discussão entre os internautas. No *videolog*, as letras são normalmente substituídas por imagens; os blogueiros do “*morenos1972*” não postam textos sobre barebacking, eles praticam bareback, disponibilizam o ato aos internautas e aguardam as repercussões.
- c) Apesar da grande quantidade de weblogs sobre o tema barebacking, no contexto brasileiro não foi encontrado nenhum cujo blogueiro se assumisse como barebacker. Isso implica em dizer que os weblogs apenas reproduzem matérias já divulgadas por outros veículos de comunicação, indo de encontro ao que foi dito por Foucault, ou seja, que onde existe multiplicação de discursos pode haver presença menor de novos enunciados.

Sobre a relação entre Internet, barebacking e pornografia, a Internet representa hoje um dos maiores e mais abrangentes campos para produção, divulgação e comercialização de pornografia. Para imagens amadoras, a importância da Internet é ainda mais significativa, uma vez que *videologs* especializados em pornografia disponibilizam, gratuitamente, filmes e imagens, produzidos e postados pelos internautas.

Alain Giami (1998) num artigo sobre AIDS e pornografia diz que é comum o tema da AIDS aparecer em textos escritos, entretanto,

---

<sup>42</sup> Com 125 membros cadastrados, os blogueiros do “*morenos1972*” se apresentam ao público como “DOIS ATIVOS QUERENDO CARAS DELICIOSOS PARA FUDERMOS! SEMPRE COM FOTOS/FILMES SEM APARECER ROSTO”. Este blog foi escolhido, por ser o mais visitado pelos internautas, de acordo com o site de relacionamentos ‘DISPONIVEL.COM’. Disponível em: <[www.morenos1972.blogspot.com.br](http://www.morenos1972.blogspot.com.br)>



quando se tratam de filmes, raramente o preservativo é usado de maneira visível, resultando numa contradição que ele chama de “ficção da AIDS na prevenção”. Para o autor esta contradição existe porque ao se considerar “o pornô como uma representação da sexualidade que coloca fantasmas em cena” cujas imagens objetivam alimentar esses fantasmas; é legítimo querer escapar da AIDS. Por outro lado ao se considerar a pornografia como um reflexo da realidade das práticas sociais contemporâneas, deve-se olhar de modo diferente, pois

[...] o pornô reivindica o status de ‘realidade’ mais do que a ficção. No pornô não se simula nada. O sucesso dos filmes ‘amadores’ está aí para confirmar que os produtores buscam oferecer a verdade aos consumidores, antes verdadeira, que natural, ‘desempenhada’ por não atores e, até mesmo, filmada por cineastas. (GIAMI, 1998, p.167).

Retomando Foucault, o modo do indivíduo se constituir como sujeito moral dependia desta relação consigo, pois o sujeito livre podia e devia ocupar-se consigo transformar-se, voltar-se para si, submeter-se a privações, meditar, anotar seus pensamentos. Chamada por Foucault de escrita etho-poiética (2001a), essa escrita de si era, também, uma forma de constituição do eu, ou seja, o eu nasceria a partir da escrita e do que se diz. Estas formas de escrita de si estariam representadas pelas *correspondências* e pelo *hupomnêmatas*. As correspondências seriam cartas endereçadas a um mestre, eram escritas para outro, já os hupomnêmatas seriam cadernos pessoais contendo citações, fragmentos de obras, exemplos morais, pequenos pensamentos e reflexões, cuja escrita constituía o si através da apropriação (Foucault, 2004). A prática de si levaria à obtenção de condutas sábias, tornando o sujeito apto a conhecer, aceitar ou rejeitar representações, num exercício de liberdade.

Pode-se dizer que alguns blogs possuem características das duas formas de escrita etho-poiética, pois articulam elementos da escrita para o outro e da escrita para si. Serve para que os sujeitos possam colocar seus sentimentos à mostra, tornando possível assumir-se num mundo virtual.

Seguem abaixo, alguns enunciados postados pelos internautas após assistirem um vídeo caseiro intitulado “*O que Roberto fará com o moreninho que está tomando banho?*”

Não sou a favor do bareback, mas existe uma frase que diz: 'Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é'

Ninguém aqui eh menino pra dizer que nao sabe que sexo sem camisinha é porta aberta pra AIDS. Acho que todos aqui sabem como se pega HIV. Se fazem sem camisinha eh pq s abem o risco que correm!!!. (sic). João Paulo (ANEXO X).

Em relação à correspondência, não é possível considerar o blog como uma carta endereçada a um mestre, como no regime gregoriano, mas sim, uma 'carta diário', ou melhor, um 'vídeo diário' sobre si, aberto, sem a figura do mestre, mas sujeito ao julgamento de muitos, pois existe a livre expressão, que proporciona o retorno de opiniões e de comentários, tanto daquele que fazia o papel de mestre quanto daquele que julgaria as ações como sacerdote

Nao sou barebacker.. Mas vamos deixar a hipocrisia d elado ..l quem aqui nunca transou l evz na vida sem camisinha ? Vamos deixar o moralismo e o puritanismo d elado ..e me digam Quem nunca fez um oral sem camisinha...O grande problema da população brasileira nao eh nem a falata d e camisinha no ato sexual...Eh o falso moralismo e a hipocrisia alheia .. Adoram sentar e lascar o pau nos outros sem olhar o proprio rabo ...Nunca transei com os meninos .. Mas se eles fazem sem camisinha eh pq seus parceiros tb permitem.Pois uma pessoa que tem personalidade e diz : " Sem camisinha não quero ." Não há forçação q ue obrigue essa pessoa a praticar o bareback. (sic). Anônimo. (ANEXO X).

No weblog é possível que o sujeito se apresente a vários outros, conhecidos e desconhecidos e através dos posts, perceber se tem aprovação ou reprovação na forma como se mostra

[...] dow graças a deus eu ja tive relação com eles mas foi tudo com camisinha sexo bem seguro ser eu tivesse visto esses videos deles sem camisinha nao iria fazer msm com camisinha ainda bem que correu tudo bem a camisinha nao estourou eu iria está muito desesperado hoje em dia ser eu tivesse feito sem camisinha ,isso servi de ex:pra mim conhecer bem as pessoas antes de fazer sexo msm com camisinha porque pode ocorrer alguns

imprevistos, esse video esta na cara que eles estao contaminados e passando ele coloca no cara o esperma, cuidado ser vcs estiver msm com essa doenca e crime fica passando ok.(sic). Anônimo.(ANEXO X).

Como podemos perceber nesses comentários, embora os enunciados dos internautas concentram-se em apenas um ponto, ou seja, sobre bareback, os mesmos são marcados por opiniões heterogêneas: defesas, condenações, resignações e até confissões, como nos antigos diários. Como diz Foucault (2007c, p. 9) “não se tem o direito de dizer tudo, (...) não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Assim sendo, estes enunciados se tornaram possíveis, porque foram criadas condições para sua existência, pois “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault 2007c, p.8-9).

Desta forma, nos blogs, os sujeitos estão investidos de um poder até então inexistente e uma vez nesta rede de poder, é possível dar voz à revolta, ou mesmo tornar presente vozes que se solirarizam com as práticas dos blogueiros.

### **Dispositivo da Intimidade**

Segundo Cardoso (2009) ao se romper a barreira da escrita (blogs) para o campo das imagens (videologs), ocorrem deslocamentos que colaboram para um novo tipo de controle social, especificamente contemporâneo, diferente do poder disciplinar estudado por Foucault, um controle fragmentado, indireto e não intencional “de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado” (Deleuze, 1992, p.226, apud Cardoso, 2009, p. 164).

O internauta deixa de ser apenas um leitor para se tornar um voyeur digital e ao mesmo tempo um homem- câmera, vigilante (Cardoso, 2009). Diferentemente do voyeur clássico, o voyeur digital “não precisa se esconder, nem se limita a ver o que o acaso ou a proximidade física permite (...) a tela do computador se torna um passaporte para milhões de fechadura e janelas”; já o homem-câmera é

aquele que alimenta os videologs, pois ao estar sempre munidos de câmera, possui um olhar vigilante, cujas imagens por ele captadas são vistas e transformadas em vídeos, “que ao serem carregados (ou *uploadados*), adquirem uma autonomia relativa, passando a não estar em lugar nenhum específico, mas a estar potencialmente em qualquer lugar” (Cardoso, 2009, p. 176).

Retomando a questão da prática bareback em filmes caseiros, postados em weblogs, numa tentativa de aproximação com os escritos de Michel Foucault citados anteriormente. Acredito ser pertinente a leitura de Tucherman (2007), que considera a exposição da privacidade propiciada pelos diversos tipos de blogs como resultado de um processo histórico que se iniciou no final do século passado, com os programas de entrevistas (*talk-shows*), com as biografias de celebridades, com o cinema documentário; culminando com os realities-show, como Big Brother Brasil. Segundo a autora, existe hoje uma grande e fatal ironia da vigilância na atual sociedade de controle: o dispositivo de exposição da intimidade.

Ao contrário do dispositivo da vigilância, onde se era visto sem saber quando ou por quem, o dispositivo da intimidade, constitui-se num novo pressuposto de interação social que é o de mostrar-se e fazer-se ver. O dispositivo da intimidade ‘rompe’ com os pressupostos de sujeito moral propostos tanto pela antiguidade clássica, quanto pelo cristianismo, uma vez que

[...] no lugar de se constituírem por uma dobra sobre si mesmo, num processo de interiorização, tornam-se personagens midiáticos, que só existem quando são olhados (...) celebridades efêmeras e destinadas ao imediato esquecimento e substituição (TUCHERMAN, 2007, p. 117).

Desse modo, concluo que a Internet não deve ser considerada como agente causador/facilitador do bareback. Mas sim, uma recriação do espaço público que promove a disseminação de práticas, saberes, fazeres e reflexões acerca da mistura de fronteiras entre a vida pública e privada que configuram este momento histórico, não apenas explorando novas formas de opinião pública, mas atuando também como um “instrumento para a constante recriação de cada indivíduo que dele participa”, pois através dos discursos em torno das imagens é possível se ter acesso “tanto a diversas formas de olhar, quanto a diferentes maneiras de se utilizar os meios técnicos de reprodução e produção de olhares” (Cardoso, pp.165-163). Vídeos barebacking seriam apenas mais uma dessas possibilidades.

### e) Barebacking, barebackers e parrhesia cínica

A palavra “*Parrhesia*” normalmente é traduzida do inglês por liberdade de expressão. De acordo com Foucault (1985) a palavra Parrhesia “aparece pela primeira vez na literatura grega em Eurípedes e ocorre em todo mundo grego antigo através de cartas a partir do final do quinto século a.C.”

Entretanto, ao longo da história o significado da palavra passa por evoluções, de modo que *parrhesiates* passa a ser a pessoa que utiliza de parrhesia: é alguém que diz tudo que tem em mente. Porém não basta dizer a verdade para que o sujeito seja considerado um parrhesiasta, isso implica dizer que existe uma diferença entre dizer tudo, sem qualificação e cometer parrhesia.

Para Foucault verdade não é uma adequação da mente com a realidade; não é paradigma do conhecimento ou regra pra tudo a ser descoberto; não é o caminho que conduz o sujeito ao seu objeto; nem experiência originária; não é universal, nem eterna por sua natureza, porque a verdade não tem essência. O que existe são jogos de verdade que constituem a problematização da subjetividade humana, através da prática de si, em que as transformações do sujeito nas diferentes tecnologias de si, seriam mais importantes que os limites e as possibilidades de conhecimento (Wellausen, 1996:113).

Nos jogos de verdade, a verdade é o que se diz a partir do poder de dizê-lo: seja no discurso científico, envolvendo as instituições, que liberam o poder que sustenta esse dizer; seja na parrhesia, na coragem do dizer verdadeiro daquele que assume o risco perigoso e inerente a esse ato de franqueza, fazendo surgir à liberdade, que seria virtude ética por excelência. Para a autora, Foucault compreende a palavra *jogo*

[...] como o conjunto de regras de produção da verdade; não se trata de um jogo no sentido de imitar, disputar ou fazer rir; é um conjunto de procedimentos que conduzem a certo resultado, que pode ser considerado em função de seus princípios e de suas regras de ação, como válidas ou não, vencedoras ou não (WELLAUSEN, 1996:121).

Assim sendo, para que ocorra parrhesia é necessária a existência de uma coincidência exata entre a crença e a verdade; deve haver a prova de sinceridade que é a verdade, sendo esta coragem relacionada ao risco ou perigo de se dizer a verdade (Foucault, 1985).

Nos cursos de 10 de março de 1982 e de 1º de fevereiro de 1984, Foucault trata da separação que deve ser feita entre parrhesia e retórica, ou seja, a oposição entre o “dizer verdadeiro” do parresiasta ao “bem dizer” do retórico:

[...] a parrhesia estabelece como principal a separação do verdadeiro e do falso, enquanto a retórica se concentra na maneira de dizer e não tanto na verdade do dito [...] a parrhesia supõe uma adesão do falante e seu enunciado; trata-se de enunciar uma verdade que constitui uma convicção pessoal, ao passo que o problema do retórico não é acreditar, mas fazer acreditar [...] a parrhesia supõe coragem, porque se trata quase sempre de uma verdade que pode ferir o outro e que assume o risco de uma reação negativa da parte dele, ao passo que a retórica, bem o sabemos, busca bajular o outro, torná-lo dependente de um discurso mentiroso. (GROS, 2004:157).

Segundo Gros (2004), Michel Foucault constata a existência de quatro grandes modalidades de dizer verdadeiro na cultura antiga (curso de 1º de fevereiro de 1984), sendo elas:

Uma modalidade profética, pela qual o discurso verdadeiro do oráculo opera uma mediação entre homens e os deuses... Uma modalidade sabedoria, pela qual o discurso verdadeiro sustentado por um sábio que viva em um retiro essencial liberta o ser necessário das coisas do mundo. uma modalidade técnica, pela qual se trata de transmitir seus conhecimentos positivos [...] A última modalidade é a de parrhesia que se opõe a todas as outras: o parresiasta fala em seu próprio nome e seu discurso refere-se a uma situação atual, singular. Seu lugar natural é praça pública e ele, por fim, leva a relação com o outro à extrema tensão da ruptura possível. (GROS, 2004: 157-158) .

Desse modo, a parrhesia não diz respeito à eficácia do discurso; a verdade nada tem a ver com as estratégias que o indivíduo tem para dizer a verdade. O mais importante é aquilo que diz respeito ao próprio sujeito falando, constituindo-se como sujeito na relação do que ele diz consigo mesmo e um comprometimento com os efeitos daquilo que foi dito (Wellausen, 1996:121).

Em relação ao risco é importante ressaltar que não é efetivamente o fato do risco que vai definir se um sujeito cometeu ou não a parrhesia e sim o fato de ao dizer, correr o risco, ou seja, não é o risco e sim a atitude de aceitar correr o risco pelo ato de enunciar.

Para completar, é fundamental pensar a parrhesia como uma estrutura dramática. A parrhesia é uma cena pública, aberta, onde é necessário colocar o enunciado numa situação em que seja possível ver quem se relaciona com quem e de que modo se relaciona, num cenário que demanda para que tudo que ocorrer nesta cena seja visível.

Nas palavras de Gros (2004:158) “a parrhesia é uma tomada da palavra pública ordenada à exigência de verdade que, de um lado exprime a convicção pessoal daquele que a mantém e, e outro, gera para ele um risco, o perigo de uma reação violenta do destinatário”.

Porém, o autor resalta que esta abordagem serve como definição, mas deve ser substituída por uma análise histórica, estruturada por Michel Foucault em quatro grandes momentos históricos: o político, o socrático, o helenístico e a parrhesia cínica, sendo esta última a que me deterei mais adiante por considerá-la mais adequada a proposta desta análise.

Para Foucault (2006) o fundamento da parrhesia está na adequação “entre o sujeito que fala e diz a verdade e o sujeito que se conduz como esta verdade requer”, e esta adequação seria a responsável por conferir:

[...] o direito e a possibilidade de falar fora das formas recomendadas e tradicionais, de falar independentemente dos recursos da retórica que, se preciso for, podem ser utilizados para facilitar a recepção daquilo que se diz. (FOUCAULT, 2006:491-492).

Ou ainda:

[...] O sujeito que fala se compromete. No mesmo momento em que diz “eu digo a verdade”, compromete-se a fazer o que diz e a ser sujeito de uma conduta, uma conduta que obedece ponto por ponto á verdade por ele formulada. É neste sentido que não pode haver ensinamento da verdade sem um exemplum. Não pode haver ensinamento da verdade sem que aquele que diz a verdade dê o exemplo desta verdade. (FOUCAULT, 2006:492).

A partir destas colocações eu pergunto: podemos considerar como uma atitude parrhesiasta assumir-se publicamente como um praticante de bareback?

Ricardo Rocha Aguierras, 47 anos, escritor, homossexual, soronegativo para HIV e um dos membros fundadores do Grupo Pella Vida São Paulo, a maior e mais importante ONG de apoio e prevenção a AIDS na América Latina, assume numa entrevista ao Jornal Último Segundo do Portal IG que é praticante de bareback e defende que as pessoas tenham liberdade para escolher entre usar ou não camisinha:

Quero deixar claro que não defendo deixar de usar camisinha. O que defendo é que as pessoas possam escolher se querem ou não usar camisinha. Quem acha que tem que transar com camisinha, que use. Dou até as minhas, que ganho as dezenas nas saunas e nas boates, como se as pessoas que frequentam esses lugares não já fossem suficientemente informadas e não tivessem grana para comprar a sua na farmácia... Mas penso que temos de ter o direito de escolher os riscos que a gente quer correr para sermos felizes. Uns escolhem corrida de automóvel, em que o carro pode voar e se espatifar diante da multidão, esmagar 50, além de matar o piloto. Porque as práticas arriscadas como automobilismo e alpinismo são aceitas e tudo que envolve sexo é tão massacrado?... Não prego isso pra todo mundo. Mas pra mim não tem a menor importância se as pessoas com quem transo são soropositivas ou soronegativas. O que defendo é o direito de escolha. .AGUIEIRAS, Barebacker, 2008. (ANEXO XI).

Neste enunciado é possível perceber claramente no discurso elementos que compõem um referencial característico da parrhesia, ou seja, o comprometimento do sujeito que fala com sua conduta; o risco de assumir-se como sujeito de uma prática condenada socialmente e um cenário com uma visibilidade inimaginável, neste caso, a Internet.

Sobre a parrhesia cínica, Foucault (1985) aprofundou seus estudos encontrando relações entre as práticas, regras e modos de vida dos cínicos e a parrhesia. De acordo com Wellausen (1996:118) “a marca mais profunda do cinismo é ter sido um movimento filosófico, cujo ato de dizer a verdade, está diretamente ligado as práticas de vida”, porém, existe muita dificuldade em se estudar o cinismo pela existência



de interpretações ambíguas que vêm os cínicos ora de modo negativo como ignorantes, imprudentes, insolentes e ora de modo positivo como discretos, honestos, educados e austeros.

Foucault (1985) considerou o cinismo como trans-histórico, uma vez que esta categoria atravessou toda a história ocidental deste o pensamento antigo até a modernidade.

Esta trans-historicidade percorre três vias: *o escândalo da vida* relacionado ao despojamento de tudo como modo de marcar no corpo “o teatro visível do cuidado de si”; *o escândalo da verdade* nas práticas políticas relacionadas à vida como atividade política manifestada como sociedade secreta, organizações militantes, partidos políticos e sindicatos e *o escândalo da verdade na produção de arte*, tendo a vida como sendo “singular, manifestando arte por ela mesma em sua verdade” (Wellausen: 120-121).

Além disso, a filosofia cínica irá comportar dois núcleos: o do uso que se faz da fala (franca/áspera/provocadora) e o modo de vida (errante) e para Foucault é isso que vai interessar, ou seja, “a implicação entre um estilo de vida e certa veridicção”, tendo estabelecido a partir desta implicação três grandes funções que associam o modo de vida cínico a parrhesia: a função instrumental, a função de redução e a função de provação (Gros, 2004:162).

Na *função instrumental*, para assumir o risco da parrhesia é necessário que o sujeito não esteja apegado a nada, para permitir a livre expressão da fala, sem receios:

[...] penso que ser “barebacker”, além de um ato de rebeldia, é uma forma de cobrar um esforço maior na descoberta de uma cura. Não adianta querer tapar o sol com a peneira. As pessoas fazem sexo sem camisinha, essa é a realidade. Ninguém quer discutir isso e eu que me proponho a discutir isso, sou massacrado.

Depois de 20 anos de sexo seguro as pessoas se cansaram. O discurso do sexo seguro foi tão pesado, tão massacrante em cima das pessoas, que ninguém tem coragem de admitir que não faz porque era crucificado, como é meu caso. O sexo voltou à idade das trevas.

Voltou como era antes da revolução sexual, onde ninguém falava o que sentia suas práticas. “Voltou-se a obscuridade do sexo, tudo em nome do politicamente correto sexo seguro”. AGUIEIRAS, Barebacker, 2008. (ANEXO XI).

Penso também que esta fala de Alguieiras vai de encontro à *pregação crítica*, quando os *cínicos* dirigiam seus discursos para grandes multidões utilizando-se de temas filosóficos sobre o próprio modo de vida para se tornar popular. Para os cínicos uma das principais formas do dizer verdadeiro está pautada na idéia de que a verdade não deve ser excludente e sim abarcar todos os membros da sociedade.

Uma das críticas de Foucault (1985) em relação à doutrina da pregação cínica é que não há uma afirmação direta do bom ou mau, uma vez que os cínicos referem-se à liberdade e a auto-suficiência como critérios para se avaliar os tipos de comportamento ou modos de vida:

Para os cínicos, a principal condição para a felicidade humana é autarkeia, auto-suficiência e independência, onde o que você tem ou o que você precisa decidir fazer nada depende para além de Vossa Excelência. Dado que em consequência – os cínicos tinham a mais radical das atitudes – eles preferiam um estilo de vida completamente natural. Uma vida natural foi suposta para eliminar todas as dependências introduzidas pela cultura, sociedade, opiniões e assim por diante. Conseqüentemente, a maior parte da sua pregação parece ter sido dirigida contra as instituições sociais, a arbitrariedade das regras do direito, bem como qualquer tipo de estilo de vida que era dependente de tais instituições ou leis. Em suma, a sua pregação foi contra todas as instituições sociais, na medida em que tais instituições dificultavam a liberdade e a independência. (FOUCAULT, 1985).

Na *função de redução*, o sujeito deve remover todas as convenções e opiniões sem fundamentos que cerceiam a existência do sujeito. Segundo Wellausen (1996:119) para os cínicos, a filosofia deve ser uma estratégia para preparar “os indivíduos para a vida, para que possam enfrentar os acontecimentos e as adversidades”. Focalizando neste contexto a prática *barebacking* como algo totalmente condenável pela sociedade, Alguieiras enfatiza:

Como acompanho a AIDS muito de perto, acho que a doença virou uma doença crônica e não mais fatal. Os coquetéis estão fazendo efeito sim, apesar da paranóia medica que existe em cima. As

peessoas estão confiando no tratamento e acham que podem relaxar.

Mas é uma verdade: elas podem relaxar mais. Segundo ponto, é mais gostoso sexo sem camisinha. As pessoas falam “não pode”, só que quando você encosta na parede, nunca conheci uma que me dissesse não. A realidade é que as pessoas fazem sexo sem camisinha e não se trata de um fenômeno puramente gay.

Colocar o sexo sem camisinha como um fenômeno puramente gay é mais uma forma cruel de preconceito. Por que nós gays temos que carregar mais este rótulo? Na grande maioria dos filmes pornôs heterossexuais o sexo é praticado sem camisinha. Porque a coisa tem que pesar sempre para o nosso lado, como se nós fossemos responsáveis pela conscientização da sociedade. Os gays não são responsáveis por nada. AGUIEIRAS, Barebacker, 2008.( ANEXO XI).

E finalmente na *função de provação* “a vida deve aparecer na verdade de suas condições fundamentais”, trata-se de expor a verdade da vida de uma forma explosiva, impactante como um escândalo. De acordo com Gros (2004):

Não se trata de regular a própria vida segundo um discurso e de ter, por exemplo, um comportamento justo defendendo a própria idéia de justiça, mas de tornar diretamente legível no corpo à presença explosiva e selvagem de uma verdade nua, de fazer da própria existência o teatro provocador do escândalo da verdade. (GROS, 2004:163).

Em sua entrevista ao ser interpelado sobre os riscos de uma contaminação pelo HIV, Alguieiras acredita que não irá se contaminar, e que foi submetido a um exame que detectou em seu organismo a proteína CCR5, que funciona “como uma espécie de fechadura que bloqueia a entrada do vírus na célula” e “para essa proteína surtir efeito precisa ser constantemente estimulada pela presença do vírus”, acrescentando:

No meu caso compensa o risco. Eu tenho 47 anos. Digamos que hoje essa historia de CCR5 fosse tudo furada e eu me contaminasse. A AIDS pode levar de sete a oito anos para se desenvolver. Ai

eu começo a tomar o coquetel. Sendo corretamente tomado e desde que não tenha nenhum tipo de reação contra ela, garante atualmente uma sobrevida de 18 anos. Até lá eu acredito no avanço da ciência e que vão existir coisas muito mais potentes. Eu já estaria com mais de 70 anos. Eu não sou eterno, não sei quanto quero viver. AGUIEIRAS, Barebacker, 2008, (ANEXO XI).

Diz ainda:

É como fumar. Se você tiver uma predisposição, pode pegar câncer, mas você pode também não pegar. Às vezes as pessoas preferem viver o prazer, comer comida gordurosa mesmo tendo colesterol alto, comer chocolate mesmo tendo diabetes ou fazer sexo sem camisinha, sabendo que podem correr risco ou podem não correr. Sempre achei que é neste ponto que pecam as campanhas contra AIDS. Elas nunca levam em conta a paixão. AGUIEIRAS, Barebacker, 2008. (ANEXO XI).

No ensaio “O diagnóstico e cura das paixões da alma” Galeno vai além de questionar se alguém é ou não um parrhesiasta, para ele o problema está em responder como é possível reconhecer um verdadeiro parrhesiasta. Ele explica: “para que um homem se livre de suas paixões, ele precisa de um parrhesiasta [...] O amor próprio, é a raiz da auto-ilusão: vemos os defeitos dos outros, mas continuamos cegos para aqueles que nos preocupam” (Foucault, 1985).

Para Gros (2004:165) a ética cínica da parrhesia é “a verdade pondo a vida à prova: trata-se de ver até que ponto as verdades suportam ser vividas e de fazer da existência o ponto de manifestação intolerável da verdade”. Desse modo, acredito que o resgate da parrhesia, isto é, do dizer verdadeiro, faz sentido neste contexto, pois como vimos, o conceito de parrhesia representa não a busca de uma verdade absoluta, mas sim, a criação de mecanismos para se fugir de verdades ditas e legitimadas por sujeitos detentores do poder, cujos saberes são socialmente reconhecidos como corretos e legítimos.

## CAPÍTULO V

### O RISCO COMO QUESTÃO ATUAL

O risco é um tema que permeou toda esta pesquisa, uma vez que na prática sexual bareback, o sujeito abre mão de usar preservativo, correndo o risco infectar ou ser infectado por um vírus (HIV) que desencadeia patologias e, até o momento, apesar da disponibilidade e possibilidade de tratamento, ainda não possui cura ou vacina para evitar o contágio.

Etimologicamente, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) a palavra risco deriva do italiano *riscare*, que por sua vez deriva do latim *riscu*, *riscu*, que significa ousar; no francês *risque* significa perigo, inconveniente mais ou menos previsível. Porém, atualmente seu significado está quase sempre associado à probabilidade ou possibilidade de perigo:

Risco: 1. probabilidade de perigo com ameaça física para o homem/ou para o meio ambiente (r. de vida) (r. de infecção) (risco de contaminação)  
2. Probabilidade de insucesso, de malogro de determinada coisa, em função de acontecimento eventual, incerto, cuja ocorrência não depende exclusivamente da vontade dos interessados. (HOUAISS, 2001:2462).

A Resolução do Conselho Nacional de Saúde, CNS196/9643, define risco como sendo “a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente”. Mas, como definir efetivamente o que é um risco? Não é uma pergunta fácil de ser respondida, já que o conceito de risco não se define por si só, engloba vários outros conceitos e varia de acordo com o tipo de evento onde o risco acontece.

No caso do barebacking que se configura *a priori* como sendo uma prática voluntária e consensual, a definição de risco irá incidir sobre várias áreas do conhecimento como psicologia, sociologia, saúde

---

<sup>43</sup> Embora esta resolução se refira às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, serve para termos um parâmetro acerca da complexidade de discussões que envolvem o tema.

Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/comissao/conep/resolucao.html>>

pública, direito penal.

Desse modo, neste capítulo, busquei discutir o conceito de risco a partir de duas perspectivas diferentes, mas que de certo modo se inter-relacionam: na primeira, fiz uma exposição do conceito de risco na mídia fundado na leitura de autores das ciências sociais, destacando, na segunda, uma visão de risco sob o ponto de vista da saúde pública.

## 5.1 Riscos, ciências sociais e mídia

Peter Bernstein (1997), em sua obra *Desafio dos Deuses: a fascinante história do risco*, busca fazer uma reflexão acerca de conceitos como probabilidade, tomada de decisões e gestão de riscos. O autor define a tomada de decisões como “a teoria de decidir o que fazer quando é incerto o que acontecerá” (Bernstein, 1997:69), ou seja, tomar a decisão é o primeiro passo essencial para a administração do risco e, analisado por este prisma, o risco torna-se uma opção. Sobre o desejo de ser infectado, um praticante de bareback relata

Nunca pensei dessa forma. Sempre fiz exames regularmente. Mas, como demorou muito, achei que poderia acontecer algum dia. Hoje me sinto de certa forma, aliviado. Agora, quando quero, fico 48 horas transando e pronto. Meus últimos fins de semana têm sido frenéticos. (...) Sou positivo há cinco meses. Nos últimos três anos, praticava sexo inseguro com mais frequência. Acho até que demorou muito. Paguei para ver e não me arrependo. Comecei a buscar mais e mais, consciente dos riscos. Até mesmo perder o namorado. (ANEXO XII).

Na prática bareback, acredita-se que o sujeito é conhecedor dos princípios básicos acerca da infecção pelo HIV, ou seja, o sujeito tem informações que podem ser utilizadas para a tomada de decisões e sobre a probabilidade de eventos futuros (AIDS), mas mesmo assim, opta por praticar sexo sem camisinha

[...] a grande maioria dos barebackers é bem formada e informada. Militei em ONG gay e distribuía preservativos. Houve uma situação interessante numa dessas ações. Fui entregar uma camisinha e a pessoa me respondeu: "Não uso". Minha libido se alterou na hora. As pessoas estão

cansando de usar o preservativo. E não são necessariamente barebackers. No Rio, sobretudo, está assim. (ANEXO XII).

Prefiro sexo sem camisinha. Muitas vezes fico num dilema: sei dos riscos de contaminação pelo HIV e não desejo me ‘converter’, como eles usam no jargão (...). Não consigo abandonar o bareback e tento reduzir o risco me mantendo fiel a esse pequeno grupo de amigos. (ANEXO I).

Para Bernstein (1997), atitudes como estas estão relacionadas não às teorias das probabilidades e sim ao modo de como as pessoas fazem, escolhem e tomam decisões em todos os aspectos da vida, onde o sujeito converte o processo de calcular probabilidades num procedimento de considerações subjetivas com resultados incertos. Neste caso a questão seria, ser ou não ser infectado pelo vírus HIV. Segundo o autor:

Os fatos não são os mesmos para todos. Pessoas diferentes dispõem de informações diferentes; cada um de nós tende a matizar as informações de que dispõe a sua própria maneira. Mesmo o mais racional dentre nós muitas vezes discordará sobre o significado dos fatos. (BERNSTEIN, 1997, p. 110).

A gestão do risco leva à aplicação de três pressupostos obrigatórios que seriam: a plena informação, tentativas independentes e a relevância de avaliação quantitativa, uma vez que esses pressupostos moldam a forma como vemos o passado<sup>44</sup>. Desse modo, a prática de administração de risco através de modelos, exige que se acredite que as condições necessárias sejam cumpridas, mesmo quando é sabido que a realidade é bem diferente do ideal. Com isso surge a incerteza e “algo é incerto quando nossa informação está correta e um fato deixa de ocorrer ou quando nossa informação é incorreta e um fato ocorre” (Bernestein, p. 131-132). Ainda na fala do autor:

Quando corremos um risco, apostamos em um resultado que será consequência de uma decisão

---

<sup>44</sup> “O passado, ou quaisquer dados que optemos por analisar, é apenas um fragmento da realidade. A qualidade fragmentária é crucial na passagem dos dados para uma generalização. Nunca temos ou conseguimos adquirir todas as informações de que precisamos (...). A realidade é uma série de eventos interligados, cada um dependente de outro, radicalmente diferentes dos jogos de azar em que o resultado de qualquer jogada individual tem influência zero sobre o resultado da próxima jogada”. (BERNESTEIN, 1997, p.120).

que tomamos, embora não saibamos ao certo qual será o resultado. A essência da administração do risco está em maximizar as áreas onde temos certo controle sobre o resultado, enquanto minimizamos as áreas onde não temos absolutamente nenhum controle sobre o resultado e onde o vínculo entre efeito e causa está oculto de nós (BERNESTEIN, 1997, p.197, grifo do autor).

Assim sendo, a história do risco é caracterizada por uma tensão persistente entre os que afirmam que as melhores decisões são aquelas que se baseiam em qualificações e números determinados pelos padrões do passado e os que baseiam suas decisões em graus de crença mais subjetivos sobre o futuro incerto. Desse modo, a matéria prima dos modelos de gestão e administração de riscos parecem ser os dados do passado e embora não seja possível quantificar o futuro, é possível esquadriñar o que aconteceu no passado como uma tentativa de prever o futuro, porém “Aí está a armadilha do lógico: dados passados da vida real constituem uma seqüência de eventos, e não um conjunto de observações independentes, que é o que as leis das probabilidades exigem” (Bernestein, 1997, p. 337).

Na definição de Ulrich Beck (1997), o risco surge como noção central para a compreensão da sociedade em que vivemos “No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo as ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial” (Beck, 1997, p. 17). Para este autor, as instituições modernas que foram concebidas para dar conta de todo o processo de distribuição e intercambio dos bens produzidos, tem-se revelado insuficientes para lidar com a distribuição dos riscos que acompanham esses processos decorrentes da industrialização e do avanço da tecnologia. O processo de industrialização é indissociável do processo de produção de riscos e as principais conseqüências do desenvolvimento científico industrial são a exposição dos indivíduos a riscos e a inúmeras modalidades de contaminação, nunca observados anteriormente, que se constituem em ameaças para as pessoas e para o meio ambiente.

Dentro desta perspectiva, os riscos que antes eram pensados numa dimensão local, agora devem ser pensados como fenômenos globais e desafiantes para especialistas e cientistas, que encontram dificuldades em identificar as causas e probabilidades dos eventos, o que reduziria possíveis conseqüências negativas resultantes deste processo.



Beck acredita que um dos efeitos da globalização dos riscos seria a reconfiguração do conceito de cidadania antes referido ao conceito de nação, que agora passa a ser chamado de cidadania planetária, vindo acompanhado por uma omissão generalizada de responsabilidade sobre os problemas mundiais decorrentes dos processos de globalização e tecnologização da sociedade. Assim como para Bernstein (1997), o passado também é referenciado por Beck (1997), entretanto, na sociedade de risco “o passado perde o poder de determinar o presente: seu lugar é tomado pelo futuro”, onde o virtual tem a capacidade de produzir experiências atuais, em que “tornamo-nos ativos, hoje, para prevenir, aliviar ou tomar precauções contra crises e problemas de amanhã e depois de amanhã” (Beck, 1997:34).

Beck vê ainda a necessidade de diferenciarmos risco de percepção de risco, pois para o autor, um olhar sobre o risco nos possibilita um resguardo sobre a objetividade, ao passo que a percepção de risco, que é subjetiva, pode liberar fantasias sobre os riscos no mundo, fazendo com que o sujeito, ao invés de ser capaz de identificar os riscos no mundo, passe a ver o mundo como um risco.

Já para Giddens (1991) existe uma tensão entre as categorias de risco e confiança. Ele afirma que estes conceitos só passaram a existir no período moderno, a partir da construção da consciência de que imprevistos e resultados desagradáveis são conseqüências de nossas próprias ações e não efeitos sobrenaturais, ou de ordem divina

O conceito de risco substitui o de fortuna, mas isto não porque os agentes nos tempos pré-modernos não pudessem distinguir entre risco e perigo. Isto representa, pelo contrário, uma alteração na percepção da determinação e da contingência, de forma que os imperativos morais humanos, as causas naturais e o acaso passam a reinar no lugar das cosmologias religiosas. (GIDDENS, 1991, p.41-42).

Assim sendo, a confiança pressupõe consciência das circunstâncias de risco, o que não é verificável na crença. Entretanto, a confiança não é algo completamente diferente da crença, que se caracteriza como um tipo de fé. Para Giddens a confiança é definida como

[...] crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na proibidade ou amor de outro,

ou na correção de princípios abstratos (GUIDDENS, 1991, p.141).

Desse modo, o advento da modernidade propõe uma mudança na maneira como os sujeitos vivenciam suas relações, uma vez que através da razão é possível eliminar ou amenizar os riscos

Hoje sou casado e tenho uma única parceira. Não usamos camisinha, porque sabemos que nossa condição de saúde e de fidelidade mútua nos permite agir dessa forma sem correr o risco de contrair AIDS. Apesar da minha inconseqüência e sorte antes do casamento (fiz vários testes de HIV e todos deram negativo, graças a Deus), não apóio a idéia de manter relação sexual em condições que aumentam intencionalmente o risco do contágio por DST, assim como nas "Russian Roulette Parties" (festas da roleta russa), onde 10% dos participantes da "orgia" são sabidamente soropositivos. Recomendo a todos que também não gostam de usar camisinha que façam exames periódicos e que mantenham relações de confiança mútua com seus parceiros (as) quanto ao estado de saúde. Riscos sempre existirão. Assim como a camisinha não é 100% segura, outros métodos também não são. Por isso, a verdade e a honestidade num relacionamento são primordiais para a saúde física e emocional do casal. Desejo muita saúde e vida a todos! (ANEXO XIII).

A possibilidade de gerir riscos é um atributo da modernidade que o autor nomeia de *consciência reflexiva*, onde "as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter" (Giddens, 1991, p.45). Essa concepção fortalece o discurso de que as conseqüências são resultantes das escolhas feitas pelo sujeito, responsabilizando-o e culpando-o, uma vez que como sujeito autônomo ele é livre pra escolher sua forma de viver. Ou seja, o sujeito é autônomo, capaz de identificar riscos e orientar suas escolhas e estilos de vida a fim de evitá-los, porém, embora os riscos assumam cada vez mais uma perspectiva globalizante, a responsabilidade é cada vez mais centrada no sujeito

[...] a grande preocupação a meu ver é oferecer informações e mais do que isso fazer com que as pessoas possam entender a informação (o que implica educação - que é onde a meu ver as maiorias das campanhas falham); tendo as pessoas conhecimento do que pode acontecer com elas cada um é responsável por si mesmo... o problema é dar informação e ainda querer tirar a opção das pessoas (...) o barebacking é uma opção pessoal, assim como alguém falou sobre fumar cigarros, e da mesma forma que alguém faz ginástica rítmica (que provoca sérias lesões, dores ao longo da vida além de desvios posturais, na maioria das vezes na coluna, por exemplo, pela enorme exigência dos treinamentos de alto nível); e ainda por comer quase exclusivamente fast-food (vide este novo filme *supersize-me*).” . (ANEXO XIII).

[...] odeio usar cinto de segurança. creio que seja um direito meu não usar e acho que o Estado não tem nada a ver com isso do momento que apenas a MINHA vida é colocada em risco e não a de outro. ao contrario da lei que regulariza o nível de álcool para dirigir, pois coloca em risco a vida de outros. o direito individual e a escolha de cada pessoa devem ser assegurados. Mesmo que não concordemos com ela, na mesma linha de pensamento só veria um ato criminoso se uma pessoa que fosse HIV + mentisse com a intenção de contaminar outras pessoas. Não se pode dizer que uma pessoa que deixa um desconhecido gozar dentro em uma dark room, por exemplo, não tenha responsabilidade, no caso de um contágio é realmente uma escolha pessoal. (ANEXO XIII).

Salvatore La Mendola (2005) diz que a modernidade nasce sob o signo do risco, devendo este ser entendido como uma interpretação do enfrentamento do perigo na perseguição de um objetivo, pois apesar da sociedade atual ser chamada cada vez mais de sociedade de risco, existe uma tendência em associar risco a resultados negativos “como se Colombo quisesse naufragar ou como se um empresário desejasse o fracasso de sua atuação econômica” (La Mendola, 2005, p. 60). Para o autor é necessário pensar o perigo como “uma condição imanente da

vida individual e social, e que faz parte do conjunto de fatores que se interpõem entre as ações dos agentes e a tentativa de alcançar resultados desejados explícita ou implicitamente” (La Mendola, 2005, p.59). Ele acrescenta:

Apenas a partir desses pressupostos, e analisando os vários contextos da convivência social, poderemos começar a compreender as razões daqueles que, por sua própria escolha, se colocam em situações de perigo e adotam comportamentos de risco ou de imponderabilidade, e, igualmente, identificar algum indicio que nos permita verificar o quanto (...), seja válida a interpretação do perigo em termos de risco. (LA MENDOLA, 2005, p. 60).

Sua análise a respeito do risco na modernidade coloca o contexto da convivência social como um dos aspectos fundamentais para que possamos compreender os motivos dos sujeitos que, por algum propósito, adotam comportamentos de risco ou colocam-se em situações de perigo. O senso comum e a mídia estabelecem ligação entre risco/emoção e juventude, fazendo emergir questões vinculadas à cultura do risco, em virtude da busca por realização e sucesso, a ela associados. Desse modo, o jovem é visto como mais exposto aos perigos e mais disposto a enfrentá-los, sendo considerados significativos na dinâmica do risco: a experimentação dos limites, a diversidade e a complexidade dos desafios.

Tendo como enfoque o tema desta pesquisa, ou seja, o sexo sem preservativos, a Revista Veja publicou o seguinte artigo “As alucinantes noites dos camicases: Um novo perfil de paciente chega ao consultório dos infectologistas: Jovens com menos de 25 anos que, embalados por álcool e drogas, deixam a camisinha de lado e se contaminam com o HIV” (Lopes, Adriana Dias, 2008). Nesta reportagem tem-se o relato de um estudante de 21 anos, que diz:

Sempre soube da importância da camisinha. Minha mãe insistia para que eu nunca saísse de casa sem ela. Certa vez, na escola, uma professora demonstrou como usar o preservativo. Achei patético. Aquilo não era para mim. No fundo, achava que AIDS era coisa de gay. Aos 16 anos, no início da minha vida sexual, eu até usava camisinha, com medo de engravidar as meninas. Depois, desencanei por causa da bebida. Sob o efeito da cerveja e do uísque, aí é que a camisinha

não saía mesmo do meu bolso. Meus amigos também agem assim. Há três semanas eu descobri que tenho o vírus HIV. É óbvio que eu tomei um susto. Mas agora estou mais tranqüilo. Daqui a uns dias vou começar a tomar o coquetel contra a AIDS. Sei que terei uma vida normal. (ANEXO XIV).

Na reportagem o autor explica a prática do barebacking e traz o depoimento de um homem de 48 anos, infectado pelo HIV há 15 anos:

A expressão barebacking pode ser traduzida como "cavalgada sem sela". Nessa roleta-russa da AIDS, um portador do HIV é chamado a participar de uma orgia. Ele pode ou não receber dinheiro por isso. Quando é contratado, o valor fica em torno de 3.000 reais. Batizado de "gift" (presente, em inglês), o soropositivo não é identificado. Todos os outros convidados, porém, sabem que na festinha há pelo menos um portador do HIV – e se divertem com o risco de ser infectados. Essa maluquice é protagonizada, em geral, por homens de 16 a 30 anos. Aos 48 anos, R.F. está contaminado há quinze. Já participou de uma dezena de barebackings. Num deles, foi o "presente", mas pediu para ser identificado. 'Apesar do lenço vermelho amarrado no braço, o que denunciava o HIV, muitos quiseram ter relações comigo sem camisinha'. (ANEXO XIV).

Traz ainda o relato de uma secretária de 28 anos:

O abuso de bebida na adolescência me levou a ter AIDS. Quando completei 18 anos, conheci um cara que adorava beber e eu passei a acompanhá-lo nas bebedeiras. A partir do nosso terceiro encontro, abandonei o preservativo. O álcool distorcia a minha visão da realidade. Dois meses depois do início do relacionamento, nós nos separamos. Sete anos mais tarde, por causa de uma febre alta que não cedia, descobri que estava com AIDS. Desconfio que peguei a doença daquele namorado. Mas não tenho certeza porque depois dele voltei a fazer sexo sem proteção.

Infelizmente, existe a possibilidade de eu ter infectado outras pessoas sem saber. (ANEXO XIV).

No título do artigo é dada ênfase á juventude, entretanto ao lermos os enunciados acima é possível perceber que não se trata de pessoas tão jovens assim. Para La Mendola (2005), ao descrever comportamentos de risco como tipicamente juvenis busca-se compartilhar com a opinião pública a idéia de que colocar-se em situação de risco é como uma busca improdutiva de emoções fortes para esquecer as obrigações da vida cotidiana.

## 5.2 Risco e saúde pública

Segundo Marcelo Porto (2007:81) para se definir ou adotar conceitos de risco à saúde é necessário que tenhamos uma compreensão ampliada de saúde, pois apenas um enfoque abrangente de saúde em seus aspectos sociais, permitirá

[...] ressignificar a relação entre homem e natureza para além da instrumentalização de um mundo natural visto em boa parte pela ciência e pela saúde pública, ora como uma fonte de recursos passiva e inesgotável, ora como um mundo selvagem repleto de riscos de doenças e mortes que precisa ser domesticado. (PORTO, 2007, p.81).

Nesta visão ampliada, a saúde deve ser capaz de conjugar as dimensões individuais e coletivas, tendo sido reconhecida pelo movimento sanitaria brasileiro na década de 80 e representada no relatório final<sup>45</sup> da VIII Conferencia Nacional de Saúde<sup>46</sup>:

---

<sup>45</sup>Disponível na íntegra em:

<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8conf\\_nac\\_rel.pdf%20](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8conf_nac_rel.pdf%20)>

<sup>46</sup>Realizada de 17 a 21 de março de 1986 em Brasília/DF a “VIII Conferência Nacional de Saúde teve a participação de mais de quatro mil pessoas, com representantes de quase todas as entidades públicas do setor saúde. Sua principal conquista foi à elaboração de um projeto de Reforma Sanitária defendendo a criação de um sistema único de saúde que centralizasse as políticas governamentais para o setor, desvinculadas da Previdência social e, ao mesmo tempo, regionalizasse o gerenciamento da prestação de serviços, privilegiando o setor público e universalizando o atendimento. Por outro lado afirmava-se um conceito ampliado de saúde, como resultante de condicionantes sociais, políticos e econômicos. Após o término da conferência foi criada a Comissão Nacional de Reforma Sanitária, com o objetivo explícito de analisar as dificuldades identificadas no funcionamento da rede nacional de serviços de saúde,

A saúde é um conceito dinâmico, multidimensional, qualitativo e evolutivo, envolvendo potenciais de realização humana em suas esferas fisiológicas, psíquicas e espirituais. O conceito de saúde humana implica o entendimento dos processos e condições que propiciam aos seres humanos, em seus vários níveis de existência e organização (pessoal, familiar e comunitário), atingir certos objetivos, realizações ou ciclos virtuosos de vida embutidos na cultura e nos valores das sociedades e seus vários grupos sociais. A saúde possui, portanto, além das biomédicas, dimensões éticas, sociais e culturais irreduzíveis, sendo objeto de permanente negociação e eventuais conflitos dentro da sociedade, dependendo de como os valores e interesses se relacionam nas estruturas de poder e distribuição de recursos existentes. (PORTO, 2007, p.82).

Nesta perspectiva, o autor critica a clássica definição de saúde apregoada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de "situação de perfeito bem-estar físico, mental e social", uma vez que esta visão ignora as inúmeras fases de adaptações e transformações pela qual todo ser humano passa desde o parto até a morte, ignora situações e esforços de superação dos esforços em que a vulnerabilidade social representa medidas de variações contínuas para realização dos ciclos da vida e “cuja origem encontra-se nas desigualdades, injustiças e discriminações presentes numa sociedade” (Porto, 2007, p.82). Porto (2007) acrescenta ainda que, apesar de existirem vários indicadores importantes referentes à saúde humana como, por exemplo, esperança de vida, longevidade, taxas de mortalidade infantil, acesso a serviços de saúde e saneamento, esses referenciais utilizados isoladamente não são capazes de traduzir a “complexidade e contexto dos fenômenos que produzem”(Ibiden, 2007, p.83) e acrescenta:

Apesar da importância das definições médicas operacionais de saúde, mais pautadas em

---

sugerindo opções para a nova estrutura organizacional do sistema; examinar os instrumentos de articulação entre os setores do governo que atuam na área de saúde e propor seu aperfeiçoamento; apontar mecanismos de planejamento plurianual no setor saúde, ajustando-os com precisão às necessidades dos segmentos da população a ser atendida.”

Fonte: Coleção VIII Conferência Nacional de Saúde. Disponível em: <[http://www.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia\\_acervo/arq\\_pessoal/conferencia\\_nacional.htm](http://www.coc.fiocruz.br/areas/dad/guia_acervo/arq_pessoal/conferencia_nacional.htm)>

indicadores de ‘disfunções’ como doenças e mortes, o conceito de saúde humana sempre será relacionado com os valores éticos e estéticos presentes na sociedade, com a forma como as pessoas vivenciam suas experiências frente aos transtornos, anseios e satisfações da vida. Tais valores, experiências e vivências não são facilmente operacionalizáveis nem quantificáveis, mas encontram-se no coração de conceito e fazem parte de expressões do senso comum essenciais à vida das pessoas, tais como integridade, dignidade, amparo e felicidade. (PORTO, 2007, p.83).

Em relação aos riscos à saúde, o autor acredita que “viver sem risco é não viver neste mundo, já que só o que está vivo pode morrer só o que possui algo pode perder, e só quem tem liberdade de escolha pode interferir no próprio destino” (Porto, 2007, p.92). Dada sua característica polissêmica o autor considera difícil definir o conceito de risco, mas acredita que a contribuição do campo ambiental e da saúde pública tem possibilitado o desenvolvimento de um conceito mais abrangente para a compreensão dos riscos, de modo que

Em linhas gerais, o conceito de risco a saúde possui duas noções subjacentes. Uma é a existência de um perigo ou ameaça real para a saúde; outra é a chance desse perigo se efetivar. Essa compreensão é reconhecida nas ciências do risco através da fórmula em que o risco é operacionalmente definido como o produto de um perigo ou potencial de dano e a chance ou probabilidade de esse perigo se realizar no futuro. (PORTO, 2007, p. 96).

Assim sendo a possibilidade de efetivação de um risco depende de três aspectos essenciais: a) a magnitude do perigo ou ameaça; b) a probabilidade de ocorrência; c) A extensão e vulnerabilidade das populações e territórios afetados. Para o autor a dimensão da vulnerabilidade é central na contextualização de um risco, além de seu significado político e das repercussões públicas a ela referentes.

Convergindo com essas reflexões, Sandra Caponi (2003) considera que diversas questões devem ser pensadas quando se tenta vincular saúde e sociedade, uma vez que existem condições de vida que são impostas e não escolhidas e as características que configuram essa



imposição (alimentação deficiente, analfabetismo, condições sanitárias deficientes, etc.), devem ser consideradas quando se faz uma programação de políticas públicas de saúde, embora existam “estilos de vida escolhidos, eleições e condutas individuais pertencente ao âmbito do privado” que também constituem dados a serem explicitados quando se fala em etiologia social das doenças sendo que a “normalização das condutas e dos estilos de vida faz parte do próprio nascimento da medicina social” e desde seu início houve uma mistura entre as fronteiras do público e do privado, convertendo as políticas de saúde pública “em intervenções, muitas vezes coercitivas, sobre a vida privada de sujeitos considerados promíscuos, alienados, ou simplesmente irresponsáveis” (Caponi, 2003, p. 63).

Em relação à definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Caponi (2003) acredita que a maior dificuldade deste conceito não se deve ao caráter subjetivo que se acredita inseparável do conceito de bem estar, mas sim o que pode significar este caráter em termos de legitimação de “estratégias de controle e de exclusão de tudo aquilo que consideramos como fora do normal, indesejado ou perigoso”, pois ao se afirmar o ‘bem estar’ como um valor, tudo aquilo que o propicia automaticamente se inscreverá no espaço de normalidade e inevitavelmente desqualificará, “como um reverso patológico e doentio tudo aquilo que se apresente como perigoso indesejado ou que simplesmente é considerado como um mal” (Caponi, 2003, p.67).

Como conseqüências, ao associar conceitos de moralidade e saúde, serão associasse também os conceitos de patologia e anomalia, de modo que qualquer variação será considerada patológica, logo, o discurso médico ao falar de ‘bem estar’ sem problematização dos conceitos, ocupa

[...] o lugar do discurso jurídico e tudo aquilo que consideramos perigoso torna-se objeto de uma intervenção que já não se baseia na pretensão de proteger a sociedade desses sujeitos indesejáveis, mas ao contrário, se baseia na certeza de que esta intervenção persegue um objetivo altruísta, seja o caso da recuperação das pessoas ou da prevenção dos riscos. (CAPONI, 2003, p.68).

Luis David Castiel (2004, p.617) classifica a epidemiologia como um campo disciplinar cuja supremacia está em focar a atenção nos seus objetos de estudo através de critérios denominados de ‘individualismo metodológico’. Nesta perspectiva, a tendência é buscar relações

correspondentes entre os riscos de doenças e as características agregadas aos sujeitos, excluindo possíveis interações socioculturais, sendo também uma tendência utilizar estilos de vida, ou seja, “algo ligado à esfera privada, da responsabilidade dos indivíduos, colocada em termos de escolhas comportamentais” para o controle dos riscos.

O autor salienta que a promoção de saúde adota estratégias políticas que podem ser analisadas por duas vertentes, sendo uma conservadora e outra libertária. A primeira vertente visa “direcionar indivíduos a assumirem a responsabilidade por sua saúde, ao assim fazerem, reduzirem o peso financeiro na assistência de saúde” e a segunda vertente “atuaria como estratégia para criar mudanças na relação entre cidadãos e o Estado, pela ênfase em políticas públicas e ação inter setorial, ou ainda, (...) constituir-se numa perspectiva libertária que busca mudanças sociais mais profundas” (Castiel, 2004, p.617).

Para Castiel (1999, p.20) a idéia de “promoção de saúde” (PS) apresenta-se como importante estratégia biopolítica de disseminação das informações sobre o risco com “posturas moralizantes de busca e manutenção de retidão e pureza e de evitação de máculas que corrompam o estado perfeito de saúde”. Desse modo a promoção de saúde tem como objetivo inferir nos modos de vida da população, sobre o pressuposto de que é possível decidir qual o futuro que se deseja ter.

Para Roberto Passos Nogueira (2003) o auxílio da epidemiologia e da estatística, legitimando representatividades, faz com que as relações sociais na medicina preventiva sejam “tomadas de forma naturalizada e desprovidas de historicidade, mistificadas que são mediante sua nivelção aos ‘demais’ fatores do ambiente e do hospedeiro” e sua popularidade e sucesso se devem à medicina promotora, cuja atuação não privilegia o currículo de formação médica e sim, ao contrário,

[...] a medicina promotora concentra esforços na utilização de infra-estrutura universalizada de produção e difusão de conhecimentos científicos que se estabelece como a suprema autoridade sobre o que é bom ou mal para a saúde de cada um e para a própria existência humana, fazendo da noção de risco em saúde o epicentro em torno do qual gravitam as normas de conduta que prescreve. Recolhendo e sistematizando os resultados da incessante investigação epidemiológica em escala internacional, (...) defende e difunde essas normas que passam a influenciar decisivamente o que devem ou não

fazer as pessoas, sejam estas pacientes da medicina ou simples leitores de jornais ou usuários da internet. (NOGUEIRA, 2003, p. 178-79).

Desse modo a medicina promotora, utilizando-se de canais de comunicação de massa, busca promover e incentivar de forma generalizada, novas atitudes diante da saúde, dispensando inclusive a figura do médico e transformando a pregação de 'hábitos saudáveis' em responsabilidade para o indivíduo, afetando diretamente o modo como as pessoas cuidam de seu corpo e de sua saúde.

Para o autor existe uma tendência na pesquisa epidemiológica e também no uso que os médicos fazem dela em se criar uma "base universal de julgamento moral sobre o comportamento humano" diante de condutas caracterizadas como de risco, de modo que as condutas tidas moralmente como saudáveis e responsáveis são apontadas como o oposto das condutas de risco. Assim sendo, nesta intenção moralizadora o risco é constantemente associado à responsabilidade pessoal, gerando não apenas uma relação de causalidade, mas também uma acepção moral, indicando falha de comportamento, potencializando culpa ou até mesmo "criminalizando pessoas que se deixam enfermar" (Nogueira, 2003, p.180); pensamento próximo ao que apontou Caponi (2003) na discussão sobre o "bem estar" como uma categoria de valor.

Almeida Filho (1992) propõe uma reavaliação analítica e a desconstrução de alguns conceitos básicos sobre risco no campo epidemiológico. A o autor analisou os conceitos de risco e de causa partir da aproximação com a chamada "epistemologia pós-moderna" de Boaventura Souza Santos (1989), para quem o processo de constituição de um dado campo científico se dá pela contínua reiteração e reconstrução dos seus conceitos fundamentais através de uma prática teórica e empírica, o autor analisou os conceitos de risco e de causa. Ao propor a desconstrução o conceito de risco, Almeida Filho (1992) não buscou estabelecer o uso do termo risco como noção no discurso social comum ou como instrumental no discurso tecnológico da clínica e sim explorar a validade desse conceito nos discursos em que ele se articula, sem definir monopólios de significado na aplicação dos termos. Desse modo, o autor desenvolveu um estudo comparativo do conceito de risco em três campos discursivos: o senso-comum, a epidemiologia e a clínica, em que explica essas concepções:

- a) Na esfera do senso comum o risco se apresenta como uma experiência pessoal e social, como uma vivência, sentida e

compartida. No discurso social comum, o evento de risco que pode se mostrar danoso, com um sentido de ameaça à saúde ou à vida, poderia também ser analisado como percepção, sensação ou sentimento de presença (ou potencial) de um perigo.

- b) No campo científico da epidemiologia, o conceito de risco privilegia um elemento pouco importante no discurso do sendo comum: a probabilidade. No discurso epidemiológico, o risco situa-se para além do sujeito, localizando-se no âmbito dos coletivos humanos, ou seja, o risco compreende uma propriedade de populações e sua referência legítima será sempre coletiva.
- c) No discurso da clínica o componente da probabilidade é fundamental, ocorrendo uma pretensão de reduzir elementos subjetivos, buscando constituir a clinica como uma prática exclusivamente técnica, desumanizada, imparcial e neutra.

O conceito de risco é também utilizado como equivalente à expressão “sob risco”. Desse modo, pertencer a um “grupo de risco” tem o mesmo o mesmo efeito de qualquer sinal clínico na prática propedêutica, ou seja, o fato de um paciente ter certo *estilo de vida* ou determinadas preferências sexuais produz configurações descritivas do estado de “risco” daquele caso clínico, que passam a ser identificadas no mesmo conjunto complexo e homogêneo de sinais, sintomas, códigos e referências que compõem um quadro diagnóstico global.

O autor considera que a diferenciação de conceitos, mesmo que correlacionados, é necessária como uma forma de se produzir soluções para operar sobre as heterogeneidades, uma vez que:

[...] a questão da prevenção deixa de ser uma problemática coletiva, como na construção do modelo epidemiológico da prevenção dos riscos, e passa a se constituir em um problema individual, trazendo a possibilidade da prevenção dos riscos individuais, intervindo, alterando e evidentemente tratando, em última instância, os traços/marcas/atributos potencialmente fatores de risco para a saúde dos sujeitos singulares. (ALMEIDA FILHO, 1992, p. 143).

Para o autor, esta dimensão virtual na composição de nossa subjetividade nos aproxima da figura do cyborgue, meio humano, meio máquina, como definido por Donna Haraway no ensaio Manifesto

Ciborgue ((Haraway, 2000). O ciborgue é uma criatura que vive nas fronteiras entre o artificial e o natural, entre o humano e a máquina, entre o corpo e a mente, ou seja, o ciborgue é uma construção recente da política pós-moderna. Para a autora, o mundo seria composto por redes entrelaçadas de partes humanas e partes máquinas, formando um complexo híbrido, constituindo formas tão íntimas entre a tecnologia e as pessoas que não é mais possível dizer onde acabam os humanos e onde se iniciam as máquinas

A medicina moderna está cheia de ciborgues, de junções entre organismos e máquinas, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e com um poder que nunca, antes, existiu na história da sexualidade. (HARAWAY, 2000, p. 40).

Almeida Filho sugere que o homem (pós) moderno tem o conceito de risco como elemento fundante na sua formação subjetiva, na medida que vem cada vez mais é definido por probabilidades de ocorrência de eventos vitais de toda ordem, inclusive os eventos da saúde. E afirma que

[...] será cada vez mais viável reconhecê-lo não pelo que ele tem de humano, subjetivo, pelo que tem de singular, pessoal, exclusivamente seu, mas pelo que compartilha com todos (...) e em termos de saúde, o que se compartilha com os outros é o risco, conceito cunhado e desenvolvido sob medida para falar da patologia dos *cyborgs*. (ALMEIDA FILHO, 2007:2).

Retomando Michel Foucault, Queiroz (1999) considera que ao contrário de situar o dispositivo de poder na captura de delinquentes e de corpus indóceis, como acontece no texto *Vigiar e Punir* (1997), ou da circunscrição discursiva dos perversos e das históricas em *A vontade de Saber* (1997b), ao acionar o conceito de biopoder, Foucault procurava “sustar os riscos na administração intensiva da vida” (Ibidem, p. 98). Para Queiroz (1999), o surgimento da *população* como um novo fenômeno dos empreendimentos de controle e segurança “para o qual converge a preocupação dos governos modernos” (Queiroz, 1999, p.99), preocupações estas que dão espaço para a medicalização da vida e também para um poder centrado na obrigação de produzir a saúde e vida saudável:

São estes fenômenos que se começa a levar em conta no final do século XVIII e que trazem a introdução de uma medicina que vai ter, agora, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população. (FOUCAULT, 2005, p. 291).

Medicalização, “que não dizia respeito às relações privadas entre médicos e demanda dos clientes, mas como uma rede de atividades que cobria o espaço social da vida e da coletividade” (Queiroz, 1999, p. 101), podendo ser entendida como instauradora de novas formas de poder, colocando a sexualidade em evidência

Eu creio que, se a sexualidade foi importante, foi por uma porção de razões, [...]: de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os famosos controles, por exemplo, da masturbação que foram exercidos sobre as crianças desde o fim do século XVIII até o século XX, e isto no meio familiar, no meio escolar etc., representam exatamente esse lado de controle disciplinar da sexualidade); e depois, por outro lado, sexualidade se insere e adquire efeito, por seus efeitos procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo, mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população. A sexualidade está exatamente na encruzilhada do corpo e da população. Portanto, ela depende da disciplina, mas também depende da regulamentação. A extrema valorização médica da sexualidade no século XIX teve, assim creio seu princípio nesta posição privilegiada da sexualidade entre organismo e população [...]. (FOUCAULT, 2005, p. 300).

Desse modo, a focalização do poder centrado no corpo, possibilitou através de programas sanitários, descobertas farmacológicas, controle dos efeitos na ingestão de remédios, a criação

“de um efeito político de rastreamento motivado pela medicação ostensiva da sociedade e pela criação de um modelo pós-disciplinar centrado, sobretudo no controle dos riscos” (Queiroz, 1999, p.102).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transmitida pelo vírus HIV e inicialmente associada a práticas homossexuais, a epidemia da AIDS se espalhou pelo mundo a partir da década de 80. Seu surgimento representou não apenas a disseminação de um vírus mortal e da doença no espaço social, mas fomentou também o ressurgimento da metáfora da peste, das discussões acerca do normal e do patológico, das normas, da multiplicação das possibilidades da medicina dos corpos e das populações, assim como o surgimento de uma epidemia de informações, que visou e visa acima de tudo o controle e a prevenção da AIDS. Nesse contexto, o risco de morte e o uso do preservativo para se evitar esta morte, transformaram-se nos principais argumentos para se exigir que cada sujeito se mantenha distante do vírus, siga as normas e mantenha a disciplina.

Nesta pesquisa, onde me propus a verificar as discursividades sobre a prática bareback na Internet e no contexto social brasileiro, os escritos e conceitos de Michel Foucault foram fundamentais para a realização deste trabalho, em especial os escritos sobre sujeito do discurso, biopolítica e o deslocamento da disciplina para o campo do governo das populações, em que os discursos e os saberes médicos, através da disseminação do conhecimento, possuem funções reguladoras da sociedade e abarcam direta e indiretamente todos os outros conceitos abordados ao longo do trabalho, como dispositivo da sexualidade, anormalidade, vigilância, disciplina, parrhesia.

É fato que ao privilegiar um autor da grandiosidade de Michel Foucault, sempre se incorre em certos riscos, como por exemplo, utilizar conceitos de forma inadequada. Entretanto, segundo o filósofo é possível pensar a história como um jogo de rupturas, deslocamentos, mudanças, de modo que sempre retomamos as coisas e, a cada retomada, elas surgem de modo diferente, ressignificadas. Desse modo, me apoio nas palavras de Ieda Tucherman acerca de Foucault (2007, p.108), ao supor “[...] que ele preferiria mil vezes ser usado como aliado de um pensamento em processo do que citado ininterruptamente para permanecer onde já estava”.

Neste estudo, foi possível deparar com interpretações sobre o fenômeno barebacking advindas de diferentes lugares sociais, mostrando que a realidade é muito complexa. A princípio, uma das dificuldades deste trabalho foi justamente escolher entre “onde se diz” e “quem diz”, para definir um corpus de análise. Para Foucault, o que define o sujeito é o lugar de onde esse fala, ou seja, “não importa quem fala, mas o que ele



diz não é dito de qualquer lugar” (Foucault, 1987, p. 139). Desse modo, entre o “onde se diz” e o “quem diz”, prevaleceu “o que se diz”, resultando assim, nos tópicos que compuseram esta análise. Sem deixar de lado as posições dos sujeitos do discurso.

Desse modo, esse lugar da fala é um espaço de representação social atravessado pela dispersão e, nessa profusão de discursos e saberes da ordem disciplinar da vida contra a morte, nos portais acadêmicos e nas revistas prevalecem os discursos dos especialistas da saúde; os periódicos alternam-se entre os discursos de especialistas da saúde, do direito e os discursos dos praticantes de bareback; já nos weblogs prevalecem os discursos dos leigos, mostrando que aqueles que se insurgem e correm riscos como os barebackers, são considerados anormais e contra eles, de médicos a juízes, de grupos gays a pastores, de jornalistas a leigos, todos querem se pronunciar.

Mas o que é que dizem esses discursos? Com base nos documentos analisados, é possível afirmar que nas discursividades produzidas sobre a prática do barebacking na Internet em contexto brasileiro, predominam os discursos bio- médicos prevencionistas, em que os meios de comunicação, de modos muitas vezes sensacionalistas, cumprem o papel de trazer o tema ao grande público. Entretanto, quando o assunto é o sujeito que pratica bareback, existe uma prevalência em caracterizá-lo via discursos patologizantes, como alguém anormal, portador de distúrbios neuro/psicológico/psiquiátricos; ou criminalizadores, que acabam contribuindo para a manutenção de estigmas que há séculos acompanham os indivíduos homossexuais, com críticas moralizantes, patologizadoras. Já que não é mais possível considerar a homossexualidade em si como patologia, ao praticar bareback e romper com o estatuto da prevenção e correr riscos, o sujeito homossexual abre brecha para o retorno de tal qualificação sobre si.

Acerca do risco, é importante repensar também sobre os formatos de poder e governamentalidade que, ao potencializarem o governo de si mesmo, têm como estratégia principal transformar os indivíduos em responsáveis pelos riscos socialmente gerados por suas práticas. No caso da AIDS, criam-se estratégias e intervenções generalistas que não levam em conta particularidades culturais, morais, políticas, econômicas, transformando a infecção pelo HIV em responsabilidades e culpas individuais.

Nesse sentido, destaco a escolha por analisar as falas dos praticantes barebacking pelo viés da parrhesia, e não por outra categoria que pareceria óbvia, como a resistência, por exemplo. Ao optar pela parrhesia, busquei valorizar a coragem do barebacker em “falar tudo o

que pensa”, pois praticar sexo sem preservativos, barebacker ou não, muitos praticam, mas assumir esta postura publicamente, poucos o fazem. Outro aspecto que considero relevante é sobre a possibilidade de confrontar as falas do barebacker com os outros discursos, confronto este cujos resultados são conflitantes, pois não existe um reconhecimento do próprio barebacker como ocupante do lugar a ele destinado pelos outros que discursam sobre ele.

Fica evidente que responder questões referentes à prática barebacker ou aos discursos sobre ela produzidos, não é algo tão simples, pois implica em, não apenas questionar a prática em si de uma forma reducionista, como tentar traçar o perfil psicológico/psiquiátrico do sujeito praticante de bareback. Penso que para tentar responder minimamente de forma adequada às questões que se fazem presentes diante do acontecimento bareback, será necessário questionar outros fatores diretamente imbricados nesta questão, assim sendo, algumas considerações para reflexão se fazem necessárias (dentre tantas outras que poderão surgir):

- a) Quando se fala em sexo sem preservativos entre casais heterossexuais, denomina-se sexo inseguro e quando se trata de homossexuais, além de se nomear como barebacking, acrescentam-se as questões criminais ou psicopatológicas. Qual a distinção entre sexo barebacking homo ou heterossexual?
- b) Algumas pessoas possuem comportamentos sexuais baseados em considerações que julgam ‘racionais’, buscando ‘reduzir danos’ como, por exemplo: discutir o status sorológico com parceiros potenciais, as posições ativa e passiva durante sexo anal sem preservativos, etc. É possível se pensar em redução de danos em relação ao barebacking?
- c) Nos últimos 30 anos mudaram as realidades em que se operam as práticas gays, entretanto, por que existe dificuldade em se inventar modelos de saúde pública que não estejam pautados no terror, no pânico e na culpa, como ferramentas preliminares?
- d) Para que ocorra a infecção pelo vírus HIV é necessário que um dos parceiros esteja infectado. Porque esse tipo de informação não é abordado nas campanhas de prevenção, prevalecendo o imperativo do sexo seguro via uso de preservativos, como única forma de prevenção possível?
- e) A AIDS não tem cura, mas tem tratamentos cada vez mais sofisticados: não estaria na hora de se questionar quais os reais interesses da indústria farmacêutica na manutenção e proliferação da epidemia, em detrimento da produção de uma vacina?

Para concluir, considero os enunciados disponíveis como insuficientes para representar toda a complexidade embutida nas concepções sobre a prática barebacker, uma vez que todos convergiram para um mesmo lugar, a homossexualidade. Nestas discursividades, o homossexual adepto de barebacking é considerado um pré-doente, já que nesta prática, considerada de alto risco, a possibilidade de infecção pelo HIV é tida como certa, transformando seus praticantes em pessoas irresponsáveis e ou criminosas, passíveis de diagnósticos, qualificações e intervenções advindas dos discursos da verdade.

Veriano Terto Jr. (1999) considera fundamentais os questionamentos acerca da “tendência que temos de julgar o sexo não seguro como negligência e irresponsabilidade; reconhecer a existência dos limites de uma prevenção ‘ao longo de toda vida’ e ‘em todas as relações sexuais’” e incluir “saberes da antropologia, sociologia e da crítica literária, a fim de reforçar o pensamento interdisciplinar sobre a sexualidade e ampliar a compreensão sobre as diferentes dimensões e fatores culturais, sociais e psicológicos envolvidos” nesta questão.

Com tantas possibilidades diferentes de novas leituras, percebo ser necessário o desenvolvimento de outros estudos, com utilização de outras fontes e, talvez, outros referenciais teóricos de análise, afim de que se possa aprofundar e tentar compreender um pouco mais esta questão que, ao que me parece, vai continuar por muito tempo sendo especialmente polêmica.



## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Maria Cristina (2007) territórios de vulnerabilidade ao HIV; homossexualidades masculinas em São Paulo. Tese. USP. São Paulo.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de (1992). A clínica e a epidemiologia / Clinics and epidemiology. Salvador; APCE Produtos do Conhecimento.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de (1992) A desconstrução do conceito de risco. *PHYSIS \_ Revista de saúde Coletiva*, 3 (1): 33-54
- ALTMAN, Dennis. Poder e comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS. Rio de Janeiro: ABIA/ IMS-UERJ/ Relume-Dumará, 1995.
- ARAUJO, Inês de Lacerda. Foucault e a crítica do sujeito. Curitiba: Editora da UFPR, 2008
- AROUCA, Sergio. O dilema preventivista. São Paulo: Editora UNESP, 2003
- AZEVEDO, Wilma. Sado masoquismo sem medo. São Paulo: Iglu, 1998.
- AYRES, José Ricardo C.M. et. AL., Vulnerabilidade e AIDS: para uma resposta social a epidemia. Boletim Epidemiológico CRT- DST /AIDS – CVE- Ano XV – nº3 – São Paulo: Dezembro de 1997. p. 2-4.
- BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVAO, Adriana. Gerenciando a vida na era do risco. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 11, n. 23, Dec. 2007 a.
- BARBOSA, Maria Regina; PARKER, Richard (org.). Sexualidade pelo Avesso: Direitos, Identidades e Poder. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.
- BECK, Ulrich (1997a). A Reinvenção da Política. In: Giddens, A., Beck, U. & Lá S. In: *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP.
- BECK, Ulrich (2001): A ciência é causa dos principais problemas da sociedade industrial. Entrevista concedida a Antoine Reverchon, do “Le Monde”, publicada pela “Folha de SP” em 20/11/2001.
- BERNSTEIN, Peter. (1997). Desafio aos Deuses: A Fascinante História do Risco. São Paulo: Campus.
- BESSA, Marcelo Secron. *A Epidemia discursiva*. In: Histórias positivas: a literatura (dês) construindo a AIDS. Rio de Janeiro: Record, 1997. p.19-31.
- BIANCARELLI, Aureliano. Doença em foco: As reportagens sobre AIDS

publicadas pela Folha de São Paulo. *Revista USP*, 33:137-147, 2007

BOLETIM PELLA VIDA. Junho de 2006, Ano XVI, nº 42. São Paulo

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. Documento preliminar em consulta pública de 20/06/2008 a 30/07/2008. Brasília – DF, junho de 2008.

BUTLER, Judith. Inversões sexuais. In: Isabel C. Friche Passos (Org.). Poder, normalização e violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 91-108.

CAPONI, Sandra. A saúde como abertura ao risco. In: Dina Czeresnia; Carlos Machado de Freitas. (Org.). Promoção da Saúde (conceitos, reflexões, tendências). 2 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003, v., p. 55-77

CARVALHO, Leonardo Arquimimo de ; CARVALHO, Luciana Jordão da Motta Armiliato de . HIV e Barebacking: Uma Breve Leitura Garantista. *Revista Jurídica (Porto Alegre)*, Porto Alegre, v. 330, n. 330, p. 81-91, 2005.

CARDOSO, Bruno de Vasconcelos. Voyeurismo Digital: representação e (re) produção imagética do outro no ciberespaço. In: GONÇALVES, Marco Antonio; SCOTT, HEAD. Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2009. p. 154-178.

CASTIEL, Luis David. *A medida do possível... saúde, risco e tecnobiociências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

CASTIEL, Luis David; DIAZ, Carlos Alvarez-Dardet. A saúde persecutória: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

DANIEL, Herbert. *Vida antes da Morte*. Rio de Janeiro: ABIA, 1994.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005

DOMITH, Laila. A Modernidade como a Criadora da Delinquência. *Revista Jurídica*. Porto Alegre: Notadez, v. 333. p. 93-110. 2005.

DREIFUS, H.C & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ENGELL, Magali. Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no

Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

FARRELL, Jeanette. A assustadora historia das pestes e epidemias. São Paulo; Ediouro, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. *Comunicação e Mídia Impressa: Estudos sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. A psicanálise e a psicologia nos ditos e escritos de Michel Foucault. In: Guareschi, Neusa M.F et al. Foucault e a psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.p. 29-72.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 1987

FOUCAULT, Michel. (1985). Discourse and truth: the problematization of Parrhesia. Six lectures given by Michel Foucault at the University of California at Berkeley, Oct-Nov. 1983. Edited by Joseph Pearson, 1985

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da Clinica. 1987 b*

FOUCAULT, M.. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 16ª Edição Petrópolis: Vozes, 1997

FOUCAULT, Michel. L'éthique du souci de soi comme pratique de liberté. Concórdia Revista Internacional de Filosofia., 1984, p. 99-116.

FOUCAULT, Michel. Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997a.

FOUCAULT, Michel. Historia da Sexualidade: a vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1997b.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado, Rio De Janeiro: edições Graal, 1979 14ª Edição, 1999 a.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1999 a.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Editora: 1999.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade; curso no College de France (1975-1976); tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. Edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros: tradução Marcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail- 2º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Historia da Sexualidade II: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

FOUCAULT, Michel. Historia da Sexualidade III: O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Aula inaugural proferida ao assumir a cátedra no Collège de France, em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2007c.

FRANCESCHI, Maria Cristina Pimentel (org.). AIDS, direito e justiça. Porto Alegre, 2002.

GALLO, Solange. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992

GIAMI, Alan. A AIDS na pornografia. In: Revista Lugar Comum - n.4, Estudos de Mídia, Cultura e Democracia Rede Universidade Nômade. Pp165-180, 1998

GIDDENS, Anthony (1991): *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP

GIDDENS, Antony. Mundo em descontrole: que a globalização está fazendo de nos. Rio de Janeiro: Record, 2006

GONDIM, Ricardo et al. (2000) Homo/ bissexualidade masculina: um estudo sobre praticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. In: revista Brasileira de Epidemiologia, Vol. 3, nº1-3, São Paulo. Abril/Dezembro.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Sueli. Micropolíticas: cartografias do desejo. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1986

GUARESCHI, Neuza. M.F.; HÜNING, Simone M. (orgs). Foucault e a psicologia. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

GRASSI, Maria Virginia Filomena Cremasco. Psicopatologia da disfunção sexual erétil. São Paulo; Escuta 2004.

GROS, Frederico (Org.). Foucault, a coragem da verdade. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial: 2004.



- HAERSBAERT, Rogério. Territórios alternativos. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HARAWAY, Donna J., 2000. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia feminismo-socialista no final do século XX. In: *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano* (T.T Silva, Org.), pp. 37-129, Belo Horizonte: Autêntica.
- KUCINSKI, Bernardo. Síndrome da Antena Parabólica. A ética no jornalismo brasileiro. São Paulo, 1999.
- LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. In: — Revista Tempo Social. n 17, n. 2, nov. de 2005, p. 59 a 89
- LEITE, Fabiane. Aumenta a proporção de gay com HIV em São Paulo: Levantamento inédito preocupa entidades ligadas a soropositivos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 jun. 2007. Caderno MetrÓpole. Fonte: Agencia de Noticias da AIDS
- LEVY, Pierre. (1996). *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34.
- LOPES, Adriana Dias. Revista Veja - 01 de Outubro de 2008 - Ed. 2080, Editor Abril, São Paulo.
- MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.
- MACHADO, Roberto. Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- MACRAE, Edward. Identidade sexual e política no Brasil da abertura. Campinas: Editora Unicamp, 1980.
- MACKLIN R. Bioética, vulnerabilidade e proteção. In: Garrafa V, Pessini L, organizadores. Bioética: Poder e Injustiça. São Paulo: Loyola; 2003. p. 59-70.
- MICHEL, Bernard. Sacher-Masoch: Sua vida, aventuras, paixões e fantasias. Rio de Janeiro; Rocco, 1992.
- MISKOLCI, Richard. Estética da existência e pânico moral. In: Margareth Rago, Alfredo Veiga-Neto. Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p 227-238.
- MORAES, Ilara Hämmerli S. Política, tecnologia e informação em saúde: a utopia da emancipação. Salvador: Casa da Saúde, 2002. p. 15-46.

MOTT, Luis. Evolução da ideologia e posicionamento dos homossexuais face à transmissão do HIV/AIDS no Brasil. In: Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação nacional de DST/AIDS. Programa de Cooperação Técnica Brasil-França: Seminário Anual 2001: Novos desafios da prevenção da epidemia pelo HIV/AIDS junto aos homens que fazem sexo com homens. Brasília: Ministério da saúde, 2002. p. 26-36.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro; SARGENTINI, Vanice. Foucault e os domínios da linguagem. São Carlos: Clara Luz, 2004.

NOGUEIRA, Roberto Passos. Da medicina preventiva à medicina promotora. In: AROUCA, Sergio. O dilema preventivista: contribuição para a compreensão da medicina Preventiva. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora UNESP/Editora Fiocruz, 2003. p.175-182

OLIVEIRA, M. R. M.. Weblogs: a exposição da subjetividade adolescente. In: SARGENTINI, Vanice & Pedro NAVARRO-BARBOSA (org.) *Michel Foucault e os domínios da linguagem - discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Clara Luz Editora, 2004.

OLTRAMARI, Leandro (2005). “Barebacke: Roleta russa ou ética Sadeana”. Cadernos Interdisciplinar em Ciências Humanas. N. 72 – Fpolis, Julho 2005.

OLTAMARI, Leandro Castro. Resenha de “Ciência, poder e ação: as respostas a sida” de Cristiana Bastos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 54, p. 175-178, São Paulo: ANPPSC, 2004.

OLTAMARI, Leandro Castro. Contribuições da fenomenologia de Alfred Schutz para as pesquisas sobre AIDS: considerações epistemológicas e metodológicas. Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis, v.2, n.2, Florianópolis, julho/dezembro, 2005.

ORLANDI, Eni Puccineli (1987). A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso. Campinas: Pontes.

PAMPLONA, Ronaldo. Os onze sexos. São Paulo: Kondo Editora, 2005.

PARKER, Richard. (1994) *A construção da sexualidade: AIDS, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: ABIA/UERJ/ Relume-Dumará.

PEDROSA FILHO, Francisco Xavier Ramos. Políticas de prevenção das DST/HIV/AIDS para homossexuais masculinos: a trajetória da construção de uma resposta à epidemia de AIDS. Dissertação de Mestrado. Centro de

Humanidades e Centro de Estudos Sociais Aplicados. Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2004.

PERLONGHER, Nestor. O que é AIDS. São Paulo: Brasiliense, 1987

PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Uma ecologia política dos Riscos: Princípios para integrarmos o local e o global na promoção da saúde e da justiça ambiental. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

PRADO FILHO, Kleber. Michel Foucault: uma historia política da verdade. Rio De Janeiro/ Florianópolis: Co- Edição Achiame/ Insular, 2006.

QUEIROZ, André. Foucault: O paradoxo das passagens. Rio de Janeiro: Pazulin Editora, 1999

RAGO, Margareth, VEIGA-NETO, Alfredo (org.). Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autentica 2006.

REVEL, Judith. Foucault: conceitos essenciais. São Carlos: Clara Luz, 2005

RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. Rio d Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

ROUCO, Juan José Meré. Sexualidade e Mudanças de comportamento: uma estratégia lúdica de prevenção a AIDS. In: Heiborn, Maria Luiza (org.): Sexualidade: um olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: 1999. p. 175-199.

RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam. Avaliação das ações de prevenção as DST/AIDS e uso indevido de drogas nas escolas de ensino fundamental e médio em capitais brasileiras. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, Grupo Temático UNAIDS, UNDCP, 2001.

SANTOS, Elizabeth Moreira. E agora: Somos todos marqueteiros de cyborgues eternos? In: AROUCA, Sergio. O dilema preventivista: contribuição para a compreensão da medicina Preventiva. São Paulo/ Rio de janeiro: Editora UNESP/Editora Fiocruz, 2003:175-182

SARAIVA Jose Eduardo Menescal (2002). Prazer do Consumo ou consumo do prazer? In: Revista Mal Estar e Subjetividade. Fortaleza, Vol. II, nº 1, p.129-10.

SHILTS, Handy. AIDS: o prazer com risco de vida. Rio de Janeiro: Record, 1994.

SHOWALTER, Eliane. Anarquia Sexual: sexo e cultura no *fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; Ramos, OLIVEIRA, Tânia Regina. Falas de gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SOUZA, Alicia Navarro; PITANGUY, Jacqueline. Saúde, corpo e sociedade. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 2006.

SONTAG, Susan. A doença como metáfora. São Paulo: Graal, 1984.

SONTAG, Susan. AIDS e suas metáforas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Jorge Pedro. Teorias da notícia e do jornalismo. Chapecó: Argos, 2002.

SOUSA, Paulo César Castro. Tese. AIDS, mídia impressa e sexualidade: práticas e comportamentos sexuais em tempos de HIV nos discursos de Veja e Isto É, Rio de Janeiro: UFRJ, 2001

TERTO JR. Veriano. “Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões da homossexualidade masculina”. In: Sexualidades Brasileiras em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: ABIA/UERJ/ Relume-Dumará, 1996.

TERTO Jr., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. Revista Horizonte Antropológico, v.8, n.17, Porto Alegre- June, 2002. Dóí: 10.1590/S0104-71832002000100008. Acesso em: 21 fev. 2009

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e histórias. Lisboa: Veja 1993. P. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHERMAN, Ieda. Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo da intimidade. In: QUEIROZ, Andre; VELASCO e CRUZ Nina. Foucault Hoje? . Rio de Janeiro, Editora Sete Letras, 2009. p.108-118.

VEYNE, Paul. (1998). *Como se escreve a história*. Foucault revoluciona a historia. Brasília: Universidade de Brasília.

VIEIRA, Marli Vick; CRISTOFOLETTI, Rogério. Confiabilidade no uso da Wikipédia como fonte de pesquisa escolar. Itajaí: Univali, 2008

## Referências Eletrônicas

ANTUNES, Maria Cristina (2007). Territórios de vulnerabilidade ao HIV; homossexualidades masculinas em São Paulo. Tese. USP. [on line] São Paulo. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-15032007-115747/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2008.

AGUIEIRAS, Ricardo Rocha. (2008). Entrevista realizada por Darlan Alvarenga. Disponível em:

<[http://www.farofadigital.com.br/sexologia\\_bareback.htm](http://www.farofadigital.com.br/sexologia_bareback.htm)>. Acesso em 05 de junho de 2008.

ALMEIDA FILHO, Naomar de (2007). O homem dos riscos. Disponível em: <[http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc\\_epid4.html](http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc_epid4.html)>. Acesso em 12 de janeiro de 2008.

ALONGE, Wagner. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays. Disponível em: < [www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art12\\_alonge.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art12_alonge.pdf)>. Acesso em 24 setembro de 2008.

ALVARENGA, Darlan. Bareback, sexo sem camisinha. Blog Farofa Digital em 14 de fevereiro de 2004

Disponível em: <[http://www.farofadigital.com.br/sexologia\\_barebac.htm](http://www.farofadigital.com.br/sexologia_barebac.htm)>.

Acesso em 06 de março de 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (ABI), Jornal impresso ainda é principal fonte de informação 5/6/2009. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?Id=3077>>. Acesso em: 01 de junho de 2009.

AZEVEDO, Solange. Sexo, risco e videoteipe AIDS na indústria pornográfica americana criam um efeito colateral – vai transferir boa parte da produção de filmes eróticos para o Brasil. Edição nº 313. 14 de maio de 2004. Disponível

em:<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDG64323-6014,00-SEXO+RISCO+E+VIDEOTEIPE.html>>. Acesso em 19 de maio de 2009.

AYRES, José Ricardo C.M. et. AL., Vulnerabilidade e AIDS: para uma resposta social a epidemia. Boletim Epidemiológico CRT- DST /AIDS – CVE- Ano XV – nº3 – São Paulo: Dezembro de 1997. p. 2-4. Disponível em; < <http://www.interface.org.br/revista3/livro1.pdf>. >. Acesso em 14 de abril de 2007.

BAGRICHEVSKY, Marcos. Do 'corpo saudável' que se (dês) constitui: imperativo moralizante rumo à saúde persecutória? 2007:01-07. Disponível em:<<http://www.cbce.org.br/cd/mesas/gtt%201%20ativ%20fis%20e%20saud%20mesa%20redonda%20marcos%20bagrichevsky.pdf>>. Acesso em 03 de maio de 2007.

Disponível:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300026&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000300026&script=sci_arttext)>. Acesso em 02 de fevereiro de 2008.

BAGRICHEVSKY, Marcos. Gerenciando a vida na era do risco. Revista Interface-Comunicação, Saúde, Educação, v. XI n.23, p.679-81, Setembro/dezembro, 2007b. Disponível: <[www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832007000300026&script=sci\\_arttext&tlng=.](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141432832007000300026&script=sci_arttext&tlng=.) - 23k>. Acesso em 13 janeiro de 2009.

BARATA, Luiz Roberto Barradas. (2007). AIDS: Prevenir ainda é o melhor caminho. Agência Notícia de AIDS. Disponível: <[http://www.agenciaaids.com.br/artigos\\_resultado.asp?ID=199](http://www.agenciaaids.com.br/artigos_resultado.asp?ID=199)>. Acesso em 12 de maio de 2007.

BERG, Rigmor C. Barebacking among MSM Internet Users . In: Journal AIDS an Behavior, v.12, n.5,p. 822-833,September 2007. Disponível: <<http://www.springerlink.com/content/lk338x516336125u/fulltext.pdf?page=1>>. Acesso em 12 de janeiro 2008.

BERGNER, Ingrid. Weblogs – Virtual Discussion in Educational Settings. Abendgymnasium für Berufstätige/Innsbruck University. Disponível: <<http://bt-mac2.fernuni-hagen.de/peter/gems/ibweblogsindiscussions.pdf>>. Acesso em 02 de maio de 2009.

BIANCARELLI, Aureliano. Doença em foco: As reportagens sobre AIDS publicadas pela Folha de São Paulo. USP, 33:137-147, 2007. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2001000400019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000400019)>. Acesso em 09 de maio de 2009

BOLETIM PELLA VIDA. Junho de 2006, Ano XVI, nº 42. São Paulo.

BONANÇA, Paulo. Bareback: Satisfação, risco ou os dois?. Disponível: <[http://www.aquirola.com.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1366&Itemid=92](http://www.aquirola.com.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=1366&Itemid=92)>. Acesso em 12 de maio de 2007.

BOUER, Jairo. Sexo inseguro é motivo de debate entre os jovens. 2002. Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/foha/equilibrio/noticias/ult263u1226.shtml> >. Acessado em 12/05/2007. Acesso em 07 de outubro de 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.

Programa Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico- AIDS e DST. Ano III nº01 -01º a 26º semanas epidemiológicas – janeiro a julho de 2006. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006 a. Disponível:

<[http://www.saude.rj.gov.br/Docs/Dstaids/Boletim\\_RJ\\_2008\\_.pdf](http://www.saude.rj.gov.br/Docs/Dstaids/Boletim_RJ_2008_.pdf)>. Acesso em 16 de novembro de 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Boletim Epidemiológico- AIDS e DST. Pesquisa de Conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira de 15 a 54 anos, 2004. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. Disponível: <[http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BF17DC2BC-C60E-4C6A-96BC-02371A870406%7D/PCAP\\_2004.pdf](http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BF17DC2BC-C60E-4C6A-96BC-02371A870406%7D/PCAP_2004.pdf)>. Acesso em 16 de novembro de 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da população de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais: Documento elaborado para subsidiar o debate sobre a Saúde da População GLBTT na Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, apresentando oposição do Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa/ Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília – DF Fevereiro de 2008. Disponível: <<http://oglobo.globo.com/pais/arquivos/GLBTT.pdf>>. Acesso em 04 out. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. Documento preliminar em consulta pública de 20/06/2008 a 30/07/2008. Brasília/DF. Disponível: [http://200.214.130.94/consultapublica/display/dsp\\_print\\_completo.php?d=1648](http://200.214.130.94/consultapublica/display/dsp_print_completo.php?d=1648). Acesso em 04 out. 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Relatório Final da 8º Conferencia Nacional de Saúde. Brasília/DF, 19 a 21 de março de 1986. Disponível em: <[http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8conf\\_nac\\_rel.pdf%20](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/8conf_nac_rel.pdf%20)>. Acesso em 14 de janeiro de 2009.

BULL S. Salyers ; MCFARLANE, M. ; LLOYD, L. ; RIETMEIJER, C. ; The process of seeking sex partners on line and implications for STD/HIV prevention. AIDS Care, v. 16, n. 8, p. 1012-1020, 2004. Disponível: <<http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=16303644>>. Acesso em 13 de março de 2007.

CÁCERES, Carlos. A epidemiología, el sida y la sexualidad: las persistentes brechasentre la policia sanitaria y la promoción de la ciudadanía

ensalud sexual. In: Cáceres, Carlos F. et al. *Ciudadanía Sexual en América Latina: Abriendo el Debate*. Lima: U Peruana Cayetano Heredia, 2004.

Disponível em:

<http://www.ciudadaniasexual.org/publicaciones/abriendoeldebate.pdf>

Disponível: [www.ciudadaniasexual.org/publicaciones/abriendoeldebate.pdf](http://www.ciudadaniasexual.org/publicaciones/abriendoeldebate.pdf).  
Acess em 02 de dezembro 2008.

CALLIGARIS, Contardo. O sexo na cidade. *Jornal Folha de São Paulo*, 11 de agosto de 2003. Disponível em:

<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=48752>

Acesso em 16 de setembro de 2007

CAMPOS, Érico Paes de. Sexualidade masculina: a construção de conceitos nos diferentes contextos históricos. Disponível:

<[www.sle.br/rohi/artigos/artigo\\_erico\\_paes.pdf](http://www.sle.br/rohi/artigos/artigo_erico_paes.pdf).> Acesso em 21 de fevereiro de 2009.

CAMARGO, Brígido Vizeu; BOTELHO, L. J. . AIDS, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Revista de Saúde Pública / Journal of Public Health*, v. 41, p. 61-68, 2007. Disponível:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/5296.pdf>.> Acesso em 10 de março de 2008.

CARBALLO-DIEGUEZ, Alex et al. Barebacking and the Internet: Ethnography of popular sites used by gay men to meet others for intentionally unprotected anal sex. *International Conference on AIDS (15th : 2004 : Bangkok, Thailand)*. *Int Conf AIDS*. 2004 Jul 11-16; 15.

Disponível:<<http://gateway.nlm.nih.gov/MeetingAbstracts/ma?f=102283504.html>>. Acesso em 13 de março de 2007.

CASTIEL, Luis David. Promoção de saúde e a sensibilidade epistemológica da categoria ‘comunidade’. In:- *Revista de Saúde Pública* 2004,38 (5) 615-622. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n5/21747.pdf>.>.

Acesso em 25 de agosto de 2008.

CIPRIANO, Fabio. Documentário “The Gift” polemiza sobre a AIDS. 2003.

Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30735.shtml>>. Acesso em 12 de maio de 2007.

CHEQUER, Pedro. (2005). AIDS vinte anos-Esboço teórico para entender o programa brasileiro. Disponível:

<http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISBD1B398DITEMIDCF21498585DB4D9F8F812B75B92305DAPTBRIE.htm> >. Acesso em 12 maio de



2007.

CORTES, Celina. (2002). Pacto Mortal: Prática de sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com sites para encontros. Disponível:

<[http://www.terra.com.br/istoe/1719/comportamento/1719\\_pacto\\_mortal.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1719/comportamento/1719_pacto_mortal.htm)> . Acesso em 12 de maio de 2007

COUTINHO, Leonardo. A roleta russa da AIDS nas festas do chamado barebacking, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer. Revista Veja, edição 1767 de 04 de setembro de 2002.

Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/040902/p\\_076.html](http://veja.abril.com.br/040902/p_076.html)>

DIAS, Luis Felipe. *“Conversando com a morte: barebacking (sexo intencional sem camisinha), transgressão e os imperativos da saúde pública”*In: XV Salão de Iniciação Científica e XII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, 2003, Porto Alegre. Anais do XV Salão de Iniciação Científica e XII Feira de Iniciação Científica da UFRGS, 2003 ULBRO Porto Alegre. Disponível em:

<<http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBENLINE/det.asp?cod=61670&typ e=>>. Acesso em 16 de junho de 2007.

FERNANDES, Vagner. Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública. Jornal do Brasil, 03 de janeiro de 2009-

Disponível em:

<http://jbonline.terra.com.br/nextra/2009/01/03/e030115675.asp>

Acesso em 15 de fevereiro de 2009.

FERNANDES, Vagner. 'Bareback' pode dar cadeia, dizem juristas. Jornal do Brasil em 07 de janeiro de 2009.

Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/nextra/2009/01/07/e070117428.asp>

Acesso em 07 de janeiro de 2009.

FRUTUOSO, Suzane. A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha .Revista Época, Edição 510 de 22 de agosto de 2008. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI60486-15257,00-A+ROLETARUSSA+DA+AIDS.html>.

Acesso em 21 de setembro de 2009.

GONDIM, Ricardo et al. (2000) Homo/ bissexualidade masculina: um

estudo sobre praticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. In: revista Brasileira de Epidemiologia, Vol 3, n°1-3, São Paulo. Abril/Dezembro. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v3n1-3/05.pdf>>. Acess em 29 de abril de 2008.

GAVIN, James. Réu é condenado por passar Aids para a namorada. Blog Consultor Jurídico em 26 de Julho de 2007

Disponível em: < [http://www.conjur.com.br/2004-out-28/reu\\_condenado\\_passar\\_aids\\_namorada](http://www.conjur.com.br/2004-out-28/reu_condenado_passar_aids_namorada)>. Acesso em 05 de agosto de 2007.

GREGÓRIO, Bernardo Lynch. (2007). Bareback: o que é isso? Disponível em: <<http://desejosecreto.com.br/seguro18.htm>>. Acesso em 10 de maio de 2007.

GROV, Christian. Barebacking websites: electronic environments for reducing or inducing HIV risk. AIDS Care, v. 18, n.8, p. 980, November 2006. Disponível: <<http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsid=18218777>>. Acesso em 13 de maio de 2008.

HAILER, Marcelo. Eles não gostam da borracha. Blog Revista A Capa em 26 de junho de 2009.

Disponível em: < <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=8539>>.

Acesso em 28 de julho de 2009

HALKITIS, Perry N. et al. Barebacking Among Gay and Bisexual Men in New York City: Explanations for the Emergence of Intentional Unsafe Behavior. Archives of Sexual Behavior, v. 32, n. 4, p.351-357 August 2003. Disponível:<<http://www.springerlink.com/content/k858w85652u532g5/fulltext.pdf?page=1>>. Acesso em 13 de maio 2008.

HENRIQUE, Claudio. Revistas semanais- a notícia em sete dias. Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet. CALDAS, Álvaro, São Paulo: Edições Loyola, 2002.p.133-162. Disponível em: <[http://books.google.com.br/books?id=yVU1wlpYKwQC&printsec=frontcover&source=gbs\\_summary\\_r&cad=0#PPA148,M1](http://books.google.com.br/books?id=yVU1wlpYKwQC&printsec=frontcover&source=gbs_summary_r&cad=0#PPA148,M1)>. Acesso em: Acesso em 13 de janeiro 2009.

HINE, Christine. (1998). Virtual Etnography. Disponível em: <<http://www.sosig.ac.uk/iriss/papers/paper16.htm>>. Acesso em 27 de setembro 2007.

ISHAK, Caco. Bareback: a liberdade (des)embrulhada pra presente. Blog Over mundo em 24 de novembro de 2008

Disponível em:

<<http://www.overmundo.com.br/overblog/bareback-a-liberdade-desembrulhada-para-presente>>..Acesso em 12 de dezembro de 2008.

IURI. Procura-se HIV. Blog baquiátrico .Disponível em:

<<http://saoasvozesquemadam.blogspot.com/2004/08/procura-se-hiv.html>>.

Acesso em 07 de maio de 2007.

KOZINETS, Robert. (1997). On ethnography: inicial Reflections on Consumer reserarch Investigations of ciberculture. Disponível:

<<http://reserrach.bus.wis.edu/rcozinets/printoots/kozinetsonnetnography.pdf>>. Acesso em 29 de setembro 2007

LA MENDOLA, Salvatore. *O sentido do risco. In: — Revista Tempo Social. n 17, n. 2, nov. de 2005, p. 59 a 89. Disponível em:*

<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a04v17n2.pdf>. Acesso em 15 de março 2008.

LASTORIA, Antonio Calmon Nabuco. “*A propósito das barebacking parties: a morte voluntária como possibilidade normal da existência*”. Anais do Congresso Internacional Theodor Adorno - Theoria Aesthetica. Belo Horizonte: FAFICH - apoio DAAD, Goethe Institut e CAPES 2003. p. 57-57. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~taesthet/portugu.htm>>. Acesso em 06 janeiro de 2009.

LEITE, Fabiane. Aumenta a proporção de gay com HIV em São Paulo: Levantamento inédito preocupa entidades ligadas a soropositivos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 09 jun. 2007. *Metrópole*. Disponível:

<<http://www.agenciaaids.com.br/noticias-resultado.asp?Codigo=7700>>. Acesso em 12 de junho 2007.

LOPES, Adriana Dias. *Revista VEJA*, Edição 2080 de 1º de outubro de 2008. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/011008/p\\_096.shtml](http://veja.abril.com.br/011008/p_096.shtml). Acesso em 12 de novembro de 2008.

MADRID, Rafael. (2007). Harm Reduction for barebacking? In: *The body, the complete HIV/AIDS Resource*. Disponível:

<<http://thebody.com/content/art/42462.html?ts=pf>>. Acesso em 29 de setembro de 2007.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 13/14: 109-126 2002/2003. Disponível:

<[http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos\\_pdf\\_res/13-14/06-miskolci.pdf](http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/13-14/06-miskolci.pdf)>. Acesso em 28 de outubro de 2008.

MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. Revista Teoria & Pesquisa, n° 47, Julho/Dezembro, 2005. Disponível:  
<<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36>>. Acesso em 28 de outubro de 2008.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. Revista de Estudos Feministas. Volume 14, n°3, Florianópolis, Setembro/Dezembro 2006. Disponível:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006)Doi: 10.1590/S0104-026X2006000300006 >. Acesso em 12 de janeiro 2008.

MISKOLCI, Richard. Dossiê: Sexualidades Disparatadas. Caderno Pagu, n.28, Campinas Jan./June 2007. Disponível:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100002&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em 09 de abril de 2008.

MATTOSO, Guilherme de Queirós. Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação. 2003. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt). Acesso em 30 de junho 2008.

NICK MADIGAN. AIDS pára indústria pornô de Los Angeles -"THE NEW YORK TIMES" Folha de São Paulo Tradução de Clara Allain. em 3/5/2004. Disponível:  
<<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=56163>> . Acesso em 30 de março de 2009.

OS MORENOS. “Dois ativos querendo caras deliciosos para fudermos! Sempre com fotos/filmes sem aparecer rosto”. Blog Os Morenos ..

Disponível em: <<http://morenos1972.blogspot.com/>>. Acesso em 15 de agosto de 2009.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da AIDS e a repatologização das sexualidades dissidentes. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana ISSN 1984-6487 / n.1 - 2009 - pp.125-157. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/viewFile/29/26>>. Acesso em 15 de maio de 2009.

PARSONS, Jeffrey; BIMBI, David. Intentional Unprotected Anal Intercourse among Sex Who have Sex with Men: Barebacking—from Behavior to Identity. AIDS and Behavior Volume 11, Number 2, p. 277-287, Thursday, June 15, 2006, 2007. Disponível em:  
<<http://www.springerlink.com/content/7536846510572t82/>>. Acesso em 16 de abril de 2008.

PEDROSA, João Batista. Gay adepto de bareback pratica autodestruição. 2007. Disponível em: <<http://www.realprazer.com/gls/bareback.htm>>. Acesso em 23 de março de 2007.

REGES Marcelo. Brazilian Boys: corporalidades masculinas em filmes pornográficos de temática homoerótica. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC FLORIANÓPOLIS, Março de 2004.

RENNER, C. Abra o olho. 2007. Disponível em: <<http://www.iecb.org.br/artigos/mensagem06.htm>> Acess em 12 de maio de 2007.

ROFES, Eric Barebacking and the new aids hysteria AIDS: Leaders Defame Gay Men, Misread Data, and Demand a Crisis Mentality. Is It Any Wonder Gay Men Are Tuning Them Out? Disponível em: <<http://www.managingdesire.org/sexpanic/rofes499.html>>. Acesso em 16 de maio de 2007.

ROSA, Bruna. A perigosa invisibilidade da AIDS. Revista Fórum. Edição 57, 2007 Disponível em: <[http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?Id\\_artigo=1624](http://www.revistaforum.com.br/sitefinal/EdicaoNoticiaIntegra.asp?Id_artigo=1624)>. Acesso em 15 de janeiro de 2009.

ROSSI, Lília. Guia de Prevenção das DST/AIDS e Cidadania para Homossexuais (Org. Lília Rossi). Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e AIDS, 2002. Disponível em: <[http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BBDD340E2-7A14-4210-B4B9-DD5E8522C088%7D/guia\\_prevencao\\_dst\\_aids\\_cidadania\\_homossexuais.pdf](http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BBDD340E2-7A14-4210-B4B9-DD5E8522C088%7D/guia_prevencao_dst_aids_cidadania_homossexuais.pdf)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2009.

RUOSO, Daniel. (2006). Uma etnografia do virtual. Disponível em: <http://antropologia.codigolivre.com.br/debian/node7.html> . Acesso em 30 de setembro de 2007.

SANTOS, Luis Henrique Educação e pesquisa de práticas sexuais de risco (barebacking sex). In: RIOS, Luís Felipe; ALMEIDA, Vagner; PARKER, Richard; PIMENTA, Cristina; TERTO Jr., Veriano. (Org.). Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde. 1 a. ed. Rio de Janeiro: ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS), 2004, v., p. 69-81. Disponível em: <[http://www.abiaids.org.br/\\_img/media/anais%20homossexualidade.pdf](http://www.abiaids.org.br/_img/media/anais%20homossexualidade.pdf)>.

Acesso em 16 de abril de 2008.

SANTOS, Naila Janilde Seabra Tayra. et ali. A AIDS no Estado de São Paulo. As mudanças no perfil da epidemia e perspectivas de vigilância. In: Revista Brasileira de Epidemiologia, Vol. 5, nº3 São Paulo Dezembro de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepid/v5n3/07.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2009.

SERONNI NETO, José. Com-sentidos: reflexões sobre a prática do barebacking. Anais do VII Seminário Internacional Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jose\\_Seronni\\_Neto\\_51.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jose_Seronni_Neto_51.pdf)>. Acesso em 24 de abril de 2008.

SHERNOFF, Michael. The Sociology of Barebacking. In: The Gay & Lesbian Review Worldwide, V. XII, No. 1 (pp. 33-35), January- February 2005. Disponível em: <<http://www.gaypsychotherapy.com/GLRbarebacking.htm>>. Acesso em 29 de setembro de 2007.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. Homossexualidade e Discriminação: o Preconceito Sexual Internalizado. Tese. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2007. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG\\_0651.D2W/SHOW?Mat=&Sys=&Nr=&Fun=&CdLinPr g=pt&Cont=9652:pt](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/db2www/PRG_0651.D2W/SHOW?Mat=&Sys=&Nr=&Fun=&CdLinPr g=pt&Cont=9652:pt)>. Acesso em 13 de novembro de 2008.

SILVA, Luis Augusto Vasconcelos da Silva. “*Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*”. Tese. Programa de Pós- Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal da Bahia, 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Luis\\_Augusto\\_Vasconcelos\\_da\\_Silva\\_46.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST46/Luis_Augusto_Vasconcelos_da_Silva_46.pdf)>. Acesso em 14 de dezembro de 2008.

SOUZA, Marcus Vinícius Nora de; ALMEIDA, Mauro Vieira de. Drogas anti-VIH: passado, presente e perspectivas futuras. Quím. Nova, São Paulo, v. 26, n. 3, May 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000300014&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000300014&script=sci_arttext). Acesso em 04 de setembro de 2007.

SOUSA, Paulo César Castro. Tese. AIDS, mídia impressa e sexualidade: práticas e comportamentos sexuais em tempos de HIV nos discursos de Veja e Isto É. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. Disponível em: <[http://www.eco.ufrj.br/pet/atividades/pesquisa/cliclodeleituras/discurso\\_midia\\_e\\_sexualidade/ciclo\\_discurso\\_midia\\_e\\_sexualidade.pdf](http://www.eco.ufrj.br/pet/atividades/pesquisa/cliclodeleituras/discurso_midia_e_sexualidade/ciclo_discurso_midia_e_sexualidade.pdf)>>. Acesso em

18de março de 2007.

SOWADSKY, Rick .Barebacking in the Gay Community .June 19, 2009. Disponível em: <<http://www.thebody.com/content/whatis/art2276.html>> Acesso em 14 de maio de 2007.

SPINK, Mary Jane P. et al. A construção da AIDS - notícia. *Cad. Saúde Pública*. 2001, vol.17, n.4, pp. 851-862. ISSN 0102-311X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S0102-311X2001000400019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt&pid=S0102-311X2001000400019)>. Acesso em 15 de Novembro de 2009.

TAMAYO, Álvaro Lima et al.Prioridades Axiológicas do uso do preservativo. In; *Psicologia: reflexão e Critica*. Vol. 14 n° 1, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5216.pdf>>. Acesso em 13 de janeiro de 2008.

TERTO Jr., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. *Horiz. Antropol*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, June 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em 21 de fevereiro de 2009.

TERTO JR., Veriano (1999). Polêmica: Questões para um sexo mais seguro. Disponível em: <http://www.pelavidda.org.br/boletim33.html#8> Acesso em 12 de maio de 2007.

VILLALTA, Daniella. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 setembros. 2002. Disponível em: <[http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP2VILLALTA.pdf](http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP2VILLALTA.pdf)>. Acesso em 14 de agosto de 2007.

WELAUSEN, Saly. Michel Foucault: parrhesia e cinismo. *Tempo Social; Revista Sociologia USP*, São Paulo, 8 (1): 113-125, maio, 1996. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol08n1/michel%20foucaut.pdf>> Acesso em 13 de maio 2007.





**ANEXOS**



## Anexo I - Pacto Mortal: Prática de sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com sites para encontros

Título: **Pacto Mortal: Prática de sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com sites para encontros.**

Autora: Celina Cortes

Fonte: Revista Isto É, Edição 1719 de 30 de agosto de 2002.

Disponível em:

[http://www.terra.com.br/istoe/1719/comportamento/1719\\_pacto\\_mortal.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1719/comportamento/1719_pacto_mortal.htm)

### Pacto mortal - O bareback, prática do sexo sem camisinha para contrair o HIV, encontra adeptos no Brasil, inclusive com site para encontros



#### A linguagem barebacker

Celina Côrtes

Enquanto a humanidade luta em várias frentes para deter a Aids, um grupo cada vez maior de homossexuais rema contra a maré num movimento suicida e alarmante. A onda se chama bareback. Propõe relações sexuais sem o uso de preservativos. A prática, segundo adeptos, chega agora ao Brasil depois de conquistar milhares de gays nos Estados Unidos e na Europa. Os motivos que levam os homens ao bareback – ou montar a cavalo sem sela – é a busca mais livre do prazer. Alguns consideram excitante o risco



**RISCO:** Marcos pratica sexo sem proteção com amigos que, como ele, se dizem soronegativos

de contrair o HIV. A outra razão é ainda mais espantosa: há participantes que desejam se infectar com o vírus da Aids – e agem com esse objetivo.

A internet tem sido o principal ponto de encontro dos praticantes no Brasil. Lucas, 40 anos, gerente do site brasileiro BarebackBr, criou um grupo virtual e diz que, por enquanto, só existem reuniões isoladas, nada com organização. Assim como acontece entre os americanos e europeus, segundo o raciocínio de Lucas, os brasileiros não gostam de gays afeminados. “Sexo sem camisinha é coisa de macho”, prega ele, soronegativo e sem parceiro fixo. Pelo que dizem os adeptos brasileiros, os que desejam contrair o HIV são minoria. “O intuito do

bareback é fazer sexo sem barreiras. Pode-se dizer que grande parte dos grupos de discussão se limita a trocar fantasias”, diz Renato (nome fictício), publicitário, 27 anos.

**Realidade** – Para Renato, os seguidores dessa “filosofia” jogam de uma forma aberta quanto à condição de soropositivos ou negativos. “Logo, sexo bareback só é praticado entre dois ou mais parceiros positivos, ou dessa forma entre os negativos”, acrescenta. Embora Sebastião (nome fictício) não mencione sua participação em festas, admite que já se relacionou muitas vezes sem preservativo, após descobrir ser soropositivo em fevereiro. Membro do BarebackBr, ele não sabe explicar por que aderiu à prática, mesmo contaminado. “No começo talvez fosse para fugir da realidade. Hoje pratico pelo simples tesão. É gostoso ouvir do parceiro que ele quer receber meu esperma”, conta ele. Ele nunca indagou ou foi indagado se era positivo.

O carioca Marcos (nome fictício), tradutor, 35 anos, começou a vida sexual com mulheres. Suas namoradas tomavam pílulas e ele não usava camisinha. Quando assumiu a homossexualidade, tinha um namorado e não se protegia. Depois, passou a variar os parceiros e a usar preservativos. Só que este ano Marcos aderiu ao bareback. “Prefiro sexo sem camisinha. Muitas vezes fico num dilema: sei dos riscos de contaminação pelo HIV e não desejo me ‘converter’, como eles usam no jargão”, explica. Por isso, só pratica com amigos que também não gostam dos preservativos e se dizem negativos, como ele. “Não consigo abandonar o bareback e tento reduzir o risco me mantendo fiel a esse pequeno grupo de amigos”, pondera.

Mais impressionante é a entrevista que o canadense Phil deu ao site da rede de comunicações canadense CBC, sob o sugestivo título de “Roleta-russa”. Ele confessa que vai se sentir feliz e celebrar quando contrair o HIV. “Nesse dia certamente vou sair e me oferecer um ótimo jantar.” Como costuma encontrar muitos internautas interessados em soropositivos, acredita que dessa forma vai aumentar seu círculo de amizades. Além de já ter se relacionado sexualmente “sete ou oito” vezes com soropositivos, Phil chega ao cúmulo de injetar sangue contaminado pelo HIV no próprio corpo. Embora tenha se submetido a um teste em junho, até agora não conseguiu contrair o vírus. Justifica seu macabro desejo com argumentos suicidas: “Sou gay, solteiro e minha família não me aceita. Não quero ser um velho e morrer sozinho. Então seria bom ficar positivo logo.” Cláudio Nascimento, presidente do Arco-íris, um dos mais engajados grupos homossexuais do Rio de Janeiro, que já distribuiu 1,5 milhão de camisinhas em dez anos, conhecia a prática no Exterior, mas soube por ISTOÉ sobre a onda no Brasil. Só o site BarebackBr já reúne 349 participantes. Nascimento acredita que há entre os gays uma ilusão de que o sistema de saúde esteja preparado para lidar com a epidemia. Marcos, o barebacker carioca, atribui o aumento da prática a um motivo simples e assustador: “Com os remédios, muitos relaxaram nos cuidados. Achem que, ao se contaminar, é só tomar o coquetel para levar uma vida normal.”



### **SITE NACIONAL:** encontros e bate-papos

sensação de isolamento, os problemas emocionais e a falta de informação. “É um comportamento suicida, como se fosse um pacto com a morte”, diz Maria Cristina. Uma das soluções apontadas por ela para evitar que os homossexuais sejam empurrados para esses grupos seria a aprovação da lei de parceria civil entre gays. “Muitos querem um relacionamento de papel passado e se frustram. Acabam desequilibrados por não colocar em prática seu lado afetivo.”

No Brasil, 23% dos casos de soropositivos registrados até 2001 eram de homossexuais e bissexuais, segundo o Ministério da Saúde. Estima-se que, dos cerca de 600 mil brasileiros infectados pelo HIV, aproximadamente 111 mil sejam homossexuais. Na campanha lançada em julho pelo governo para incentivar o uso do preservativo entre “homens que fazem sexo com homens”, nada foi mencionado sobre bareback. Os responsáveis pelo Programa Nacional de Aids do Ministério sabem da existência da prática fora do País, mas nada foi estudado no Brasil. “Não verificamos uma magnitude que chamasse a atenção pela via dos grupos gays organizados. Mas poderemos inserir o tema nas próximas intervenções”, diz o psicanalista Raldo Bonifácio Costa Filho, coordenador adjunto do programa. Antes que seja tarde.

**Suicida** – A psicóloga e sexóloga paulista Maria Cristina Martins, 44 anos, vê vários fatores que originam esse comportamento. Um deles, paradoxalmente, é o medo de contrair o HIV com o seguinte raciocínio: “Vou pegar de uma vez e acabar com essa ansiedade.” Outras razões são a

## **ANEXO II - A roleta-russa da AIDS Nas festas do chamado *barebacking*, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer**

**Título: A roleta-russa da AIDS Nas festas do chamado *barebacking*, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer**

Autor: Leonardo Coutinho

Fonte: Revista Veja Edição 1 767 de 04 de setembro de 2002

Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/040902/p\\_076.html](http://veja.abril.com.br/040902/p_076.html)>

### **A roleta-russa da Aids Nas festas do chamado *barebacking*, o risco de contrair a doença ajuda a aumentar o prazer**

---

Leonardo Coutinho

Divulgação



**Cena do filme *Trainspotting*: um jogo para testar limites e desafiar a morte**

Médicos e cientistas têm um novo inimigo na luta contra a disseminação da Aids. Ele se chama *barebacking*, uma expressão que pode ser traduzida como "cavalgada sem sela" e define o comportamento de pessoas que se expõem voluntariamente a relacionamentos de alto risco, sem nenhuma proteção, para unir ao prazer sexual a adrenalina do perigo. Definido como uma prática de tendências autodestrutivas semelhantes às que são diagnosticadas em suicidas, dependentes de heroína e necrófilos, o *barebacking* está se tornando perigosamente popular. Na Europa e nos Estados Unidos já se realizam festas em que, além de estimular o sexo livre

#### **Veja também**

**Dos arquivos de VEJA**

⇒ [Reportagem de 22/5/2002: campanha contra a Aids](#)

⇒ [Reportagem de 25/7/2002: o medo da Aids diminui](#)

e sem preservativos, os organizadores convidam portadores de HIV que não são identificados para os outros participantes.

Na Alemanha, o Instituto Robert Koch, de Berlim, especializado no estudo de doenças contagiosas, estima em 2.000 casos anuais o total de contaminados pelo vírus da Aids devido à prática dessa modalidade de sexo. Há dois anos, o centro de vigilância sanitária da França realizou uma pesquisa e constatou que, entre 5.000 homossexuais de nível superior ou matriculados em universidade, 1.500 tinham feito sexo sem proteção recentemente e, nesse grupo, 1.050 agiram motivados pela excitação da possibilidade de contrair a doença. Em junho passado, um estudo divulgado nos EUA apresentou dados mostrando que cada festa desse tipo realizada no Estado de Massachusetts terminou com pelo menos dois novos soropositivos na praça.

São Francisco, na costa oeste dos EUA, virou a cidade-sede do fenômeno. Além das festas de *barebacking*, registram-se casos de gays que se contaminaram voluntariamente, para ter no relacionamento uma situação equivalente à dos parceiros e para se livrar do uso do preservativo. Segundo estatísticas da San Francisco Aids Foundation, o número de novos casos de contaminação dobrou em um ano. O mais inflamado ativista contra o preservativo, Tony Valenzuela, da Califórnia, distribui declarações que fazem tremer as entidades que lutam pela prevenção da Aids. "O sexo sem preservativo tem um valor original que resulta em elevado nível de intimidade e erotismo incomparável", ele afirma no site da organização antipreservativos Sex Panic. "Isso precisa ser dito e respeitado, porque, do contrário, estaremos sendo condescendentes e pouco verdadeiros com aquilo em que acreditamos e de que gostamos." A reação a esse tipo de pregação são campanhas e mais campanhas na mídia, em saunas e boates. Com efetividade duvidosa.

O próprio sucesso no desenvolvimento de tratamentos para a Aids acabou facilitando esse tipo de loucura. Pela medicação com coquetéis, é cada vez maior a sobrevida de pacientes que desenvolvem sintomas da doença e ainda mais expressiva a quantidade de soropositivos assintomáticos. A letalidade da Aids foi reduzida à metade do que era em 1996, quando se iniciaram os tratamentos com a combinação de medicamentos. "Como diminui a visibilidade da doença, muitos podem ter a falsa impressão de que já é seguro novamente o sexo sem preservativos", diz o sanitarista paulista Mario Scheffer, da ONG Pela Vida. "As pessoas esquecem que a Aids não é mais sinônimo de morte, mas ainda mata." Jornais que circulam na comunidade gay de países europeus narram, em tom de alerta, casos de desempregados que se contaminaram propositalmente para obter benefícios oferecidos aos portadores do vírus, como auxílio para moradia, alimentação e tratamento de saúde.

O psicólogo brasileiro André Barreto publicou recentemente na revista *Sociétés*, do Centro de Estudos sobre o Cotidiano da Universidade de Paris, um trabalho a respeito do comportamento de homossexuais do Rio de Janeiro no qual também se encontram depoimentos de pessoas que descartam a proteção em nome do prazer. "Esses são casos em que a excitação é estimulada pelo perigo", afirma Barreto. "O prazer para essas pessoas está associado a algum tipo de descontrole." Ao justificar seu comportamento de risco, um dos entrevistados se define como uma pessoa de sorte, garantindo que manteve relações sexuais sem camisinha com mais de 300 parceiros em um ano e não contraiu a doença. "Em relacionamentos que eu descolo e vou parar no motel ou na sauna me dá muita vontade de transar sem camisinha", depôs a Barreto um administrador de empresas carioca. "É um pouco o jogo de roleta-russa."



**O cartaz para sinalizar o perigo da opção pelos relacionamentos sem proteção**

Comparado a outras situações em que as pessoas põem a vida em risco, o *barebacking* revela ter um potencial homicida tanto quanto de autodestruição. Nos esportes mais perigosos, o atleta se arrisca em razão de recompensas sociais e dentro de uma margem de segurança que pode ser mínima, mas é conhecida. No jogo do sexo de alto risco, assim como não quer saber se seus parceiros estão doentes, o adepto também não se interessa em fazer exames e descobrir se já é um potencial transmissor da Aids. "Jogar-se de um prédio é diferente de pôr a vida alheia em risco", observa o professor Yves de La Taille, do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade da Universidade de São Paulo. O comportamento dos praticantes de sexo aleatório e desprotegido é mais parecido, nesse aspecto, com o do motorista que teima em dirigir mesmo se sentindo embriagado ou com o da pessoa que não tem freios no uso de determinada droga. No cinema, o inquietante filme *Trainspotting*, do inglês Danny Boyle, que adaptou o romance de Irvine Welsh, relata a trajetória de quatro jovens que, na compulsão por se autodestruir, consomem heroína até o último limite. A morte.

Há dois impulsos operando sobre os neurônios quando alguém tem um estímulo sexual, explica o psiquiatra Marcos Mercadante, do Hospital das Clínicas de São Paulo. Um empurra o organismo na direção do prazer, da recompensa. O outro mede os prejuízos que podem decorrer dessa atitude. Insetos não têm esse mecanismo e tornam-se presas fáceis para seus predadores durante a cópula. Quando o homem age do mesmo modo, está havendo, portanto, uma falha neurológica. O psicanalista Luiz Cláudio Mendonça Figueiredo, de São Paulo, relata ter analisado pacientes que cederam ao prazer temperado com perigo e depois nem tiveram mais coragem de se examinar. "O risco, para eles, funcionou como um tempero para aumentar a excitação", ele diz. Isso pode ser



considerado um comportamento doentio tanto quanto o da pessoa que só obtém prazer mantendo relações sexuais quase em público, sob o risco de ser descoberta. Os problemas são a dose de adrenalina e as conseqüências. "Ambos estão lidando com a necessidade de sentir medo, mas o que se arrisca a contrair Aids age como se desse um passo atrás na história da evolução, como um animal que perde um instinto."

### **ANEXO III - A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha**

**Título: A roleta russa da AIDS: pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha**

Autor: Suzane Frutuoso

Fonte: Revista Época, Edição 510 de 22 de agosto de 2008

Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR81902-8055,00.html>>

#### **A roleta-russa da aids**

**Pessoas sem o vírus tomam remédios contra a doença achando que assim não precisarão usar camisinha. Por que esse é um erro que pode agravar a epidemia**

SUZANE FRUTUOSO



#### **ALERTA**

Parada Gay em São Francisco, na Califórnia. Uma pesquisa realizada no evento revela que homens saudáveis consomem anti-retrovirais sem necessidade. Para não pegar aids, o que funciona é camisinha. Essa é uma lição básica ensinada nas escolas, nos anúncios de TV, em quase todo lugar. Quem não gosta de usar preservativo gostaria de descobrir uma forma mágica de proteção. A mais recente aposta é tomar anti-retrovirais antes do sexo na tentativa de impedir a

infecção. Esse comportamento vem sendo observado nos Estados Unidos, principalmente em comunidades e boates gays de São Francisco, na Califórnia. Pessoas saudáveis tomam um comprimido todas as manhãs. Outras acreditam que uma única pílula antes da balada já garante imunidade na hora do sexo. Essas práticas arriscadas ganharam impulso no mês passado, quando foram divulgados os resultados de um surpreendente estudo da Universidade do Texas. Cinco fêmeas de camundongo tiveram o sistema imune modificado para que ele funcionasse de forma semelhante ao humano. Em seguida, receberam medicamentos que tratam a infecção pelo HIV. Mesmo depois de expostas ao vírus, elas não o contraíram. “É uma notícia fantástica”, disse o médico Warner Greene, diretor do Instituto de Virologia e Imunologia Gladstone da Universidade da Califórnia.

Há indícios de possível queda no risco de contrair o HIV com o uso de anti-retrovirais. As primeiras evidências surgiram em 2004 num estudo com macacos. Mas não há prova científica em experiências com seres humanos. Usar os remédios como uma espécie de “vacina” é um risco elevado, por mais de um motivo. “É um absurdo extrapolar resultados de pesquisas iniciais feitas em animais para seres humanos”, diz o infectologista José Valdez Madruga, do Programa Estadual DST-Aids da Secretaria de Saúde de São Paulo.

Não há sinais de que a onda de automedicação tenha chegado ao Brasil, mas pode ser questão de tempo. Por isso, os especialistas estão preocupados. “Sem camisinha, não há prevenção contra o HIV e as doenças sexualmente transmissíveis”, afirma o infectologista Esper Georges Kallás, professor da Universidade Federal de São Paulo. “Além disso, os remédios apresentam fortes efeitos colaterais.” Náuseas, anemias, aumento do colesterol e má distribuição de gordura no corpo são reações comuns nos portadores do HIV que tomam os remédios. Com o tempo, surgem também problemas de coração, fígado, rins e pâncreas. Complicações dessas doenças podem levar à morte. “Quem toma o medicamento sem precisar sofrerá as mesmas conseqüências”, afirma o infectologista Madruga.

Hoje, os remédios já são usados em tratamentos emergenciais em casos de alto risco de exposição ao HIV: mulheres violentadas, grávidas soropositivas e profissionais de saúde que se machucaram com instrumentos infectados. Nessas três situações, as pessoas recebem anti-retrovirais durante um mês. O objetivo é impedir que o vírus penetre nas células. Nos três primeiros dias de infecção, os anti-retrovirais são altamente eficazes contra o vírus. Entre os filhos de mães soropositivas que se submetem ao tratamento, menos de 1% nasce com o HIV. Há sucesso também no tratamento de profissionais de saúde infectados acidentalmente e de mulheres estupradas.

Com base nesses resultados, alguns especialistas acreditam que no futuro esses remédios possam ser usados como ferramenta de prevenção. Esse tema foi discutido na Conferência da Sociedade Internacional de Aids, que ocorreu em julho do ano passado na Austrália. Os que defendem a idéia dizem que há razão para otimismo. Já foram realizados testes em animais, os remédios são regulamentados, estão disponíveis e podem ser receitados por qualquer médico.

Há também estudos com mulheres expostas a um alto risco de infecção em países africanos como Gana, Camarões e Nigéria. Elas recebem anti-retrovirais para evitar a infecção, mas os estudos estão longe do final. Outra corrente sustenta que não há investimento suficiente nem para o tratamento dos pacientes infectados em países como os africanos. Como garantir, então, verba extra para a estratégia de prevenção? Há outros dois grandes obstáculos: os efeitos colaterais e o incentivo ao comportamento de risco.

Mesmo que o “pré-tratamento” um dia se torne realidade, nunca poderá ser dissociado das medidas de prevenção já existentes, como a camisinha e a educação sexual, diz o infectologista Kallás. “Ainda precisamos de muitos estudos que comprovem a eficácia e a segurança do procedimento. E nada poderia ser feito sem acompanhamento médico.”

O pior aspecto da automedicação é a resistência do organismo aos anti-retrovirais. A pessoa que toma remédios sem necessidade pode não se beneficiar deles caso seja infectada. A prática, portanto, pode representar uma enorme ameaça ao controle da epidemia global de aids, que atinge 33 milhões de pessoas – 600 mil no Brasil. “Tomar um anti-retroviral para se proteger da infecção pelo HIV é o mesmo que tomar antibiótico hoje acreditando que não pegará uma pneumonia amanhã”, diz o infectologista Caio Rosenthal, do Instituto Emílio Ribas, em São Paulo. “Teremos milhões de pessoas infectadas que não poderão ser tratadas com os remédios disponíveis.”

Recentemente surgiram nas casas noturnas do Texas, nos EUA, coquetéis vendidos com um mix de drogas: remédio para disfunção erétil, antidepressivo, anti-retroviral e ecstasy. Uma bomba para a saúde, dizem os médicos. Eles não sabem quantas pessoas estão usando as drogas sem necessidade. Uma pista é dada por uma pesquisa americana realizada pelo Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC) em eventos como a Parada Gay realizados em 2006. Ela mostrou que 7% dos homens que freqüentavam festas como essas utilizavam remédios contra a aids de forma “preventiva”. Desse total, 20% afirmavam conhecer outro gay que também tomava o remédio com o mesmo propósito. Segundo outro levantamento recente, publicado no *Journal of Aids*, menos de 1% de gays e bissexuais faz uso de anti-retrovirais sem necessidade, dentro de um universo de 1.819 entrevistados.

A esperança de proteção é o que transforma teorias médicas em práticas de risco, diz o psicólogo Roberto Pereira, coordenador do Centro de Educação Sexual, uma ONG carioca. “Quando surge algo que parece milagroso, os hábitos de prevenção acabam ainda mais renegados”, afirma. “É uma fantasia, baseada em informações que chegam desencontradas e sem referências.” É a mesma lógica do jovem na faixa dos 20 anos que usa Viagra acreditando que alcançará um desempenho sexual melhor. Uma ilusão cheia de riscos.

## **ANEXO IV - O sexo na cidade**

Título: **O sexo na cidade**

Autor: Contardo Calligaris

Fonte: Jornal Folha de São Paulo, 11 de agosto de 2003

Disponível em:

<<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=48752>>

**O sexo na cidade - 11/8/2003**

**Folha de São Paulo**

“Barebacking”

Nos últimos anos, tornou-se frequente, no mundo gay de Nova York e de muitas metrópoles, a prática do "barebacking", transar analmente sem preservativo. Há numerosos sites na internet consagrados aos prazeres do "barebacking" (por exemplo, barebacksex.com). Nos perfis que indicam as preferências sexuais nas salas de bate-papo, é banal que seja indicada uma preferência ou expressada a exigência de que o sexo seja sem proteção.

Quando, quatro anos atrás, a imprensa gay americana começou a debater seriamente (e combater) o fenômeno, talvez se tratasse de uma reação contra décadas de sexo excessivamente protegido. A lógica era: proibimos até o sexo oral sem preservativo, as pessoas cansaram e deixam completamente de se proteger. Ou, então: à força de transar sob o peso de uma ameaça constante, a contaminação aparece como uma libertação.

De fato, inicialmente, a prática parecia ser própria a sujeitos HIV positivos que, "enfim", se soltavam. Ou ela era escolhida por grupos de sujeitos comprovadamente HIV negativos que se encontravam para transar livremente entre si. Mas aconteceu uma mudança radical na prática do "barebacking". A transa anal não protegida passou a ser explicitamente proposta por sujeitos que se declaram HIV positivos, como uma promessa erótica de contaminação. Simétricos, apareceram sujeitos HIV negativos procurando transas não protegidas com parceiros positivos.

Nesse círculo, a passagem do vírus é chamada "the gift", o presente, sem ironia. Existem festas (verdadeiramente particulares, estas) em que sujeitos HIV negativos se submetem a penetrações múltiplas e não protegidas por sujeitos HIV positivos. Isso na frente de uma pequena platéia de amigos chamados para celebrar o acontecimento.

É, no mínimo, uma insurreição desesperada contra o erotismo narcisista. Se ninguém quer ou consegue mais dominar de verdade, é possível recorrer ao mestre absoluto, à morte, com quem a brincadeira será inevitavelmente séria. Com quem, aliás, a brincadeira não será só uma brincadeira.

Nos anos 60, fantasiava-se bastante sobre os "snuff movies", os filmes (se é que existiram) em que a vítima de uma cena sadomasoquista era sacrificada realmente.

Essas notas sobre o sexo na cidade de Nova York hoje seriam demasiado falhas se não registrassem o seguinte. Há um erotismo da dominação que perdeu fôlego, mas sobrevive ganhando a visibilidade de um show. Há o prazer constante do desfile narcisista. E há também a voz de uma revolta extrema contra o faz-de-conta. Diz assim: querem que tudo seja um filme? Pois bem, serei a vítima de meu próprio "snuff movie". E agora me digam: ainda é apenas um show?

## **ANEXO V - 'Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública**

**Título: 'Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública**

Autor: Vagner Fernandes

Fonte: Jornal do Brasil, 03 de janeiro de 2009-

Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/nextra/2009/01/03/e030115675.asp>>

### **Barebacking' cresce no Brasil e torna-se caso de saúde pública**

Vagner Fernandes, Jornal do Brasil

RIO - “Procuram-se HIVs”. Impresso em um caderno de classificados dos jornais das grandes metrópoles, o anúncio não passaria despercebido. Do ponto de vista conceitual, HIV é uma sigla que desperta interesse e hostilidade, fascínio e medo, compaixão e ódio.

Estigmatizada até então como o acrônimo da morte, ela vem ganhando novos contornos etimológicos devido a um grupo de homens que praticam sexo com homens (os HSH), absolutamente crentes na teoria de que o vírus da Aids, se contraído numa relação sexual, pode trazer benefícios para seu cotidiano, libertando-o, de uma vez por todas, do uso do preservativo, aumentando o prazer, proporcionando uma liberdade só experimentada no auge da revolução sexual, na década de 70.

A teoria foi posta em prática. E tem nome: "barebacking" (derivado da palavra barebackers, usada em rodeios para designar os caubóis que montam a cavalo sem sela ou a pêlo).

O termo ficou conhecido internacionalmente como uma gíria para o sexo sem camisinha, praticado de preferência em grupo, em festas fechadas, por homens sorodiscordantes (HIVs positivos e negativos).

“Coisa de macho”, garantem os adeptos. O movimento cresce no Brasil, de forma assustadora, e tornou-se uma questão de saúde pública e motivo de preocupação social.

O **Jornal do Brasil** teve passe livre em dois desses encontros, batizados de bare party (festa bare).

É a primeira vez que um veículo de comunicação ingressa em reuniões nas quais o leitmotiv, ou fetiche, é praticar sexo com pessoas desconhecidas, que possam, acima de tudo, ser soropositivas. Às cegas, todos são guiados apenas pelo que sentem. E, para facilitar a comunicação, criaram um vocabulário próprio.

### **Festa da conversão**

As orgias são chamadas de conversion parties ou roleta-russa. Entre os convidados, há os bug chasers (caçadores de vírus), o HIV negativo, que se

lança ao sexo sem camisinha, e os gift givers (presenteadores), os soropositivos que se dispõem a contaminar um negativo.

São esses os responsáveis por entregar o gift (presente), o vírus. Quem participa de encontros bare confirma: o prazer sem barreiras é o que importa. Quanto à Aids, eles não encaram mais a doença como mortal, porém crônica, com tratamento à base do coquetel.

A contaminação, portanto, elimina o medo e apresenta uma perspectiva futura da naturalidade do contato pleno.

– Sou um barebacker assumido – dispara R. H., 31 anos, geógrafo e cientista social, com pós-graduação nas duas áreas.

– Eu odeio camisinha. Acho uma m... É terrível interromper o sexo para colocá-la. Acaba com o meu prazer. No mais, o bare, para mim, é um fetiche. Eu gosto, apesar de ter contraído o vírus da Aids numa festa. Mesmo assim, faria tudo de novo. Não me arrependo.

A declaração aterroriza, preocupa. E só mesmo ingressando no singular mundo dos barebackers para comprovar o que depoimentos, documentários, teses, livros e outros elementos que abordam o tema tentam desvendar ou explicar.

Na maioria das vezes, não conseguem. O que se testemunha numa festa bare está além da imaginação humana, supera os delírios e o surrealismo de Fellini em obras como *Satyricon*, ultrapassa a sordidez e o ceticismo pasoliniano em *Saló* ou 120 dias de Sodoma. Não há limites. De verdade.

A constatação pôde ser feita em encontros programados para homens de grupos sociais distintos. Na Ipanema da bossa nova, de gente chique “pulverizada” de Dior, Prada, Gucci, Kenzo, Gaultier e Armani, a reunião começa às 22h num casarão de uma das mais movimentadas e conhecidas ruas do bairro.

A mansão, de três andares, é fechada especialmente para a ocasião. O décor é sofisticado. No primeiro pavimento, paredes brancas contrastam com sofás vermelhos. TVs de plasma 42' exibem cliques de Madonna, Beyoncé, Cher, Christina Aguilera ou filmes com astros e estrelas de Hollywood.

As luminárias brancas rebatem a luz dicróica contra a parede, gerando clima de aconchego, e o bar, com bebidas importadas em sua maioria, está sempre livre. Ninguém fica sobre balcão. Não há tumulto. Claro, é uma festa para pessoas escolhidas a dedo, para poucos, no máximo 60 convidados, informados por e-mail.

Há regras, e elas são claras. É condição sine qua non ficar nu ou no, máximo, com uma toalha (cedida pela produção do evento) amarrada na cintura. Quem se recusa é convidado a se retirar.

Outra exigência: o sexo tem de ser praticado nos ambientes comuns de convivência. Ou seja, nada de se trancar em banheiro, em cozinha, em quarto. Ali, todos estão para ver e serem vistos.

E o ritual começa na entrada, quando os participantes tiram a roupa e guardam as peças em um armário, trancado com chave numerada. O funcionamento é semelhante ao de termas, masculinas ou femininas.



A medida, na verdade, serve para evitar a circulação com dinheiro e cartões de crédito. É precaução. Os que desejam consumir bebidas ou aperitivos, apenas transmitem ao barman o número assinalado na chave.

Os itens são lançados no computador e, no fim da festa, a conta é paga no caixa. O mecanismo lembra o adotado por boates e bares do eixo Rio–São Paulo, com suas tradicionais cartelas de consumação mínima. Só que numa festa bare, a bebida ajuda, os petiscos “fortalecem”, mas não são peças-chave para o divertimento.

Circulando pelos outros andares, a prova: na sala de vídeo, um jovem de cerca de 20 anos se entrega ao prazer, cercado por três homens.

Nenhum deles usa preservativo. A cena é chocante. O rodízio de papéis, durante o ato sexual, é comum nessas festas. Faz parte do jogo. O quarteto não frustra as expectativas dos voyeurs reunidos na porta da sala.

Como “astros do sexo”, diante de câmeras e de uma equipe de produção, atuam com vontade em uma performance longa, nada convencional, sem limites. Quem se propõe a ficar sob os holofotes sabe o risco que corre.

Mas é a sensação de perceber a adrenalina disparar e o coração bater aceleradamente devido ao unsafe sex (sexo inseguro) sem pudores e em público que os impulsiona.

Um deles podia ser gift giver e os outros bug chasers. Ou vice-versa. A probabilidade de o gift (o vírus) estar ali, entre eles, era grande. Ninguém se importava.

Quando terminou a primeira das muitas rodadas de sexo, o boy toy lover (brinquedo sexual) do trio foi jogar paciência em um dos quatro computadores, com internet liberada, instalados no segundo andar.

– As pessoas perdem a noção do perigo em busca do prazer – explica Jorge Eurico Ribeiro, 40 anos, coordenador de Estudos Clínicos da Fiocruz.

– E o conceito de barebacking se perdeu. Originária da Califórnia, a proposta é a de festas em que um ou mais participantes, sabidamente positivos, são convocados por um produtor para praticar sexo com os convidados sem o uso de preservativos. Todos têm ciência de que, na reunião, há portadores de HIV. O fetiche consiste exatamente na possibilidade de contrair ou não o vírus. Só que, atualmente, há quem acredite que as festas bare são simplesmente um evento para o sexo sem camisinha com participantes negativos, o que é um grande equívoco.

Ribeiro analisa que os barebackers que não apresentam o raciocínio da conversão imaginam, de fato, que, uma vez soronegativos, se limitarem seus relacionamentos com pessoas igualmente soronegativas, estarão fora do risco. Definitivamente não estão.

Há o espaço de tempo de variável (conhecido como janela imunológica) em que um indivíduo já contaminado pelo HIV pode ter resultados de exames laboratoriais de soronegatividade, ou seja, resultados falso-negativos. Testes HIV não são tão matemáticos como se supõe.

No Brasil, o obscuro universo do barebacking é pouco discutido publicamente por especialistas em sexualidade humana. Ainda não há estudo com precisão estatística sobre o número de praticantes, independente de orientação sexual.

No entanto, os relatórios do Ministério da Saúde com dados de infectados pelo HIV, de 1980 a junho de 2008, dão a pista. Os casos acumulados de Aids no país nesse período foram 506.499. Desses, 333.485 (66%) são homens e 172.995 (34%), mulheres. Em 2007, registraram-se 33.689 novos portadores.

Homo, bi ou hetero, todos praticaram sexo sem camisinha. A irresponsabilidade tem preço. E alto. Dos cofres públicos do governo federal saem cerca de R\$ 1 bilhão por ano para tratamento exclusivo de soropositivos. Um paciente consome de R\$ 5.300 a R\$ 26.700 por ano. Cerca de 20 mil pessoas infectadas iniciam tratamento com anti-retrovirais no país, anualmente.

– Sinceramente, não me preocupo com essa questão e nem me sinto culpado. Não estou nem aí em ser um ônus para o governo – enfatiza R. H.

O Federal Health Research (centro de pesquisas de saúde), órgão governamental americano, divulgou recentemente a informação de que muitos homens com comportamento homossexual, bem como agentes de prevenção contra o HIV, confirmaram que a prática de sexo inseguro está se tornando cada vez mais comum.

Um estudo com 554 homens assumidamente homo ou bissexuais, residentes na Califórnia, apontou que 70% estavam familiarizados com o termo barebacking e que 14% já o haviam praticado, muitos em relacionamentos extraconjugais.

De acordo com a pesquisa, dos homens HIV positivos que participaram do estudo, 22% declararam ser barebackers e 10% dos negativos também tinham feito sexo inseguro nos últimos dois anos.

Não há informações sobre qual o número de pessoas em geral (homo, bi ou hetero) que pratica sexo inseguro nem sobre que motivos as levariam à auto-exposição.

### **Interesse dos jovens**

Nas principais metrópoles, o fenômeno tem chamado a atenção de jovens. Comunidades sobre o tema se espalham por sites de relacionamento como o Orkut. No Rio e em São Paulo, a adesão ganha força.

Na indústria pornô, os filmes bare são os mais procurados. No YouTube, as postagens com cenas de sexo sem o uso de preservativos lideram o ranking das mais assistidas. Muitos dos que não praticam ou não têm coragem para fazê-lo buscam o prazer lançando mão de DVDs ou de vídeos na internet. O conceito de barebacking se dissemina.

– Colocar-se frente à possibilidade de contágio do HIV por meio do barebacking traz motivações psicológicas que podem ir do sadismo ao masoquismo. A possibilidade de uma relação sexual mais livre, com maior contato íntimo e afetivo pode estar encobrindo uma caráter suicida – avalia Paulo Bonança, sexólogo e psicólogo, membro da Sociedade Brasileira de Estudos da Sexualidade Humana e da Associação Brasileira para o Estudo da Inadequação Sexual.

### **Risco assumido**

HIV positivo, o administrador T.W., 45 anos, ratifica a análise de Bonança. Para ele, os adeptos do movimento sabem os riscos da superexposição e, alguns, ressalta, desejam o contágio conscientemente:

– Quem pratica sexo sem preservativo não pode ser considerado ingênuo. Tenho um amigo casado com soropositivo. Ele pediu ao parceiro que o contaminasse. Disse que era por solidariedade, mas acho que é masoquismo.

As observações de Bonança e T.W. foram comprovadas pelo **JB** em outra festa com a mesma proposta. Dessa vez, na Zona Oeste, a mais de 60 km da reunião em Ipanema.

O encontro, realizado mensalmente em um sítio, é batizado de Vale Tudo e está em sua 17ª edição. De sunga, de cueca ou nus, exigência para entrar, os participantes se divertem ao som de funk. Dos inocentes à la Perlla aos proibidos, compostos pela “galera da comunidade”. Agora não há TVs de plasma, luz ambiente, bebidas ou petiscos sofisticados. Computador?

Nem pensar. É uma zona praticamente rural. O bar improvisado oferece cerveja em latão, sopa de ervilha, salsichão na brasa, batata frita na hora e campari. O sexo, claro, também é praticado sem timidez.

Na varanda do casarão, na sala, nos quartos, na piscina, na grama. O produtor avisa, na entrada, que os preservativos estão disponíveis.

Percebe-se o zelo pela prevenção. A maioria, no entanto, dispensa, sobretudo em se tratando de sexo oral.

As situações são muito parecidas com as da festa na Zona Sul. Geralmente, dois dão o sinal verde e, em poucos instantes, como num formigueiro, três, quatro, cinco ou dez estão reunidos em busca do prazer.

Há um ano e meio, Igor (codinome de J.C., 42 anos, professor dos ensinos fundamental e médio) produz em sociedade com Renato (A.F, 40 anos, militar), a Vale Tudo.

Garante que o encontro não incentiva o bare, é freqüentado só por maiores e que o uso de drogas é proibido. Esses são dois de cerca de 20 itens de uma espécie de manual enviado por e-mail aos convidados.

Ainda está registrado na mensagem:

- Sexo liberal entre todos. A formação de casais ou grupinhos é censurada. Estamos numa orgia e não num consultório matrimonial.

– Menor, cocaína, ecstasy, crack, maconha ou qualquer outra droga são vetados. Mas sempre há os que usam discretamente. Como posso controlar o que os convidados fazem? Se eu vir, peço que se retirem. Mas não vou colocar seguranças. Isso desconfiguraria a proposta da festa. São adultos. Cada um é responsável por seus atos – frisa Igor.

### **Mesmo sem ser em orgia, quem não usa proteção é 'barebacker'**

A prática do sexo sem o uso de preservativo continua a conquistar novos adeptos. As campanhas milionárias do Ministério da Saúde sobre o tema não têm sido lá tão eficazes como deveriam.

E apesar do conceito de barebacking estar associado a orgias freqüentadas por homens que praticam sexo com homens, qualquer pessoa, independentemente de orientação sexual, que busca o prazer sem lançar mão de camisinha é um barebacker.

Também corre o risco de ser infectado, ainda que não seja um participante assíduo das conversion parties, as polêmicas e inconseqüentes festas de roleta-russa, nas quais os convidados brincam com a possibilidade de contrair o vírus HIV.

- Como expliquei, a conceituação de barebacking se transformou ao longo dos anos – ressalta Jorge Eurico Ribeiro, coordenador de Estudos Clínicos da Fiocruz.

– Todos os que praticam sexo sem preservativo, seja homo, bissexual ou hetero, podem ser considerados, atualmente, um bare.

### **Risco permanente**

Ribeiro destaca a necessidade de de todos os que se lançam ao sexo sem camisinhas refletir sobre o polêmico tema e as conseqüências da prática. Os familiarizados com o termo e o movimento partem para o simples "sou contra" ou "sou a favor", estabelecendo-se, assim, dois lados que se mostram inconciliáveis justamente pela falta de consenso sobre a inconseqüência com que muitos homens praticam o unsafe sex. A discussão vai além.

- É importante se informar, pensar e decidir o que se pretende com isso. Ter uma vida saudável passa longe do exercício do bare. A decisão, claro, é exclusivamente pessoal. Da mesma forma que escolheram a orientação sexual, podem assim decidir o que fazer com o próprio corpo - assinala

Números divulgados pelo Ministério da Saúde sedimentam a análise do pesquisador. Em 1996, no Brasil, o índice de heterossexuais com mais de 13 anos contaminados pelo HIV era da ordem de 22,4% do total de 16.938 infectados.

Até junho deste ano, esse percentual saltou para 45,7%. Entre os homo/bissexuais houve uma redução de 32,5% (em 1996) para 27,4% (junho de 2008).

### **Preço mais alto**

Garoto de programa desde 2005, Gabriel Chaves, 22 anos, afirma ser heterossexual e ter namorada. Mas assume que, quando um cliente oferece um valor maior do que o cachê estabelecido para praticar sexo sem preservativo, não pensa duas vezes:

– Tem uns que dobram ou triplicam o valor. Eu não tenho como recusar. Com mulher também é assim. Há homens que pagam mais para transar com elas no pêlo. É um risco, mas eu, por exemplo, procuro conversar antes e, aos poucos, perceber a qualidade do cliente – conta.

Gabriel não foge à regra dos barebackers e poderá fazer parte da estatística no futuro. Embora se autodenomine heterossexual, integra o grupo HSH (Homens que praticam sexo com Homens).

Há 12 anos, o percentual de HSHs infectados era de 24%. Uma década depois, em 2006, eles já somavam 41% do total de soropositivos naquele ano.

### **Aumento dos índices**

Em 2004, a Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas Sexuais do Ministério da Saúde apontou que o índice estimado de HSHs no Brasil, entre 15 a 49 anos, era da ordem de 3,2 % da população, ou cerca de 1,5 milhão de pessoas.

A partir dessa base populacional, a pesquisa calculou a taxa de incidência da Aids nesse grupo. Foram constatados 226,5 casos para cada 100 mil pessoas. Esse índice é 11 vezes maior do que o da taxa da população geral (de heteros), que é de 19,5 casos por grupo de 100 mil.

O crescimento no número de casos, sobretudo entre os homens, está relacionado ao fato de que toda uma geração, que jamais havia tido contato direto com a Aids, atingiu uma faixa etária sexualmente ativa. Bombardeados por campanhas em favor do uso do preservativo, acabaram desenvolvendo uma certa "imunidade" a elas, crendo que a doença não é um "bicho tão feito quanto pintam".

### **Quando remédio é desculpa para ficar doente**

Difundida principalmente nos Estados Unidos (Califórnia, em primeiro lugar) e na Europa, a prática do barebacking é polêmica.

Os adeptos do bare alegam que, em função dos avanços atuais relacionados ao tratamento anti-HIV e à facilidade de acesso a ele, caso sejam contaminados não perderão em qualidade de vida.

- Temos os anti-retrovirais, medicamentos que inibem a reprodução do vírus e potencializam o sistema imunológico. Isso impede o surgimento de enfermidades oportunistas (Aids) - ressaltam.

Eles ainda defendem como ponto positivo para não abrir mão da prática o fato de a ansiedade e a angústia frente ao possível contágio pelo HIV desaparecerem, assim que se descobrem soropositivos. Isso é sinônimo de libertação, pois que o uso do preservativo passa a ser descartado.

O barebacker está à procura da relação sexual mais livre, com maior contato íntimo e afetivo. As conseqüências, no entanto, relacionadas à prática nem sempre se traduzem de forma positiva, como supõem seus praticantes. Anti-retrovirais não são os únicos responsáveis pela qualidade de vida de um HIV.

Quando expostos, de forma freqüente, a relações de alto risco, os soropositivos podem sofrer o que se chama de "recontágio", uma nova contaminação, acarretando aumento da carga viral e desencadeamento de queda de imunidade e sintomas.

Além disso, têm grande chance de contrair outras DSTs, tais com sífilis. Isso, certamente, dificultará o tratamento.

"Montar a pêlo", a tradução literal para barebacking, seria uma lenda urbana se não houvesse comprovação real da prática.

A terrível tendência de comportamento existe. Há, de fato, homens, na maioria homossexuais, que querem ser infectados pelo HIV e outros que têm o prazer de ajudá-los a tornar esse desejo realidade.

Psicólogos, antropólogos e sociólogos teorizam sobre distúrbios de comportamento ou disfunção social. Para o resto do mundo, não passam de estúpidos ou patéticos.

17:59 - 03/01/2009

## ANEXO VI - Eles não gostam da borracha

### **Título: Eles não gostam da borracha**

Autor: Marcelo Hailer

Fonte: Blog Revista A Capa em 26 de junho de 2009

Disponível em: < <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=8539>>

### **Eles Não Gostam da Borracha**

*Em tempos de campanha maciça pelo uso da camisinha, há pessoas que desenvolvem o fetiche justamente em não usar preservativo. Eles são os barebackers*

Bareback foi um termo criado pelos cowboys dos Estados Unidos, e significa “montar sem sela”. Há competições onde os montadores, seja em boi ou em cavalo, o fazem sem o aparato: direto nos pêlos do animal. Vence a disputa aquele que ficar mais tempo em cima do bicho, direto na pele.

No mundo do sexo, os adeptos desta prática não utilizam o preservativo. O fetiche aqui está relacionado ao sexo direto na carne. Na Europa e Estados Unidos, o bareback está amplamente disseminada no meio gay. Pesquisas e levantamentos de mercado apontam que filmes pornô, hêteros ou gays, nos quais os atores não se protegem, são os mais procurados e vendidos.

Os que não são muito fãs da camisinha gozam de um segundo fetiche, associado ao risco de se contrair AIDS, ou outras DSTs. Em alguns encontros de barebacks, na Europa ou EUA, o perigo excita no ritual de passar adiante o “presente”, ou “the gift”, no caso o vírus HIV. Conhecidas como festas de conversão, nestas “reuniões”, pessoas soropositivas e negativas transam sem preservativo, para assim “presentear” aqueles que ainda não se converteram.

As “Conversion Party” ainda não deram as caras pelo Brasil, pelo menos que se tenha conhecimento. Mas, em um rápido passeio pela internet, você pode encontrar filmes nacionais e comunidades no Orkut, como por exemplo, “Bareback Teen Brasil”, voltada para adolescentes, e a oficial do grupo, “Bareback Brasil”. Para entender melhor, a reportagem da revista **A Capa** entrevistou um adepto da prática. Seu nome é Fernando\*\*, 30 anos e enfermeiro. Ele conta que já pratica o bare há muitos anos e que o tesão do barebacker é “sentir pele com pele, sem algo entre você e ele. Eu particularmente broxo só de por a camisinha, pois não se sente nada, é a mesma coisa que transar com um boneco de sex shop”, diz.

Gaius Caesar é o organizador da primeira festa bareback que se tem notícia pelo Brasil. No site de divulgação do encontro, há inúmeras fotos com rapazes transando e, claro, sem qualquer tipo de proteção. Gaius diz que sua festa não tem regras. “O único objetivo é fazer com que o prazer flua da melhor maneira. Em meus encontros não coloco regras, as pessoas as criam”, afirma. No convite da festa, há um símbolo com um X sobre uma camisinha, indicando a proibição de levar preservativos ao encontro. Ainda sobre a festa, ele explica que a intenção é celebrar a liberdade. “É a liberdade, o encontro com pessoas que pensam da mesma forma, sem qualquer tipo de pudor”.

Fernando revela nunca ter participado de festas como as organizadas por Gaius. Diz também que não gosta muito, prefere fazer o encontro a dois. Sobre o risco de contrair doenças com o bareback, ele compara com o ato de se fazer comidas em microondas. “Nunca peguei DST de nenhuma espécie, trabalho na área da saúde e sei o risco que se corre. Não costumo pensar no depois, seria o mesmo que pararmos de comer coisas preparadas em microondas, pelos raios cancerígenos, ou pararmos de usar celular porque causa problema auditivo e também é cancerígeno. Se formos pensar no que não devemos fazer, não faremos nada do que é bom na vida.” Sobre os seus encontros, ele diz que sempre acerta a relação sem camisinha antes da transa. “Sempre é pré-combinado. Não tem conversa fiada.”

### **Uma questão de saúde**

Para Eduardo Barbosa, diretor adjunto do Programa Nacional DST/AIDS, não há um crescimento do bareback no Brasil. “Acreditamos que o ato ainda está muito restrito à internet”. Ao saber sobre a existência de uma festa bareback, Eduardo diz que “a lei garante a liberdade do indivíduo”. Também há o seguinte: a partir do momento que a pessoa assume tal comportamento sabendo dos riscos, ela os assume”.

Os entrevistados que praticam o bareback alegam a questão da liberdade, de não ficar preso ao medo de se contaminar e, do principal, que é sentir “a carne na carne”. Porém, vale alertar, o sexo sem camisinha pode trazer danos irreparáveis a quem gosta de fazê-lo.



## **ANEXO VII - Bareback' pode dar cadeia, dizem juristas**

### **Título: 'Bareback' pode dar cadeia, dizem juristas**

Autor: Vagner Fernandes

Fonte: Jornal do Brasil em 07 de janeiro de 2009

Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/nextra/2009/01/07/e070117428.asp>>

### **Bareback' pode dar cadeia, dizem juristas**

Vagner Fernandes, Jornal do Brasil

EDITOR DO JB ONLINE - Originário dos Estados Unidos, o *barebacking*, expressão importada dos rodeios que significa montar a cavalo sem sela, é crime. Conforme matéria publicada domingo pelo Jornal do Brasil, a prática, também chamada de roleta-russa, consiste em brincar com a possibilidade de contrair o vírus HIV em festas fechadas, em que o sexo entre homens é praticado, intencionalmente, sem preservativo. Muitos participantes querem, de fato, ser infectados pelo HIV e outros têm o prazer em ajudá-los a tornar esse desejo realidade.

– Isso é crime, e a pessoa que tem a intenção de infectar o próximo pode ser enquadrada no artigo 130 do Código Penal. Se condenada, poderá cumprir pena de um a quatro anos de reclusão. Se não houver intenção, a pena será de três meses a um ano – explica José Carlos Tortima, jurista e advogado criminal.

De acordo com Tortima, as duas hipóteses representam ação dolosa. Se o praticante do *bareback* soropositivo mantém relação sexual sem preservativo está cometendo o crime de perigo de contágio venéreo. Os artigos 131 e 132 do Código Penal também punem a prática.

Desde domingo, têm chegado à redação do JB inúmeras cartas e e-mails de leitores sobre o tema. O estilista Carlos Tufvesson, militante da causa gay no país, destaca a importância da discussão. Ele enfatiza, no entanto, que o *bare* é apreciado por uma pequena parcela de homens que praticam sexo com homens.

– Dados do Ministério da Saúde e UnAids indicam crescimento de contaminação entre os heteros, o que confirma que não se trata mais de uma prática exclusivamente homossexual – argumenta.

A observação de Tufvesson já havia sido discutida pelo médico infectologista e coordenador de Estudos Clínicos da Fundação Oswaldo Cruz, em Manguinhos, Jorge Eurico Ribeiro. De acordo com ele, todos os que se lançam ao sexo atualmente sem preservativo podem ser considerados *barebackers*.

– Isso independe de orientação sexual e da participação ou não em orgias – frisa Ribeiro.

A incidência de contaminação pelo HIV ainda é alta, mesmo em lugares onde há políticas de promoção do uso de preservativos em 100% das relações

sexuais. No Brasil, o número de casos acumulados de Aids entre 1980 e junho desse ano chegam a 506.499, sendo que 333.485 vítimas são do sexo masculino. Números divulgados pelo Ministério da Saúde ratificam a análise do pesquisador. Em 1996, no país, o índice de heterossexuais, com mais de 13 anos, contaminados pelo HIV era da ordem de 22,4% do total de 16.938 infectados. Até junho desse ano, esse percentual saltou para 45,7%. Entre os homo/bissexuais houve uma redução, de 32,5% (em 1996) para 27,4% (junho de 2008).

A inexistência de estatísticas e a falta de estudos são obstáculos para o desenvolvimento de campanhas de conscientização sobre o *barebacking*. No Brasil, até o momento, alguns tímidos estudos e artigos foram publicados. Do ponto de vista acadêmico, só uma tese de doutorado foi defendida abordando o assunto: *Desejo à flor da pele: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*, de Luis Augusto Vasconcelos, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PE).

A dissertação, de 200 páginas, apresenta uma análise detalhada sobre o movimento a partir de sites de relacionamento, como o Orkut. Cerca de 40 homens praticantes do bare foram entrevistados pelo autor.

– De modo geral, as diferentes motivações para o barebacking constituem uma região fronteiriça, de tensão, entre o prazer do contato sensorial e o risco de infecção. Dessa perspectiva, todos os praticantes parecem ter em comum um discurso sobre o prazer mais livre e intenso no sexo sem camisinha, ainda que, para alguns, este prazer esteja estreitamente vinculado a uma experiência mais excessiva ou transgressiva, inclusive por desafiar o vírus, a doença, e os limites da própria vida – sinaliza o professor.

23:43 - 07/01/2009

## ANEXO VIII - Bareback: a liberdade (des)embrulhada pra presente

**Título:** Bareback: a liberdade (des)embrulhada pra presente

Autor: [Caco Ishak](#)

Fonte: Blog Over mundo em 24 de novembro de 2008

Disponível em:

<<http://www.overmundo.com.br/overblog/bareback-a-liberdade-desembrulhada-pra-presente>>

**Bareback: a liberdade (des)embrulhada pra presente**

[Caco Ishak](#) · Belém (PA) ·

24/11/2008 16:13 ·



Logo na entrada, gritos e eucalipto, Q-ba e música alta escancaravam a festa. Contando com seu então parceiro, já era a quinta pessoa para quem um sujeito de porte pequeno se abria. Longe de estar cansado, porém. A euforia, pelo que aparentava, só fazia aumentar enquanto aparava com a boca jatos de esperma vindos de todos os lados da roda formada pelos que já haviam estado dentro

dela e por aqueles que esperavam sua vez para entrar. E nem eram os únicos. Organismos como aquele se espalhavam pelos cantos do lugar e eram desmontados e reconstruídos uns atrás dos outros, formando uma autêntica cadeia predatória. Um pequeno detalhe: entre eles, havia portadores do vírus HIV. O risco de contaminação era dos maiores, portanto. Mas ninguém se importava com isso.

Esta bem poderia ser a pintura de uma Russian Roulette Party (Festa da Roleta Russa, em que apenas o anfitrião sabe quem é o homem-bala infectado) acontecendo em alguma mansão de uma cidade avant-garde na Europa há dez anos. Não estivéssemos em 2008 e as tintas pincelassem uma sauna gay no centro de São Paulo onde soropositivos e/ou não se reúnem para a prática do bareback - cavalgada sem sela, em tradução literal. Gíria no meio homossexual americano para o sexo anal desprotegido entre gift givers (quem tem o vírus de presente para dar) e bug chasers (quem caça sarna para se coçar).

O assunto não é novidade. Já foi abordado em filme (The Gift, de Louise Hoghart, EUA – 2002) e, em terra brasilis, Caio Blat protagonizou a peça Mordendo os lábios, de Hamilton Vaz Pereira, em 2007. Ainda assim. Levado a cabo no estrangeiro como fenômeno congregacional, há até pouco tempo o universo barebacker não passava de fantasia individual pelas plagas de cá. Sexo desprotegido não passava de sexo desprotegido no Brasil. Tesão por couro no couro. Nada mais

"Houve quem já dissesse que meu comportamento era típico de um bug chaser, embora agisse à época de uma maneira completamente alienada em relação ao HIV/AIDS. Não houve namorados, não houve deslealdades - nomes e preservativos muitas vezes também não havia. Havia tão-somente encontros casuais entre outros homens e eu, de modo que não me sinto à vontade nem para me auto-atribuir inocência. Agia que nem um alienado mesmo e, no máximo, após um ou outro daqueles encontros, era acometido ligeiramente pela pergunta: quais são as chances? Mas a pergunta me assaltava e logo desaparecia, sem esforço".

Igor Zanedini tinha 22 anos quando adquiriu o vírus em 1998, recém-chegado do interior paulista à capital. O sonho acabou com um "reagente" impresso em seu exame. "A soropositividade significou para mim um utilíssimo tabefe de realidade. Mas não me ponho a me afogar em lágrimas. Só me proporcionou um senso mais apurado do mundo em seu aspecto corriqueiro, onde as pessoas se vêem às voltas com um serviço público de saúde de maior ou menor qualidade, por exemplo".

Convertido ao hinduísmo, hoje Igor leva uma "vida praticamente monástica". Barebacking, para ele, apenas em livros e internet. Pesquisando. Mera contemplação. "Pode parecer um tanto solitário e resignado, ou mesmo

pessimista, mas considero necessário vivenciar este momento de reelaboração existencial que supostamente acontece de quando em quando na vida das pessoas".

Igor, porém, não poderia mais ser enquadrado – como ele mesmo se apressa em dizer – no perfil de um barebacker "cujas ações nos encontros giram em torno da condição sorológica das pessoas, além de poder arcar com o próprio tratamento, o que acontece nos E.U.A e Europa, e que insufla no cara um sentimento de maior independência e liberdade individual". Pois aí está a palavra-chave.

Favorável ao sexo com camisinha entre todos, marido e mulher inclusos na lista - "até para pararem de produzir criancinhas que depois não saberão educar" -, RFB, soropositivo desde 1996, contudo, defende que "todas as pessoas têm o direito de tomar decisões autônomas sobre sua própria vida sexual, desde que em um contexto de ética pessoal e social". Liberdade.

O que é ético para uns, no entanto, pode não ser para outros. Bingo. RFB, ele próprio, não vê mal algum no sexo sem camisinha. Seja qual for o caso. "Quem estiver preocupado com infecção, que evite um tipo desses - porque ele claramente não se preocupa com nenhuma DST. Que bom para ele (ou mau, se contrair sífilis ou gonorréia qualquer dia). Criticar uma pessoa que está na dela, apenas exercendo um pouco de sua humanidade e se proporcionando uma liberdade que talvez por muito tempo não tenha conseguido desfrutar - algo que absolutamente não é proibido - parece mais coisa de quem tem vontade de fazer, mas não consegue transpor suas próprias limitações".

Há quem transponha. JR contraiu o vírus em 2004 aos 19 anos, numa festa bare em Porto Alegre. Ainda hoje, frequenta o mesmo círculo em que foi presenteado. Novos "sócios" entraram desde então. "Ano passado mesmo, teve um cara que me implorou olhando nos olhos para que eu lhe presenteasse. Queria que fosse eu, entende? Até que tentei, mas ele fez o exame em janeiro e não deu nada. Quem sabe da próxima?". Há quem ainda continue caçando, portanto. Alguns – como que por milagre – desde tempos. Em vão.

MR pratica bareback há mais de cinco anos e é soronegativo. Faz exames de seis em seis meses. Até o momento, nenhum vingou. Embora se proclame barebacker, diz ter medo de se infectar. "Mas o prazer sempre acaba preponderando sobre minha racionalidade". E é do alto de sua razão - apesar disso – que afirma que, caso soubesse da presença de algum soropositivo em uma festa, não participaria. Engana(-se).

"Várias vezes transei sem preservativo e não comuniquei minha soropositividade. Comuniquei depois de transar. As pessoas fizeram exame e não se infectaram. Até hoje, que eu saiba, não transmiti HIV para ninguém.

Cabem as perguntas: 'Por que as pessoas negativas que transaram comigo sem preservativo não se protegeram?', 'Por que não perguntaram meu status sorológico?'. Não é responsabilidade minha comunicar meu status sorológico. Não é responsabilidade minha cuidar da saúde dos meus parceiros. É responsabilidade deles".

Liberdade. Na visão de RFB (mesmo sendo um não-praticante responsável) e de tantos outros que, dentro dessa filosofia, praticam o barebacking mundo afora. Ainda que uns demais e outros de menos.

"Muitas não teriam feito sexo comigo e não teriam recebido a lição que eu apliquei nelas se eu tivesse dito que era portador do HIV. Veja: as pessoas se acham no direito de selecionar seus parceiros com base em sua condição sorológica. Eu me acho no direito de selecioná-los com base em suas reações a minha condição sorológica. E para isso, preciso testá-los. Não estou fazendo nada diferente do que eles fazem. Eles me testam para ver se sou 'bom caráter', segundo sua concepção do que seja isso. Eu faço a mesma coisa. Os direitos são iguais".

De fato. Pelo que consta no artigo 130 do Código Penal Brasileiro, a quem "expor alguém, por meio de relações sexuais ou qualquer ato libidinoso, a contágio de moléstia venérea, de que sabe ou deve saber que está contaminado", cabe detenção de três meses a um ano, ou multa. Nesse caso, porém, "somente se procede mediante representação". No entanto, a Aids não é considerada uma DST pela jurisprudência, já que sua transmissão também ocorre por outros meios que não o sexo (... sífilis ou gonorréia qualquer dia...).

Em 2004, o 2º Tribunal do Júri de São Paulo condenou a oito anos de prisão, por tentativa de homicídio qualificado, o motorista José Luiz Corrêa de Moura, que havia contaminado com o HIV a ex-namorada M.M.J. A decisão então inédita no país teve à época repercussão nacional e foi considerada "perigosa" por advogados que fazem assessoria a organizações não-governamentais voltadas à defesa dos direitos de portadores do HIV, uma vez que poderia ressuscitar lendas em cujos enredos as vítimas ou culpados seriam os soropositivos, dando origem a uma "caça às bruxas" para identificar os responsáveis por contaminações (Fonte: Ministério Público do Estado de São Paulo).

Em seu artigo "Aspectos jurídico-penais da transmissão da Aids", o advogado Andrei Zenkner Schmidt defende que "embora até seja possível a existência de dolo no que tange ao futuro evento morte, a imputação objetiva do delito de homicídio não se coaduna ao caso. Os avanços da medicina têm transformado, cada vez mais, a Aids numa doença crônica, caso em que estaria ausente a tipicidade objetiva do delito. Na verdade, a transmissão da doença pode originar um fato atípico, uma lesão corporal culposa, uma tentativa de lesão corporal

qualificada e, no máximo, uma lesão corporal qualificada, conforme o caso. Jamais, contudo, homicídio culposo ou doloso".

"Na verdade, as duas partes de um relacionamento têm sua responsabilidade". Palavras que bem poderiam ser de RFB, mas são do advogado Claudio Pereira, do comitê político do Fórum de Organizações Não-Governamentais de Aids do Estado de São Paulo. E, de maneira geral, dos próprios barebackers. "Levando em consideração que todos são adultos, cada um que cuide de si", diz o organizador de uma das tantas festas realizadas através da Internet - o preço a se pagar por um latifúndio de prazeres. Além da liberdade.

O caso do motorista, de todo modo, atenta para um fato relevante e reiterado várias vezes nos discursos gays: "é preciso convir que o barebacking sex constitui prática mais ou menos disseminada tanto entre homossexuais quanto entre heterossexuais e bissexuais, que ainda não assimilaram perfeitamente as campanhas de prevenção para o uso do preservativo, seja por não acharem o preservativo confortável, por confiança no parceiro, pelo desafio de contrariar o estabelecido, seja lá por qual motivo pessoal que leve as pessoas de diferentes orientações sexuais a fazê-lo".

Igor é taxativo ao não dar uma conotação restritiva à prática. Grupos de risco, para ele, é um conceito que devia ter morrido com os anos 90. "Estatísticas comprovam que entre homossexuais o hábito do sexo seguro se faz muito mais presente do que entre heterossexuais". A informação procede. Um boletim epidemiológico divulgado pelo Governo Federal em 2007 mostra que, em 1996, dos casos registrados em homens, 29,4% foram em homo/bissexuais; 25,6% em heterossexuais; e 23,6% em usuários de drogas injetáveis. Dez anos depois, no entanto, foram 42,6% em heterossexuais; 27,6% em homo/bissexuais e (apenas) 9,3% em usuários de drogas injetáveis.

"Eu e uma amiga ficamos imaginando o que ia acontecer caso alguma de nós estivesse infectada. Seria um pandemônio, porque estaríamos eu e, a partir de mim, mais uns cinco caras. No meio deles, um que depois trepou com essa minha amiga. E, a partir dela, mais uns quinze caras. Da última vez que a gente contabilizou, eram pelo menos umas vinte pessoas conhecidas. Fora aqueles com quem esses vinte devem ter ido para cama e assim por diante". Tão logo a ficha caiu, a artista plástica Bettie G. caiu junto na gargalhada. Talvez compreensível a ausência de lágrimas?

O mesmo boletim de 2007, pois, afirma ainda que, após cinco anos da infecção, mais de 80% dos portadores do HIV continuavam vivos – e bem, obrigado. Os outros 20% seriam justamente pacientes que demoraram a procurar tratamento e acabaram morrendo em decorrência de infecções oportunistas (o que foi confirmado por um novo balanço divulgado em fevereiro deste ano).

Foi de olho nesses resultados e em estudos de vários outros países, que a Suíça se tornou, em janeiro, a primeira nação a reconhecer oficialmente que, sob tratamento anti-retroviral, portadores de HIV podem ter sexo sem preservativo e sem risco de contágio – inclusive para gerar filhos saudáveis e concebidos após infecção.

De acordo com o comunicado da Comissão Suíça para Questões Ligadas à Aids (CFS, na sigla em francês), "uma pessoa portadora de HIV, submetida a uma terapia anti-retroviral que funcione, não transmite o vírus da Aids através de contatos sexuais". Não que seja assim tão simples. Três condições básicas são exigidas: que a terapia tenha combatido o vírus de tal forma que ele não seja mais encontrado no sangue durante seis meses; que esta mesma terapia seja religiosamente seguida pelo paciente e regularmente controlada pelo médico; e, claro, que o paciente não tenha outras DST.

"Se a CV (carga viral) da pessoa está aumentando, significa que o vírus está se replicando e, logo, sofrendo mutações. E se a pessoa não toma medicamentos corretamente, permite também que o vírus se replique e, logo, sofra mutações". RFB arremata mais uma. Ou seja: não siga os três passos e tudo vai por água abaixo. E assim entramos no tópico reinfecção.

Infectologistas afirmam que o sexo desprotegido entre portadores do HIV pode mudar a relação da quantidade de vírus presente nos organismos (a dita CV) com a capacidade de defesa do corpo de cada pessoa - o CD-4 (grave esse nome).

"Os vírus que todo portador tem (não importa qual seja o tipo) sofrem mutações quase todas as vezes que se reproduzem. As mutações, por sua vez, também vão mutando e podem inclusive voltar a ser o que eram - muitas nem vingam. Conclusão: é bastante fútil para um portador de HIV temer adquirir uma cepa resistente de outro portador, sendo que ele próprio tem todo o potencial de produzir uma a qualquer momento, principalmente se não estiver tomando ARV's". RFB é professor. Dizendo ele, ganha o respeito de seus alunos dominando o conteúdo sobre o qual versa.

De seus alunos. Do infectologista Alberto Tibúrcio, não. "A reinfecção poderia prover um modo para o HIV ganhar rapidamente fitness (capacidade de replicação). Isto poderia ser através de recombinações entre as duas cepas presentes. E é um maior fitness viral que determina as conseqüências clínicas da reinfecção. Reinfecção significa invariavelmente progressão clínica da infecção? Não, se a nova variante do vírus tiver fitness semelhante à primeira variante adquirida. A infecção crônica pelo HIV não garante, porém, que a pessoa esteja imune a uma reinfecção. Pergunta-se: é um fenômeno comum ou consequência de um déficit imunológico específico individual?". Quem sabe um dia, a resposta virá.



Enquanto não vem, eles cavalgam. Livres agarrados ao pêlo. Uns mais ortodoxos, talvez, outros nem tanto. Uma coisa miscigenada. Desorganizada. Um samba do crioulo doido bem nosso. Mas que compartilha algo em comum com todos os dois milhões de europeus e sete milhões de americanos barebackers que puxam o gatilho na dúvida de que se vem bala (embora sempre sem papel) ou não. A perda do medo em tempos de Aids.

"Tanto o medo cultivado há décadas com relação ao HIV/AIDS, quanto aquele falar à toa de quem diz 'Pouco me importa. Hoje, há o coquetel' e que poderia sugerir um destemor com relação a uma possível contaminação - um e outro não passam de posicionamentos pessoais advindos da ignorância auto-infligida. Nem excessivamente simples, nem excessivamente complicado". A liberdade de Igor.

## **ANEXO IX - Réu é condenado por passar Aids para a namorada**

**Título: Réu é condenado por passar Aids para a namorada**

Autor: James Gavin

Fonte: Blog Consultor Jurídico em 26 de Julho de 2007

Disponível em:

< [http://www.conjur.com.br/2004-out-28/reu\\_condenado\\_passar\\_aids\\_namorada](http://www.conjur.com.br/2004-out-28/reu_condenado_passar_aids_namorada)>

### **NOTÍCIASÉ CULPADO**

#### **Réu é condenado por passar Aids para a namorada**

O Conselho de Sentença do 2º Tribunal do Júri de São Paulo condenou José Luís Corrêa de Moura a oito anos de reclusão, em regime integralmente fechado, por tentativa de homicídio qualificado feito por meio insidioso. O julgamento foi presidido pelo juiz Tércio Pires.

O réu -- que era portador do vírus da Aids -- repetidas vezes, durante o período de dois anos, manteve relação sexual com Marta Margarete Joffre, contaminando-a com a doença.

Os jurados entenderam que ele assumiu o risco de causar a morte de Marta, agindo de “animus necandi” eventual. A vítima ainda não morreu.

Na denúncia, o promotor de Justiça Sérgio de Assis argumenta que o acusado tinha relacionamento amoroso com a vítima e que, sabendo ser portador do vírus, manteve várias vezes relações sexuais com ela sem a devida proteção e deixando de informá-la da doença.

Insatisfeito com a decisão do 2º Tribunal do Júri o réu, representado pelo advogado Luiz Carlos Magalhães, recorreu da sentença ao Tribunal de Justiça.

Out Magazine - by **James Gavin** - Jul. 26, 2007

**ANEXO X - Dois ativos querendo caras deliciosos para fudermos!  
Sempre com fotos/filmes sem aparecer rosto**

**Título: “Dois ativos querendo caras deliciosos para fudermos! Sempre com fotos/filmes sem aparecer rosto”.**

Autor: os morenos

Fonte: Web videolog “morenos 1972”

Disponível em: <<http://morenos1972.blogspot.com/>>

Obs: Por tratar-se de filmes este documento está disponível apenas on line.

**ANEXO XI - Bareback, sexo sem camisinha: Entrevista com barebacker a aumentar o prazer**

**Título: Bareback, sexo sem camisinha: Entrevista com barebacker a aumentar o prazer**

Autor: Darlan Alvarenga

Fonte: Blog Farofa Digital em 14 de fevereiro de 2004

Disponível em:

<[http://www.farofadigital.com.br/sexologia\\_barebac.htm](http://www.farofadigital.com.br/sexologia_barebac.htm)>

Obs: Documento não disponível para cópia.

## **ANEXO XII - Barebacker' continua a se relacionar com quem o contaminou**

**Título: 'Barebacker' continua a se relacionar com quem o contaminou.**

Autor: Vagner Fernandes

Fonte: Jornal do Brasil em 03 de janeiro de 2009

Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/extra/2009/01/03/e030115675.html>>

### **'Barebacker' diz que continua a se relacionar com quem o contaminou**

Vagner Fernandes, Jornal do Brasil

RIO - Geógrafo e cientista social, com duas pós-graduações, R.H., 31 anos, descobriu o prazer por meio do barebacking há quatro anos. Desde então, participa com frequência de festas em que homens praticam sexo com homens sem preservativo.

Ele conta que contraiu o vírus HIV em uma dessas reuniões, explica por que faz sexo inseguro e ressalta que não se sente culpado por onerar os cofres públicos em decorrência da irresponsabilidade da prática.

Que motivos o levaram ao barebacking?

Primeiro por ser um fetiche. Segundo, e mais importante, porque é muito melhor, mais prazeroso. O sexo sem camisinha é mais gostoso.

Mas o que você tem contra ao uso do preservativo?

A camisinha é uma m..., interromper a relação para colocar a camisinha é uma m... Ela aperta, não é confortável, deixa o p... feio. Eu não gosto.

Como fica sua família nessa situação?

Meus pais sabem que sou gay, mas não soropositivo. Pretendo ocultar ao máximo. Sou temporão. Eles têm idade avançada. Meu pai é médico. Sou de uma família de médicos.

Você tem, então, todos os recursos informativos que poderiam levá-lo a evitar a prática do bareback?

Sim. E a grande maioria dos barebackers é bem formada e informada. Militei em ONG gay e distribuía preservativos. Houve uma situação interessante numa dessas ações. Fui entregar uma camisinha e a pessoa me respondeu: "Não uso". Minha libido se alterou na hora. As pessoas estão cansando de usar o preservativo. E não são necessariamente barebackers. No Rio, sobretudo, está assim.

Há uso de drogas nessas festas?

Poppers (uma espécie de lança-perfume), pó (cocaína), bala (ecstasy) e todas as drogas envolvidas no sexo levam a uma sensação de liberdade. Então, quem usa não vai lançar mão de camisinha, que limita o prazer delas.

Você só pratica sexo com soropositivos? Ou também com HIV negativos?

Isso nunca foi uma preocupação para mim. Sou positivo há cinco meses. Nos últimos três anos, praticava sexo inseguro com mais frequência. Acho até que demorei muito. Paguei para ver e não me arrependo. Comecei a buscar mais e mais, consciente dos riscos. Até mesmo perder o namorado.

Você tinha namorado e continuava no bare? Ele sabia?

Não, embora desconfiasse. Mas a gente fazia sexo com preservativo. Quando descobri, contei para ele. Terminamos a relação. Ele sabia que eu transava com outros e aceitava. Mas desconhecia de que forma isso se dava. O conceito de fidelidade para nós estava relacionado a outro nível de confiança que não exclusivamente o sexual.

O barebacking não pode ser uma fantasia apenas, algo isolado?

Não, quem pratica quer mais e mais. Não há médico, jornalista, antropólogo, líder religioso que consiga me convencer do contrário. Isso é um risco. Mas é assim que funciona. E ponto.

Você busca o prazer acima de qualquer coisa...

O sexo é prioridade. Não digo que está acima de qualquer coisa, mas não sei o que poderia estar.

Você teme a morte?

Tenho mais medo de outras coisas. Da solidão, das pessoas se afastarem de mim por causa da doença. Meu namorado me abandonou por causa disso. Fiquei mal, eu o amava.

Mas você procurou isso, não?

Sim. Pensei em parar. Mas o bare é mais forte do que eu.

Se encontrar um parceiro que lhe peça uma relação sem camisinha, como reagirá?

Vou revelar que sou soropositivo. Se ele continuar desejando... Isso nunca aconteceu. Hoje em dia prefiro os positivos.

O sucesso do programa de combate à Aids no Brasil influencia?

Claro. Há alguns anos se morria em pouco tempo. Hoje não.

Não é um egoísmo irresponsável? Você não pensa que será um ônus para o governo?

Fico mais preocupado com as pessoas que gostam de mim e que não desejariam ver meu sofrimento. Com relação aos gastos do governo, nunca passou pela minha cabeça. Ele ajuda mais a uma mulher cujo marido transou com uma prostituta ou com outro homem e acabou contaminando-a. Há uma série de direitos constitucionais que me são vetados porque sou gay. Não estou nem aí para o fato de ser um ônus para o governo.

Quanto à pessoa que o infectou, você contou para ela? Continua a encontrá-la?

Sim. Transei com ele nesse fim de semana. E sem camisinha.

Qual a sua expectativa em relação ao futuro?

Espero durar mais um pouco, não adoecer enquanto meus pais estiverem vivos. Espero encontrar alguém para amar, porque deixei de acreditar nessa possibilidade desde o término do meu namoro. Só chorei por causa da descoberta depois que revelei a ele e o namoro acabou.

Você desejava ser infectado?


Nunca pensei dessa forma. Sempre fiz exames regularmente. Mas, como demorou muito, achei que poderia acontecer algum dia. Hoje me sinto, de certa forma, aliviado. Agora, quando quero, fico 48 horas transando e pronto. Meus últimos fins de semana têm sido frenéticos.

Você não acha que isso poderia passar com tempo, que seria algo da idade?

Pelo que vejo, não. E, cada vez mais, observo jovens de 18, 20 anos fazendo isso. É com drogas na cabeça. Como disse, já usei, e ainda uso eventualmente, algumas coisas, como pó, bala, GHB (o ecstasy líquido), poppers, key (Special K, produzido a partir de um anestésico veterinário para animais de grande porte).

Há um que nunca usei: o crystal meth (derivado da heroína). Mas por falta de oportunidade. No Rio, o pó é muito usado. Há pessoas que não usam nada no bare, mas a maioria não dispensa.

O poppers, por exemplo, dão um tesão absurdo. Todo mundo gosta por causa disso. É a droga gay. E mesmo quem não faz barebacking quando usa a droga acaba transando sem preservativo, porque ficam loucos. Foge ao controle.

**[18:06] - 03/01/2009 -  RSS**

## **ANEXO XIII - Procura-se HIV**

Titulo: **Procura-se HIV**

Autor: Iuri

Fonte: Blog baquiátrico

Disponível em:

<<http://saoasvozesquemadam.blogspot.com/2004/08/procura-se-hiv.html>>

Obs: Documento não disponível para cópias



## ANEXO XIV - As alucinantes noites dos camicases

**Título: As alucinantes noites dos camicases**

Autor: Adriana Dias Lopes

Fonte: *Revista VEJA*, [Edição 2080 de 1º de outubro de 2008](#)

Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/011008/p\\_096.shtml](http://veja.abril.com.br/011008/p_096.shtml)>

### Comportamento

#### As alucinantes noites dos camicases

**Um novo perfil de paciente chega ao consultório dos infectologistas: jovens com menos de 25 anos que, embalados por álcool e drogas, deixam a camisinha de lado e se contaminam com o HIV**

Adriana Dias Lopes

*"Sempre soube da importância da camisinha. Minha mãe insistia para que eu nunca saísse de casa sem ela. Certa vez, na escola, uma professora demonstrou como usar o preservativo. Achei patético. Aquilo não era para mim. No fundo, achava que aids era coisa de gay. Aos 16 anos, no início da minha*

*vida sexual, eu até usava camisinha, com medo de engravidar as meninas. Depois, desencanei por causa da bebida. Sob o efeito da cerveja e do uísque, aí é que a camisinha não saía mesmo do meu bolso. Meus amigos também agem assim. Há três semanas eu descobri que tenho o vírus HIV. É óbvio que eu tomei um susto. Mas agora estou mais tranqüilo. Daqui a uns dias vou começar a tomar o coquetel contra a aids. Sei que terei uma vida normal."*

O relato do estudante paulistano A.K., de 21 anos, é aterrador. Impressiona pelo descaso com o sexo seguro e, agora, pelo modo como enfrenta a infecção pelo HIV. Ele não é uma exceção. Rapazes e moças como A.K. se tornaram figuras freqüentes nos consultórios dos grandes infectologistas brasileiros: jovens de classe média, com menos de 25 anos, contaminados pelo vírus da aids em baladas regadas a muito álcool e drogas. "Em 28 anos de consultório, nunca vi tamanho desdém pela proteção sexual", diz Artur Timerman, infectologista do Hospital Albert Einstein, em São Paulo. "E esse descaso é provocado pelo abuso de bebidas alcoólicas e substâncias entorpecentes." Oficialmente, a ocorrência de aids entre os jovens de 13 a 24 anos mantém-se estável nos últimos cinco anos. Eles representam 10% do total de infectados no país a cada ano, o que equivale a cerca de 3.000 casos. "Mas é urgente que essa rapaziada

**VEJA TAMBÉM**

**Nesta** **reportagem**

• [Quadro: Brincando com fogo](#)

**Exclusivo**

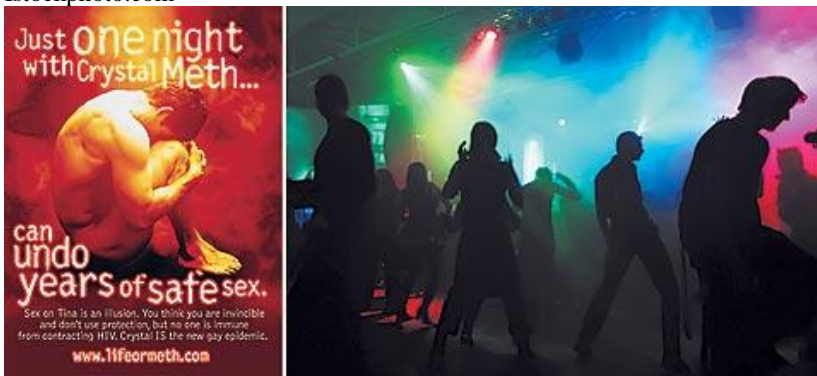
**on-line**

• [Mais sobre aids](#)

mude de comportamento já", alerta o infectologista David Uip, do Hospital Sírio-Libanês. "Do contrário, prevejo uma explosão da contaminação por HIV entre os jovens." Até recentemente, os portadores do vírus com menos de 25 anos que chegavam ao consultório de Uip eram, no máximo, três por ano. De 2007 para cá, o médico passou a atender, em média, um paciente com o mesmo perfil por mês. "Estou estarrecido com a postura camicase desses garotos", afirma o infectologista.

Em algumas situações, o comportamento irresponsável adquire contornos suicidas. Comum entre os gays americanos desde os anos 90, vem ganhando força no Brasil a prática do *bare-backing*, em que homossexuais masculinos se expõem voluntariamente ao vírus da aids em relações sem proteção. A expressão *barebacking* pode ser traduzida como "cavalgada sem sela". Nessa roleta-russa da aids, um portador do HIV é chamado a participar de uma orgia. Ele pode ou não receber dinheiro por isso. Quando é contratado, o valor fica em torno de 3.000 reais. Batizado de "*gift*" (presente, em inglês), o soropositivo não é identificado. Todos os outros convidados, porém, sabem que na festinha há pelo menos um portador do HIV – e se divertem com o risco de ser infectados. Essa maluquice é protagonizada, em geral, por homens de 16 a 30 anos. Aos 48 anos, R.F. está contaminado há quinze. Já participou de uma dezena de *barebackings*. Num deles, foi o "presente", mas pediu para ser identificado. "Apesar do lenço vermelho amarrado no braço, o que denunciava o HIV, muitos quiseram ter relações comigo sem camisinha", conta R.F.

Istockphoto.com



### Campanha anti-aids

**Cartaz de alerta sobre os riscos oferecidos pelo crystal, droga muito disseminada entre os gays americanos: "Basta uma noite com o crystal para jogar fora anos de sexo seguro"**

As drogas que alavancam o comportamento sexual irresponsável – tanto de homossexuais como de heterossexuais – podem ser pesadíssimas. Além da onipresente cocaína, consome-se bastante o chamado special K, um anestésico

de cavalo com efeito alucinógeno arrebatador. Outra droga que começa a despontar no Brasil é o crystal. Derivado da anfetamina, ele é muito comum nas festas gays. Nos Estados Unidos, onde o seu uso está amplamente disseminado, o crystal é alvo de campanhas antiaids por favorecer enormemente o sexo sem proteção. Um estudo publicado no *Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes* mostra que o crystal aumenta em 46% o risco de infecção pelo HIV. O álcool, por sua vez, quando consumido em excesso, quintuplica a probabilidade de um jovem fazer sexo sem proteção. Com a palavra a gaúcha C.A., secretária de 28 anos:

*"O abuso de bebida na adolescência me levou a ter aids. Quando completei 18 anos, conheci um cara que adorava beber e eu passei a acompanhá-lo nas bebedeiras. A partir do nosso terceiro encontro, abandonei o preservativo. O álcool distorcia a minha visão da realidade. Dois meses depois do início do relacionamento, nós nos separamos. Sete anos mais tarde, por causa de uma febre alta que não cedia, descobri que estava com aids. Desconfio que peguei a doença daquele namorado. Mas não tenho certeza porque depois dele voltei a fazer sexo sem proteção. Infelizmente, existe a possibilidade de eu ter infectado outras pessoas sem saber".*

Um estudo conduzido pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo revela que 44% dos brasileiros recém-diagnosticados com HIV (14.000 pessoas ao ano, segundo as estatísticas oficiais) só descobrem a infecção com a manifestação dos primeiros sintomas da doença, como aconteceu com a secretária C.A. Em média, da infecção aos primeiros sinais da doença transcorrem sete anos. Ou seja, ao longo de todo esse período, homens e mulheres infectados podem pôr a vida de outras pessoas em risco – além da sua própria. Graças à evolução dos coquetéis de remédios, os jovens de hoje formam a primeira geração que não presenciou a devastação causada pelo HIV nos anos 80. "Para essa juventude, a aids parece ser uma realidade distante", diz o sanitarista Alexandre Grangeiro, coordenador do trabalho da USP. "Além disso, como os retrovirais estão mais eficazes, os jovens superestimam os efeitos dos medicamentos e acreditam que podem tratar a aids como um mal crônico qualquer." De fato, tais remédios têm tudo para garantir uma longa vida ao jovem A.K., o estudante de 21 anos que acaba de se descobrir portador do HIV. A "normalidade" que ele imagina, no entanto, é uma ilusão. Apesar de todos os progressos na área farmacêutica, conviver com o HIV não é tão simples assim. Os remédios só fazem efeito se tomados à risca, apresentam efeitos colaterais desagradáveis e a quantidade pode chegar a nove comprimidos diários. O melhor é não ter de tomá-los. Muito melhor é ter responsabilidade.

**VEJA Edição 2080** 1º de outubro de 2008  
 C:\Users\Administrador\Desktop\Documents\TUDO SOBRE A  
 DISSERTAÇÃO\REVISTAS\Revista VEJA Edição 2080 1º de outubro de  
 2008.mht.